Os Profetas Menores – volume 2
(Explicação do livro de Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque)

Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara ágape
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

Os Profetas Menores – volume 2
(Explicação do livro de Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque)

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – Abril 2018

Aos verdadeiros profetas de Deus.

Agradeço ao Senhor pela Sua força e fidelidade às Suas promessas, dando-me perseverança, mostrando sempre a Sua verdade e alargando a minha visão interior para enxergar Sua grandeza e soberania sobre toda a Sua criação.

“Sim, as minhas palavras fazem bem ao que anda retamente” (Mq 2: 7b).

“Todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação” (Hc 3: 18).

Introdução

Este livro dá continuidade ao vol. 1 (sobre Oséias, Joel, Amós, Obadias). Ele surgiu na seqüência do estudo sobre o livro de Isaías, como uma curiosidade da minha parte a respeito dos profetas do Antigo Testamento, com a sede de conhecer mais profundamente o que eles queriam dizer em cada versículo. Eu procurei saber como situar a profecia na História, quais os personagens a quem eles estavam se referindo, a localização das cidades ali citadas e as figuras de linguagem usadas na época que me dessem mais entendimento sobre os escritos dos profetas.

Todos os profetas foram usados por Deus para profetizar sobre a vinda de Jesus, em quem as profecias se cumpriram. Na verdade, a vinda de Cristo foi um plano de Deus Pai que surpreendeu a humanidade no que ela pensava a respeito da Sua justiça e da Sua capacidade de restituir Seus filhos. Embora sendo usados por Deus para revelar Seus projetos aos homens, os profetas daquela época tinham os pensamentos permeados com a opinião humana e a visão limitada de algo que não conseguiam entender nem imaginar (1 Co 14: 32). Em outras palavras, eles não poderiam imaginar que o Pai enviaria Jesus da forma que enviou, enfatizando o Seu reinado espiritual e mostrando à humanidade que ela precisava ser restituída de algo muito maior do que havia perdido no sentido material como casas, terras, propriedades e o poder de governar súditos; o homem precisava entender que a coisa mais preciosa que ele havia perdido era a sua intimidade com Deus e a inocência que um dia esteve presente com um ser semelhante a ele no Éden. Também precisava conhecer seu verdadeiro inimigo.

Jesus trouxe uma nova dispensação para a humanidade, que foi como um 'Apocalipse' para as pessoas daquele tempo (Isaías é um exemplo disso), como uma nova Criação. Apocalipse significa 'revelação'. Ezequiel, Daniel, Zacarias, Joel e outros, sem dúvida, deixaram algo sobre os eventos escatológicos, mas é Jesus quem mais nos dá a certeza dos acontecimentos presentes e futuros através da Sua profecia colocada nos evangelhos. O que acontece hoje e vai acontecer na Sua segunda vinda é resultado do que Ele profetizou sobre o final dos tempos. A Sua profecia está se cumprindo. Vendo sob certo ângulo, sobrou pouco dos profetas do AT para ser cumprido ainda como um evento apocalíptico (escatológico), principalmente para quem já tem a salvação em Cristo. A maior parte das profecias já se cumpriu. Jesus deixou, por assim dizer, o que é importante para nós sabermos sobre a Sua segunda vinda; e Seus apóstolos João e Paulo deixaram sua complementação sobre o tema, usando as palavras dos profetas do AT para corroborar seus escritos e as revelações dadas por Deus a eles. Em relação aos judeus já é outra história.

Nos escritos dos profetas menores nós podemos ver praticamente a mesma mensagem sendo entregue várias maneiras diferentes: buscar a Deus, deixar a idolatria e crer na Sua justiça sempre presente, obedecendo-lhe em tudo para não provocar Sua ira e Seu juízo, que infalivelmente vêm sobre os que cometem perversidade. Podemos ver, sobretudo, Sua misericórdia e longanimidade dando sempre ao homem uma chance de se arrepender e ser abençoado. Nenhum dos profetas mediu as palavras, mas exortaram o povo como atalaias do Senhor, conscientizando-os sobre seu pecado.

Que o Espírito Santo seja o seu guia e professor nesta leitura!

Tânia Cristina

Notas:
• A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
• As palavras ou frases colocadas entre colchetes *[ ]* ou parêntesis *( ),* em *itálico*, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em itálico.
• NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
• Em alguns textos, nós vamos usar a 'Concordância Lexicon Strong'. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV o no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org).
Fontes de pesquisa:
• Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.
• wikipedia.org e crystalinks.com (para algumas imagens).

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Índice

Jonas
Introdução 8
Capítulo 1 13
Capítulo 2 16
Capítulo 3 19
Capítulo 4 23

Miquéias
Introdução 25
Capítulo 1 26
Capítulo 2 34
Capítulo 3 36
Capítulo 4 38
Capítulo 5 41
Capítulo 6 45
Capítulo 7 48
Conclusão 50

Naum
Introdução 52
Capítulo 1 53
Capítulo 2 58
Capítulo 3 68
Conclusão 71

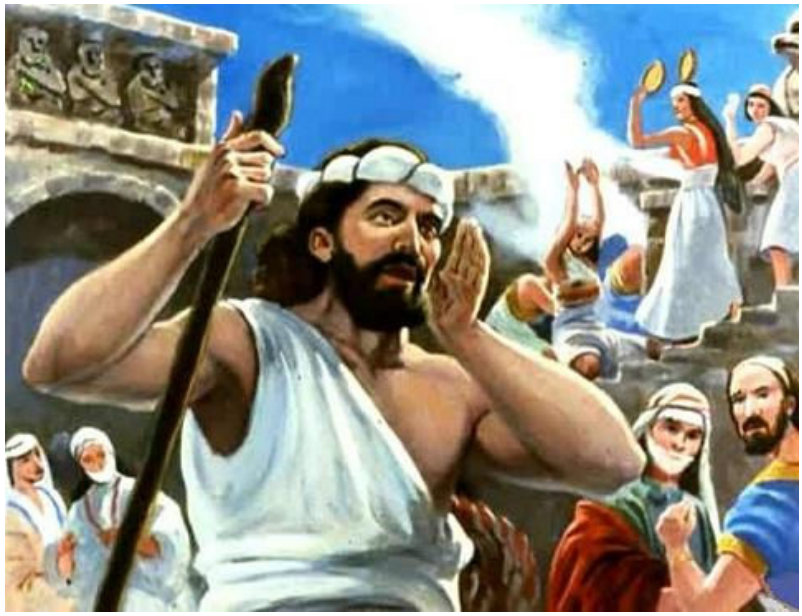
Habacuque
Introdução 72
Capítulo 1 73
Capítulo 2 76
Capítulo 3 79
Conclusão 83

Volumes 1 e 3 deste livro:
https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores1.pdf
https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores3.pdf

Jonas

Jonas (do hebraico יוֹנָה, Yonah; em latim, Ionas) significa ‘pomba’. Foi profeta do reino do norte e atuou entre 785 e 750 AC, durante o reinado de Jeroboão II de Israel (782-753 AC). Seu pai se chamava Amitai (2 Rs 14: 25; Jn 1: 1). Jonas era procedente de Gate-Hefer (gath-hahepher, ‘lagar do poço’, ‘buraco’), na fronteira de Zebulom com Naftali (Js 19: 13). É identificada com a atual aldeia de el-Meshhed, a cinco quilômetros a nordeste de Nazaré. Jerônimo (século IV DC) disse que seu túmulo ficava a cerca de três quilômetros de Seforis, que coincidiria com Gate-Hefer.

Jonas também atuou no período dos reis Assírios: Adadenirari III (811-783 AC), Salmaneser IV (783-773 AC); Assurdã III (773-755 AC) e Assurnirari V (755-745 AC), quando Israel estava ainda sem interferências da Assíria. Não se sabe em que período foi feita a pregação em Nínive.



Palco político na época:

Na época de Jeroboão II (782-753 AC – 2 Rs 14: 23-29), a opressão da Síria tinha diminuído sobre Israel devido às vitórias que Deus tinha dado a Jeoás, o pai de Jeroboão II (2 Rs 13: 22-25), e este resolveu estender suas fronteiras (2 Rs 14: 25-28) e a desenvolver um comércio lucrativo, o que criou uma poderosa classe de negociantes em Samaria. Mas a riqueza não era distribuída equitativamente entre o povo. Permanecia nas mãos dos negociantes ricos. A opressão contra os pobres era comum (Am 2: 6). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos. Além da anarquia política, havia a idolatria, que tinha voltado a predominar em Israel, após a morte de Elias e Eliseu. O povo de Israel estava em pecado (2 Rs 17: 7-23), pois seguiram os passos de Jeroboão I (931-910 AC): temeram a outros deuses, ao invés de temer o Senhor; andaram nos estatutos das nações pagãs e nos costumes estabelecidos pelos reis de Israel (1 Rs 12: 25-33); edificaram para si altos idólatras; levantaram colunas e postes-ídolos para adorar; queimaram incenso em todos os altos; cometeram ações perversas para provocarem o Senhor à ira e serviram os ídolos, em especial os dois bezerros de ouro de Jeroboão I; fizeram um poste-ídolo, e adoraram todo o exército do céu, e

serviram a Baal; queimaram a seus filhos e a suas filhas como sacrifício, deram-se à prática de adivinhações e criam em agouros.

Quanto a Jeroboão I (1 Rs 12: 25-33), o rei de Israel (as dez tribos que se separaram), com medo de que o povo voltasse a adorar em Jerusalém e retornasse para Roboão, fez dois bezerros de ouro e disse ao povo que aqueles eram os deuses que os fizeram sair do Egito. E pôs um em Betel e o outro, em Dã. Também fez santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Ali se queimava incenso. A seu bel-prazer instituiu uma festa no 15º dia do 8º mês, igual à festa dos Tabernáculos que se fazia em Judá, e sacrificou no altar em Betel e em Dã. Os filhos de Israel andaram em todos os pecados que Jeroboão I tinha cometido. Por isso, Deus os rejeitaria e os entregaria nas mãos dos assírios. Mais tarde, Judá seguiu o exemplo de Israel.

Reis da Assíria durante o exercício profético de Jonas:

• **Adadenirari III** (811-783 AC) foi o pai dos reis: Salmaneser IV, Assurdã III e Assurnirari V. Fez campanhas militares até 783 AC, e construiu o templo de Nabu (Nebo) em Nínive. Ele foi um general vigoroso e vitorioso que beneficiou Israel pelas campanhas que fez, derrotando Edom e Damasco. Esta cidade era governada por Ben-Hadade III (796-770 AC; Mari' era seu título aramaico), filho de Hazael (843-796 AC), que foi pego de surpresa pelo ataque assírio e se refugiou atrás das muralhas, mas teve que pagar como tributo 23.000 talentos de prata, 20 de ouro, 3.000 de cobre e 5.000 de ferro, além de outros objetos de marfim e madeira. Isso ocorreu no tempo de Jeoás (798-782 AC), rei de Israel, e Amazias (796-781 AC), rei de Judá. Essa ação assíria contra Damasco permitiu que Jeoás recuperasse algumas aldeias do norte de Israel que foram perdidas para Hazael, da Síria, no tempo de seu pai, Jeoacaz (2 Rs 13: 22-25).

Segundo as inscrições assírias, as tribos da Média, ao nordeste, partes do planalto iraniano e os domínios ao norte da Assíria (Nairi, Hatti e o reino de Urartu) se tornaram seus vassalos no reinado de Adadenirari III. Nairi, em assírio, significa 'terra dos rios',

que era a palavra com a qual nos séculos XIII-X AC se chamava o território depois conhecido como a Anatólia oriental, hoje o sudeste da Turquia. A Hatti ficava mais ao noroeste de Nairi e ao norte da Síria, e o reino de Urartu a nordeste de Nairi. Outros estados ao ocidente também pagaram tributo ao império assírio: Tiro, Sidom, Israel ('a terra de Onri', como está registrado nos documentos assírios), Edom e Filístia (chamada de Palastu) e Amurru (Síria, próximo ao Líbano). Nesta época houve paz na Assíria, pois o rei edificou um novo palácio em Calá. Após sua morte, a Assíria entrou em um longo período de fraqueza. Adadenirari III foi sucedido pelo seu filho Salmaneser IV.

• Há muito poucas informações sobre o reinado de **Salmaneser IV** (783-773 AC), apenas que durante três anos (781-778 AC) conduziu várias campanhas contra o reino de Urartu, um reino ao norte da Assíria, uma aristocracia militar composta de muitas tribos que o império assírio reivindicava como sendo suas. Seu deus principal se chamava Khaldis, por isso, chamavam sua nação de Khaldia. Depois, foram mais duas campanhas contra Urartu (776 AC e 774 AC). Em várias ocasiões, o exército assírio foi forçado a recuar. Essa perda de prestígio provocou uma revolta em Damasco e grandes distúrbios no norte da Síria. Embora molestado pelo rei de Urartu, conservou a pressão contra Damasco, e isso ajudou Jeroboão II a estender as fronteiras de Israel até Beq'a ('entrada de Hamate'). Este resolveu estender suas fronteiras, portanto, conquistou Hamate e Damasco (2 Rs 14: 25-28). O reinado de Salmaneser IV foi severamente limitado pela influência de Shamshi-ilu (Šamši-ilu), que era o comandante-em-chefe do exército, e essas dissensões internas enfraqueciam o reino, pois a sucessão era incerta. Foi sucedido pelo seu irmão Assurdã III.

Hamate

• O reinado de **Assurdã III** (773-755 AC), também filho de Adadenirari III e sucessor do irmão, Salmaneser IV, foi uma época difícil para a monarquia assíria, que continuava limitada pela influência de Shamshi-ilu (Šamši-ilu), o comandante-em-chefe do exército. Em 765 AC a Assíria foi atingida por uma praga, e no ano seguinte, o rei

não pôde fazer campanha, o que era um costume anual. Em 763 AC estourou uma revolta na cidade de Harã, que foi saqueada, e outra na província assíria de Gozã. Essa revolta no norte do império foi marcada por aquele 'sinal de mau presságio', um eclipse quase total do sol (15 de junho de 763 AC), o eclipse de Bur Sagale (Bur-Sagale era o governador de Gozã). A tal revolta durou até 759 AC, quando houve outra praga no reino. Com todos esses incidentes, o ocidente estava livre para reagrupar-se a fim de resistir a novos ataques assírios. Assurdã III foi sucedido por outro irmão, Assurnirari V.

• **Assurnirari V** (755-745 AC) era um filho de Adadenirari III, e sucedeu a seu irmão, Assurdã III. Ele herdou uma situação difícil de seu antecessor, por causa de Shamshi-ilu, o comandante-em-chefe do exército (tartanu ou turtanu), e que ainda limitava as ações do rei. Este ficou quase quatro anos sem fazer campanhas militares, e isso indicava um reinado seriamente enfraquecido. Finalmente, no 4º e 5º anos do seu reinado Assurnirari V fez uma campanha contra Nanri (ou Namar, em Persa; romanizado como Namār; também conhecido como Namārestāq, Namāristāq e Namāristōq), nome dado a um distrito do atual Irã. Em 746 AC houve outra revolta no império e, no ano seguinte, Tiglate-Pileser III tomou o trono da Assíria durante uma guerra civil pela sucessão do trono e matou a família real. Embora ele tenha se assumido como um filho de Adadenirari III, essa reivindicação parece incerta. A lista de reis assírios o coloca como filho de Assurnirari V, um dos filhos de Adadenirari III. A lista também descreve Salmaneser IV, Assurdã III e Assurnirari V como irmãos; todos eles, filhos de Adadenirari III. Pouco ou quase nada existe nos registros assírios sobre Adadenirari III, Salmaneser IV e Assurdã III. Mas há uma informação interessante sobre uma estela de alabastro descoberta em 1894 em Tell Abta, mostrando o nome de Tiglate-Pileser III impresso sobre o de Salmaneser IV, o sucessor de Adadenirari III. Juntando este achado com a ausência de informações sobre Salmaneser IV e Assurdã III, fica muito forte a hipótese de que Tiglate-Pileser III era, realmente, um usurpador do trono, e que ele destruiu os registros de seus três predecessores imediatos: Salmaneser IV, Assurdã III e Assurnirari V (fonte: Wikipedia.org).

Resumindo: no período de 783-745 AC (nos reinados de Salmaneser IV; Assurdã III; Assurnirari V), a soberania assíria esteve fortemente limitada devido à influência de dignitários da corte, especialmente de Shamshi-ilu (Šamši-ilu), que era comandante-em-chefe (tartanu ou turtanu); também por pragas, revoltas na Síria e outros locais do império assírio, além de um eclipse solar quase total em 763 AC, no reinado de Assurdã III.

Recuperação posterior da Assíria:

Assíria (Em assírio: 'Ashshuwr ou Ashshur; em hebraico: 'Ashshur – Strong #804) é o reino atribuído a Assur, o segundo filho de Sem (Gn 10: 22; 1 Cr 1: 17), filho de Noé.

A Assíria só começou a se reerguer no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC) e é por isso que a bíblia só começa a falar do império assírio como uma ameaça a Israel no reinado deste rei, que começou a reinar na época de Menaém, rei de Israel (752-742 AC), e Uzias, rei de Judá (781-740 AC). Tiglate-Pileser III (Tighlath-pil'eser – 2 Rs 15: 29; 2 Rs 16: 6-7) é também chamado de Tiglate-Pilneser (uma variante hebraica, tilgath-piln'eser – 1 Cr 5: 6; 2 Cr 28: 20); em aramaico, tgltplsr (como consta da estela de Zinjirli ou Zincirli ou a estela da vitória de Esar-Hadom, após sua segunda vitória sobre

Faraó Tiraca, em 671 AC). Tiraca (2 Rs 19: 9; Isa. 37: 9), Taharqa ou Taharka, ou Khurenefertem (Khunefertumre) reinou no período de 690-664 AC. Na Septuaginta, Tiglate-Pileser é chamado Algathphel-lasar. O nome nativo desse rei é: Pul (2 Rs 15: 19; 1 Cr 5: 26); Pulu, na crônica babilônica. No início de seu reinado, Tiglate-Pileser III se ocupou em conquistar as cidades-estados do norte da Síria, que estavam sob controle de Urartu. Enquanto Urartu impôs controle sobre Carquemis, Bïti-Adini ('Bete-Éden', 'os filhos de Éden' – Is 37: 12; 2 Rs 19: 12, que habitavam em Telassar) e Cilícia, os estados arameus enfraquecidos do sul da Síria ficaram sob a liderança de Uzias (Azarias), de Judá, que nesse período era mais poderosa do que Israel, entretanto, morreu pouco tempo depois (2 Rs 15: 7). Após um cerco de 3 anos, Tiglate-Pileser conseguiu subjugar Arpade e recebeu tributo de Carquemis, Hamate, Tiro e Biblos (na Fenícia) e outros territórios ao norte de Israel. Entre os que foram alistados aparece Rezim de Damasco e Menaém de Samaria (por volta de 744-743 AC). Mas só no reinado de Acaz (732-716 AC) é que estendeu seu domínio sobre Samaria, Galiléia e Judéia. Na época, ele conquistou a Filístia (Asquelom e Gaza); e Amom, Edom, Moabe e Acaz de Judá lhe pagaram tributo (2 Cr 28: 19-21).

Introdução ao livro de Jonas:

Há várias interpretações para a história de Jonas. Segundo a tradição rabínica, Jonas representa a nação de Israel; o peixe representa a Babilônia; o fato de Jonas ter sido devorado representa o exílio e etc. Outra interpretação é que se trata de uma parábola com relato moral com finalidade didática, ou seja, quando desobedecemos às ordens do Senhor, poderemos nos perder e sermos 'engolidos pelo inimigo', pois saímos do propósito divino para nossas vidas. Mas ainda prevalece a opinião de ser uma história real, onde a experiência do profeta, por si só, já é uma profecia; ela nos leva a exercitar a fé e crer nos milagres de Deus.

O livro de Jonas pretende nos mostrar que o interesse e a misericórdia de Deus se estendem à raça humana inteira. Ele ensinou Jonas a ter piedade de todos os seres humanos (experiência com a planta, no 4º capítulo do seu livro). Jonas foi o único profeta mandado para pregar aos gentios.

Capitulo 1

• Jn 1: 1-17 – A vocação de Jonas, a sua fuga e o seu castigo

• Jn 1: 1-3: "Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia [NVI: maldade] subiu até mim. Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor, para Társis; e, tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele, para ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor".

Jonas foi ordenado por Deus para ir a Nínive e protestar contra sua iniqüidade.

Nínive, uma grande cidade comercial da Assíria, seria saqueada cento e cinqüenta anos mais tarde (612 AC) pelos Medos, quando sua impiedade seria castigada. Era sanguinária e cruel, uma cidade guerreira e tinha matado muitas nações por meio de suas prostituições e feitiçarias, por isso o Senhor se voltaria contra ela e a exporia ao ridículo, mas seria o profeta Naum o Seu escolhido para profetizar sua derrota (mais ou menos cento e vinte e dois anos depois de Jonas). Os assírios eram conhecidos por decapitar os povos vencidos, fazendo pirâmides com seus crânios; também crucificavam ou empalavam os prisioneiros, arrancavam seus olhos e os esfolavam vivos.

Jonas, no caso, estava sendo comissionado por Deus para convencer seus moradores a se voltarem para Ele e serem salvos da Sua ira. Entretanto, ele Lhe desobedeceu e tomou um navio para oeste, em direção a Társis, pois temia realizar a missão que lhe tinha sido confiada, além de não ter vontade alguma de ver o adversário (Assíria) ser resgatado por Deus. Jonas achava que os assírios deveriam ser punidos pela sua crueldade. Então, ele foi para Jope, onde tomaria um navio para Társis, provavelmente corresponde à atual Espanha (na moderna região da Andaluzia).

Jope ou Jafo (Js 19: 46) pertencia à tribo de Dã. Jope é a moderna Tel Aviv-Yafo. A palavra hebraica é yãphô, e a grega é Ioppe; em árabe é Yãfã (Jafa), que significa 'beleza, lugar bonito'.

• Jn 1: 4-9: "Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar. Então, os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus e lançavam ao mar a carga que estava no navio, para o aliviarem do peso dela. Jonas, porém, havia descido ao porão e se deitado; e dormia profundamente. Chegou-se a ele o mestre do navio [NVI: O capitão] e lhe disse: Que se passa contigo? Agarrado no sono? [NVI: Como você pode ficar aí dormindo] Levanta-te, invoca o teu deus; talvez, assim, esse deus se lembre de nós, para que não pereçamos [NVI: Talvez ele tenha piedade de nós e não morramos]. E diziam uns aos outros: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por causa de quem nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. Então, lhe disseram: Declara-nos, agora, por causa de quem nos sobreveio este mal [NVI: Diga-nos, quem é o responsável por esta calamidade?] Que ocupação é a tua? Donde vens? Qual a tua terra? E de que povo és tu? Ele lhes respondeu: Sou hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra."

Ao incumbi-lo dessa missão, o Senhor quis lhe ensinar a lição da misericórdia divina que ama o pecador, embora odeie e abomine o pecado, sempre buscando dar ao homem uma chance de arrependimento e salvação. Jonas ainda não entendia isso, portanto, fugiu do desafio, todavia, isso lhe custou caro, pois sua rebeldia foi descoberta pelos companheiros do navio. Como disse Jesus, não há nada oculto que não seja conhecido e revelado. Por isso, Jonas não pôde ficar invisível nem alheio ao que estava

ocorrendo; mesmo porque era sua a culpa de tudo aquilo. Mas uma coisa ele não negou: o nome do seu Deus. Apesar do seu erro, ele declarou com verdade quem era: um hebreu temente ao Senhor, o Deus criador de todas as coisas ('o Deus do céu, que fez o mar e a terra').

• Jn 1: 10-12: "Então, os homens ficaram possuídos de grande temor e lhe disseram: Que é isto que fizeste! [NVI: O que foi que você fez?] Pois sabiam os homens que ele fugia da presença do Senhor, porque lho havia declarado. Disseram-lhe: Que te faremos, para que o mar se nos acalme? Porque o mar se ia tornando cada vez mais tempestuoso. Respondeu-lhes: Tomai-me e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará, porque eu sei que, por minha causa, vos sobreveio esta grande tempestade".

Os marinheiros não tinham apenas medo de naufragar; eles tinham medo de morrerem debaixo da ira de YHWH. Mesmo não o servindo, eles conheciam o Deus dos hebreus e sabiam que, apesar de misericordioso, Ele era poderoso e justo. Para provocar Sua reação daquele jeito, Jonas deveria ter feito algo muito sério, como fugir da Sua presença; por isso lhe disseram: 'Que é isto que fizeste!' ou 'O que foi que você fez?', como quem diz: 'Onde você estava com a cabeça? Por que foi fugir dEle? Olha só no que deu!'

Então perguntaram ao próprio profeta o que eles deveriam fazer. E Jonas lhes disse para jogá-lo ao mar, e a tempestade se acalmaria.

• Jn 1: 13-16: "Entretanto, os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia tornando cada vez mais tempestuoso contra eles [NVI: Ao invés disso, os homens se esforçaram ao máximo para remar de volta à terra. Mas não conseguiram, porque o mar tinha ficado ainda mais violento]. Então, clamaram ao Senhor e disseram: Ah! Senhor! Rogamos-te que não pereçamos por causa da vida deste homem, e não faças cair sobre nós este sangue, quanto a nós, inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve [NVI: Senhor, nós suplicamos, não nos deixes morrer por tirarmos a vida deste homem. Não caia sobre nós a culpa de matar um inocente, porque tu, ó Senhor, fizeste o que desejavas]. E levantaram a Jonas e o lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria [NVI: e este se aquietou]. Temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos".

Aqui, nós podemos ver que pessoas que muitas vezes não conhecem a Deus como Seus filhos O conhecem, às vezes O temem mais do que estes. Os marinheiros temiam jogar Jonas ao mar e provocarem ainda mais a Sua ira; por isso, tentavam fazer o que estava ao seu alcance: remar. A NVI diz: 'Ao invés disso, os homens se esforçaram ao máximo para remar de volta à terra. Mas não conseguiram, porque o mar tinha ficado ainda mais violento'. Então, usaram o método certo, que foi orar ao Senhor e pedir que os isentasse da culpa de qualquer coisa que pudesse acontecer com o Seu profeta, e que era, obviamente, morrer afogado. Reconheceram a soberania de Deus de fazer o que Lhe apraz e jogaram Jonas para fora do barco. E o mar se acalmou, o que os deixou ainda mais temerosos, pois jamais poderiam pensar que aconteceria tal coisa. Ofereceram sacrifícios ao Senhor e Lhe fizeram votos.

• Jn 1: 17: "Deparou o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe [NVI: O Senhor fez com que um grande peixe engolisse Jonas, e ele ficou dentro do peixe três dias e três noites]".

Jonas foi engolido por um enorme peixe e ficou dentro dele por três dias, meditando sobre suas atitudes e sobre a majestade de Deus. Lembrando-se dEle, Jonas gritou pedindo ajuda. Aqui, é interessante notar que tipo de disciplina o Senhor pode

usar para convencer alguém do erro e colocar um filho para meditar sobre certas coisas. Ele precisou tirar todas as distrações de Jonas e evitar que ele dormisse ou fingisse que nada estava acontecendo. Uma coisa era dormir no chão do barco durante uma tempestade, sabendo que alguém estava cuidando do problema; outra coisa era estar sozinho 'dentro do problema', sabendo que não tinha mais ninguém para resolvê-lo por ele. Deveria estar escuro ali dentro, por isso, ele precisava estar alerta; não adiantava dormir. Sobrou apenas uma alternativa para Jonas: falar com Deus e reconhecer sua fraqueza, como Elias fez dentro da caverna em Horebe. Sem luz e sem noção do tempo, nós podemos pensar: quando Jonas se deu conta que precisava orar? Quanto tempo demorou para ele abrir sua boca? O que ele deve ter pensado e sentido até tomar esta atitude?

Capitulo 2

• Jn 2: 1-10 – A oração de Jonas no ventre do peixe

1 Então, Jonas, do ventre do peixe, orou ao Senhor, seu Deus,

2 e disse: Na minha angústia, clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do abismo *(em hebraico: sheol – Strong #7585: sepultura, inferno, poço, mundo inferior, submundo),* gritei, e tu me ouviste a voz [NVI: Do ventre da morte gritei por socorro, e ouviste o meu clamor].

3 Pois me lançaste no profundo [NVI: nas profundezas], no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou [NVI: correntezas formavam um turbilhão ao meu redor]; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim.

4 Então, eu disse: lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?

5 As águas me cercaram até à alma [NVI: 'As águas agitadas me envolveram' ou 'as águas estavam em minha garganta'], o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça.

6 Desci até aos fundamentos dos montes, desci até à terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim, para sempre; contudo, fizeste subir da sepultura *(em hebraico: shachath – Strong #7845: corrupção, destruição, poço, sepultura)* a minha vida, ó Senhor, meu Deus! [NVI: Afundei até chegar aos fundamentos dos montes; à terra embaixo, cujas trancas me aprisionaram para sempre. Mas tu trouxeste a minha vida de volta da sepultura, ó Senhor meu Deus!].

7 Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor [NVI: Quando a minha vida já se apagava, eu me lembrei de ti, Senhor]; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo.

8 Os que se entregam à idolatria vã abandonam aquele que lhes é misericordioso [NVI: Aqueles que acreditam em ídolos inúteis desprezam a misericórdia].

9 Mas, com a voz do agradecimento, eu te oferecerei sacrifício; o que votei pagarei. Ao Senhor pertence a salvação! [NVI: Mas eu, com um cântico de gratidão, oferecerei sacrifício a ti. O que eu prometi cumprirei totalmente. A salvação vem do Senhor].

10 Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra [NVI: E o Senhor deu ordens ao peixe, e ele vomitou Jonas em terra firme].

Neste capítulo do livro de Jonas, nós podemos ver uma 'sombra' do que aconteceu com Jesus após ter morrido e passar três dias no túmulo, pois Sua obra de redenção culminou verdadeiramente com a Sua ressurreição. Ao morrer na cruz, Jesus realizou uma grande vitória sobre as trevas. Mas a vitória foi mais além, quando após Sua morte, Ele ficou no túmulo por três dias, como Jonas na barriga do peixe, ressuscitou daquele lugar e mostrou-se novamente vivo. Por isso, Jesus falou que o único sinal que Ele daria aos fariseus seria o de Jonas (Mt 12: 38-41 cf. Lc 11: 29-30): "Então, alguns escribas e fariseus replicavam: Mestre, queremos ver de tua parte um sinal. Ele, porém, respondeu: uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas".

O que Ele queria dizer é os Ninivitas não viram grandes sinais da parte de Deus, contudo se arrependeram com a pregação de Jonas, após ele ter permanecido três dias e três noites no ventre do peixe. Entretanto, os mestres da lei, mesmo tendo ouvido a pregação de Jesus durante o Seu ministério ainda não acreditavam nEle. Talvez, alguns

se convertessem após verem a Sua ressurreição ou, pelo menos, o relato dela pela boca dos discípulos e apóstolos.

O que Jonas sentiu ali dentro da barriga do grande peixe foi como a morte, ou seja, um lugar de escuridão, onde ele se sentiu afastado de Deus, pois o seu pecado de desobediência trouxe aquela punição. O ser humano sempre teve medo da morte. Jesus veio para nos libertar do medo dela (Hb 2: 15; 1 Co 15: 17-20; 25-26). Ele pagou por nós a penalidade do pecado. O diabo tinha o poder da morte (Hb 2: 15) porque todos os homens tinham pecado e ele aprisionava suas almas; mas Jesus veio como homem, sem pecado (Rm 8: 3), vencendo-o em Sua própria carne, comprando-nos através do Seu sangue. Ao ressuscitar e voltar à terra, Ele trouxe consigo as chaves da morte e do inferno, tirando, portanto, de Satanás seu domínio sobre as almas dos homens (Ap 1: 18: "e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno").

Naquele lugar, Jonas sofreu angústia e opressão, ele clamou a Deus por socorro (Jn 2: 1-2: "Então, Jonas, do ventre do peixe, orou ao Senhor, seu Deus, e disse: na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do abismo, gritei, e tu me ouviste a voz"). A angústia pela qual ele passou e as dúvidas que lhe foram colocadas na mente quanto à capacidade de Deus de livrá-lo (Jn 2: 3-4: "Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim. Então, eu disse: lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?"), as ondas de terror e maldade que passaram sobre sua alma, os pensamentos ruins que se "enrolaram" em sua cabeça (Jn 2: 5: "As águas me cercaram até a alma, o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça") e as portas que Satanás fechou sobre ele lhe faziam desfalecer a alma, mas continuou a clamar e o Pai o ouviu (Jn 2: 6-7: "Desci até os fundamentos dos montes, desci até a terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim, para sempre; contudo, fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus! Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo"). No terceiro dia veio seu livramento (Jn 2: 6b: "contudo fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus!"), como se as portas que estiveram fechadas sobre ele fossem abertas e as cadeias que o prendiam fossem quebradas. O próprio Deus falou a Satanás (o grande peixe) no versículo 10, ordenando que Jonas fosse solto ('vomitado na terra').

Se o Espírito Santo libertou Jonas e ressuscitou Jesus dentre os mortos, também o fará nas nossas vidas, pois temos o Seu poder em nós. Nada mais pode nos prender. A mão de Deus pode nos alcançar nos lugares mais profundos e escondidos e nos resgatar. Se Jesus triunfou sobre as trevas, nós também triunfaremos sobre o que nos oprime. Não precisamos mais temer a morte; as chaves estão, agora, com Ele, não mais com Satanás. A morte, que significa afastamento de Deus, não mais nos amedronta, pois estamos continuamente com Jesus. Jonas desobedeceu a Deus e só se lembrou dEle quando foi engolido pelo animal marinho; Jesus obedeceu ao Pai e foi vitorioso no 'interior do grande peixe' (o túmulo), dando a nós a mesma vitória sobre o mal.

Os pesquisadores acham mais provável que, no caso de Jonas, o animal que o engoliu foi uma espécie de tubarão. A palavra usada em Jn 1: 17 (Strong # 1709), no hebraico, é 'dag' (peixe; no sentido de se contorcer: movendo-se pela ação vibratória da cauda), da raiz 'dagah' (Strong #1711) = uma raiz primitiva, que significa: mover rapidamente, gerar, tornar-se numeroso, crescer. A bíblia não diz que Jonas foi engolido por uma baleia, mas por um grande peixe [Em Jn 2: 1 a palavra 'peixe', em hebraico, é dagah (Strong #1710), o feminino de dag (Strong # 1709), com o mesmo significado: peixe (Jon. 1: 17)]. A espécie de tubarão em questão é a 'Cains carchucharus',

conhecido por ‘cão do mar’, que pela sua voracidade, engole grande animais, vivos, sem mastigar. O que pode ter causado certa confusão foi a palavra grega usada em Mt 12: 40 (o sinal de Jonas) para ‘grande peixe’ [em grego, ‘ketos’ – Strong #g2785: um peixe enorme, (como com a boca bem aberta devorar); baleia], pois todo grande peixe era chamado ‘ketos’, ao contrário de um peixe vivo pequeno, chamado ‘ichthus’ (ichthýs, em grego: Ἰχθύς – Strong #g2786). Outra palavra grega para peixe é opsarion (Strong #g3795), que significa peixe (presumivelmente salgado e seco como um condimento). Esta palavra é usada apenas 4 vezes nos evangelhos: Jo 6: 11; Jo 21: 9; Jo 21: 10; Jo 21: 13.

Voltando a Jonas, será que Deus não o estava fazendo sentir algo ainda novo para ele, que era o seu afastamento do Senhor pela treva do pecado? Será que Ele não queria fazê-lo experimentar a ‘morte’ que esta separação trazia para poder entender melhor aqueles que, cegos pelos seus delitos, presos nas algas gosmentas do inimigo, não conheciam a luz da liberdade espiritual?

O sofrimento de Jonas dentro do grande peixe poderia simbolizar, sim, o sofrimento de toda nação de Israel, não necessariamente o cativeiro na Babilônia, mas o cativeiro espiritual por causa da sua idolatria, rebeldia e obstinação.

Jonas parece ter conseguido captar esse ensinamento, pelo salmo de ação de graças que o Espírito Santo o fez pronunciar. Pelo menos, deve ter ocorrido alguma mudança, visível aos olhos de Deus, pois Ele o ouviu e ordenou ao peixe que o lançasse de volta em terra firme. Assim, ele se dirigiu a Nínive; desta vez, obedeceu à Sua voz.

Capitulo 3

• Jn 3: 1-4 (Jonas prega em Nínive): "Veio a palavra do Senhor, segunda vez, a Jonas, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e proclama contra ela a mensagem que eu te digo [NVI: pregue contra ela a mensagem que eu lhe darei]. Levantou-se, pois, Jonas e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor. Ora, Nínive era cidade mui importante diante de Deus [NVI: Era uma cidade muito grande] e de três dias para percorrê-la [NVI: sendo necessários três dias para percorrê-la]. Começou Jonas a percorrer a cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida [NVI: entrou na cidade e a percorreu durante um dia, proclamando: Daqui a quarenta dias Nínive será destruída]".

Agora, a palavra do Senhor veio a Jonas: "proclama contra ela a mensagem que eu te digo [NVI: pregue contra ela a mensagem que eu lhe darei]". Isso é interessante pelo fato de que um profeta deve estar disposto a falar o que o Senhor manda e ter a certeza de que Ele é quem vai falar. Jonas não 'ensaiou' o que ia dizer, mesmo porque ele nunca tinha visto um assírio, um ninivita, pessoalmente. Em Israel, ele ouvia o que os assírios faziam, mas eles ainda não tinham vindo destruir Israel. Jonas só tinha que confiar no Senhor. Então, ele foi até Nínive.

A bíblia diz que 'Nínive era cidade mui importante diante de Deus' ou 'Era uma cidade muito grande', sendo necessários três dias para percorrê-la. Jonas entrou na cidade e a percorreu durante um dia, proclamando: 'Daqui a quarenta dias Nínive será destruída'. Os três dias para atravessar a cidade de Nínive (Jn 3: 3), provavelmente se refere ao tempo para atravessar o distrito administrativo inteiro com todos os seus bairros. Um dia de viagem (Jn 3: 4), talvez se referisse à distância desde os subúrbios do sul até o norte da cidade.

A Nínive do tempo de Jonas era diferente da Nínive no tempo de Naum, pois ela ainda seria embelezada e fortificada completamente por volta de 700 AC, no tempo de Senaqueribe. Ainda assim, era uma grande cidade, como diz a bíblia.

Nínive, capital da Assíria, é citada pelos profetas como sendo uma cidade arrogante e muito confiante em si mesma, mas que também seria destruída pelos babilônios (cf. Is 10: 5-34; Na 1: 1 – 3: 19). Era uma cidade sanguinária, cheia de mentiras e de roubo (Na 3: 1) e de prostituição espiritual pela infinidade de deuses com os quais ela corrompia as outras nações; 'mestra de feitiçarias', que desencaminhava muitos povos (Na 3: 4); cidade mercantilista (Na 3: 16), gananciosa e insaciável, que devorava o que via pela frente (Na 3: 17). Isso, sem falar da crueldade dos assírios: tinham o costume de decapitar os povos vencidos, fazendo pirâmides com seus crânios; também crucificavam ou empalavam os prisioneiros, arrancavam seus olhos e os esfolavam vivos.

O termo hebraico para Nínive (nïn^{e}weh ou Nīnewē – נינוה), em grego: nineue (Νινευη), em latim: Nineve, em árabe: Naīnuwa, uma 'cidade excessivamente grande', é uma tradução do assírio ninua, em babilônico antigo ninuwa, que por sua vez é transliteração do nome sumério mais antigo ainda, Nina, nome da deusa Istar, deusa da fertilidade, do amor e da guerra, a deidade protetora daquela cidade e cujo nome era escrito com um sinal representando um peixe dentro de um ventre. Nina era o nome assírio antigo da 'Rainha dos Céus' (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 18; 19; 25), portanto, local de muita abominação e idolatria, feitiçaria e prostituição.

Nínive, na margem oriental do rio Tigre, era um grande amontoado de vários vilarejos ao longo deste rio. Atualmente é uma grande área de ruínas pelos novos subúrbios da cidade de Mossul, no estado de Ninawa, Iraque. Os montículos antigos Tell Kuyunjik ou Kouyunjik, Nimrud (ou Ninrude, nome da antiga Calá), Karamles

(Karemlash ou Karemlish) e Khorsabad (nome atual da antiga Dur-Sharrukin) formam os quatro cantos de um paralelogramo (um quadrilátero irregular). Eles estão localizados na planície perto da confluência do rio Tigre e Khosr. Tell Kuyunjik ou Kouynjik era o montículo da cidadela antiga de Nínive cujo nome significa 'montículo de muitas ovelhas', vinte metros de altura acima da planície, e tem outro montículo ao seu lado (Um quilômetro ao sul, o montículo secundário das ruínas de Nínive) que recebeu o nome de Nabī Yūnus ('Profeta Jonas', em árabe), e que não foi devidamente explorado porque havia um santuário árabe muçulmano dedicado a esse profeta no local. Ninrude é o nome moderno do sítio arqueológico localizado em torno da cidade assíria de Kalhu, localizada ao sul do rio Tigre, no norte da Mesopotâmia. Os arqueólogos deram o nome de Nimrud (Ninrude) à cidade por causa de Ninrode (Gn 10: 8-11). A cidade foi chamada de Calá (Kalakh) na bíblia. Estes eram os quatro bairros da antiga Nínive, por isso, Jonas deve ter levado três dias mesmo para percorrê-la toda. Dur-Sharrukin (atual Khorsabad) significa 'Fortaleza de Sargom' e foi a capital da Assíria na época de Sargom II, pai de Senaqueribe. Khorsabad hoje é uma aldeia no norte do Iraque, a quinze quilômetros a nordeste de Mossul. A grande cidade foi inteiramente construída na década anterior a 706 AC. Após a morte inesperada de Sargom na batalha, a capital foi deslocada vinte quilômetros ao sul para Nínive.

Localização de Nínive (sítios arqueológicos) – Wikipédia

• Jn 3: 5-10 – O arrependimento dos ninivitas

• Jn 3: 5-9: "Os ninivitas creram em Deus, e proclamaram um jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor. Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco e assentou-se sobre cinza. E fez-se proclamar e divulgar em Nínive: Por mandado do rei e seus grandes [NVI: de seus nobres], nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem os levem ao pasto, nem bebam água [NVI: não comam nem bebam!]; mas sejam cobertos de pano de saco, tanto os homens como os animais, e clamarão fortemente a Deus; e se converterão, cada um do seu mau caminho e da violência que há nas suas mãos [NVI: Cubram-se de pano de saco, homens e animais. E todos clamem a Deus com todas as suas forças. Deixem os maus caminhos e a violência]. Quem sabe se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?"

Jonas pregou sobre a futura destruição da cidade por parte do Deus dos hebreus, caso eles não se arrependessem. Mas os habitantes de Nínive atenderam à pregação de Jonas e se arrependeram do seu pecado e a cidade foi resgatada pelo Senhor.

O pano de saco era um tecido grosseiro [em hebraico: saq – Strong #8242: Uma malha (como permitindo que um líquido traspasse), isto é, um pano grosso (usado em luto e para ensacamento); portanto, um saco (para grãos, etc.): saco (roupa de cama, roupas); em grego, sakkos (Strong #g4526), de onde se deriva nosso vocábulo em português – Mt 11: 21; Lc 10: 13], usualmente feito de pêlo de cabras ou de pêlo do camelo e de cor negra (Ap 6: 12). A mesma palavra hebraica algumas vezes significa 'saco' (de se guardar dinheiro ou mantimento – Gn 42: 27), que evidentemente era feito do mesmo material.

O pano de saco era um sinal de lamentação pelos mortos (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8), ou de lamentação por desastre nacional ou pessoal (Jó 16: 15; Lm 2: 10 – palavra que, na nossa versão em Português, é traduzida como 'cilício', embora não seja exatamente a mesma coisa; Et 4: 1), ou de penitência pelos pecados (1 Rs 21: 27; Ne 9: 1; Jn 3: 5; Mt 11: 21), ou de oração especial pedindo livramento (2 Rs 19: 1; 2; Dn 9: 3). A forma do pano de saco, como símbolo da humilhação diante de Deus, era freqüentemente uma faixa ou saiote preso ao redor da cintura (1 Rs 20: 31; 32; Is 3: 24 – traduzido como cilício; Is 20: 2; Ez 27: 31). Era usualmente usado pegado à pele (2 Rs 6: 30; Jó 16: 15), e às vezes era usado durante uma noite inteira (1 Rs 21: 27; Jl 1: 13). Em certo caso substituía um manto presumivelmente por cima de outras roupas (Jn 3: 6).

Algumas vezes o pano de saco era estendido no chão para deitar-se em cima (2 Sm 21: 10; Is 58: 5). Os pastores da Palestina usavam pano de saco por ser barato e durável. Algumas vezes os profetas usavam-no como símbolo do arrependimento que pregavam (Is 20: 2; Ap 11: 3). Conforme Jn 3: 8, até mesmo os animais eram vestidos em pano de saco como sinal de súplica nacional. O uso de pano de saco como lamentação e penitência era praticado não somente em Israel, mas também em Damasco (1 Rs 20: 31), em Moabe (Is 15: 3), em Amom (Jr 49: 3 – traduzido como cilício), em Tiro (Ez 27: 31) e em Nínive (Jn 3: 5). A NVI costuma traduzir 'pano de saco' por 'vestes de lamento'. O 'cilício' se trata de uma peça de penitência medieval.

Fonte: O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

Quanto à palavra 'cinza' ou 'cinzas' (esparramadas sobre a cabeça, como parte do pranto), em hebraico é: 'epher (Strong #665) = 'produto da queima'; de uma raiz não utilizada que significa 'espalhar'; cinzas, pó, poeira. A cinza é uma metáfora do que não

tem valor (Is 44: 20) e nojento (Jó 30: 19); miséria (Sl 102: 9; Jr 6: 26); vergonha (2 Sm 13: 19); aviltamento perante Deus (Gn 18: 27; Jó 42: 6); contrição (Dn 9: 3; Mt 11: 21) e purificação (Nm 19: 9; 10; 17; Hb 9: 13). Quando a bíblia fala sobre esparramar 'cinzas' sobre a cabeça ou as vestes como sinal de luto ou arrependimento, ela não está falando necessariamente sobre as cinzas decorrentes da queima de animais (como era nos sacrifícios do templo), mas está se referindo a poeira, o pó da terra, que muitas vezes era esparramado sobre a cabeça dos arrependidos ou enlutados (cf. Ne 9: 1).

Há outra palavra hebraica usada para 'cinza', que é: deshen, e significa 'gordura' ou 'cinza' – resíduo de animais sacrificados.

Quando nos deparamos com alguns textos bíblicos, podemos parar um pouco e fazer muitas perguntas, pois o nosso raciocínio carnal passa a ser, de certa forma, um impedimento à nossa fé, e o Senhor nos diz em Sua palavra que quem não aceitar o reino de Deus como uma criança não pode entrar nele. Mas podemos ter certeza de uma coisa: a bíblia sempre tem razão e, neste caso, se ela diz que seu rei se arrependeu e proclamou um jejum e um clamor coletivo, é porque foi assim. Como vimos no início do estudo, a Assíria passou por alguns anos de dificuldades e declínio no seu poderio como império daquela época; dificuldades em todos os setores do governo, em todas as áreas da nação; desde peste até revoltas pelo império e guerra civil por sucessão ao trono. Podemos nos lembrar que, pelo menos por três reinados seguidos, ela sofreu uma queda de prestígio muito grande, portanto, não seria de se estranhar que algum daqueles três reis pudesse estar nos planos de Deus aqui (Salmaneser IV, Assurdã III e Assurnirari V). A Assíria era politeísta, e não zombava de nenhum outro deus, por medo de provocar sua ira; ainda mais se tratando do Deus de Israel, conhecido por todos os povos da Antiguidade. Por isso, é bem provável que, enfraquecidos como estavam, eles tiveram uma abertura de coração (gerada pelo próprio Deus) para receber a pregação de Jonas. O Senhor pode fazer o improvável para mostrar que Ele está no controle e conhece, realmente, o preparo do coração do homem, embora respeite seu livre-arbítrio. Ele preparou os corações, Jonas lançou a semente da palavra, e o povo reconheceu seu erro; por isso, a resposta veio no versículo seguinte:

• Jn 3: 10: "Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez [NVI: Deus se arrependeu e não os destruiu como tinha ameaçado]".

É interessante perceber, no AT, quantas vezes povos gentios responderam positivamente ao apelo de Deus, mais do que o próprio povo de Israel. A viúva de Sarepta, no tempo de Elias, foi uma dessas pessoas. Naamã, o siro, nos tempos de Eliseu foi outro exemplo. Muitos homens da guarda real de Davi não eram israelitas, mas o serviram e respeitaram a Deus. Obede-Edom (provavelmente um filisteu de Gate e que morava perto de Jerusalém – 2 Sm 6: 10; 1 Cr 13: 13-14; 1 Cr 15: 25) guardou a arca em sua casa. Rute, uma moabita, deixou seu povo para seguir o Deus de Noemi; Tamar, nora de Judá, era Cananéia. Raabe, no tempo de Josué, foi incorporada à nação israelita, pois respondeu positivamente a Deus, e entrou na linhagem do Messias (Mt 1: 5).

Com certeza, Jonas não estava preparado para essa reação da parte dos ninivitas. Por isso, se sentiu irritado.

Capitulo 4

• Jn 4: 1-5 (O descontentamento de Jonas): "Com isso, desgostou-se Jonas extremamente e ficou irado. E orou ao Senhor e disse: Ah! Senhor! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que te arrependes do mal [NVI: Ele orou ao Senhor: Senhor, não foi isso que eu disse quando ainda estava em casa? Foi por isso que me apressei em fugir para Társis. Eu sabia que tu és Deus misericordioso e compassivo, muito paciente, cheio de amor e que prometes castigar, mas depois te arrependes]. Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver. E disse o Senhor: É razoável essa tua ira? [NVI: Você tem alguma razão para essa fúria?] Então, Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da mesma, e ali fez uma enramada, e repousou debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade [NVI: Ali, construiu para si um abrigo, sentou-se à sua sombra e esperou para ver o que aconteceria com a cidade]".

Jonas ficou indignado por causa do arrependimento e subseqüente escape da destruição, por isso reclamou com Deus. Ele argumentou com ira e frustração, firmado na justiça própria, achando injusto da parte de Deus o fato de ser tão 'bonzinho' com aquele tipo de gente. Ele não esperava uma conversão sincera da parte deles. Na verdade, Jonas se comportou como quem torce para dar errado, e quer 'ver o circo pegar fogo'. A carne falou mais alto do que o espírito. Parece que ele se esquecera do que tinha vivido dentro do grande peixe, experimentando o afastamento de Deus de tal maneira que se assemelhou à morte.

A reação que teve a seguir também foi surpreendente: pediu para morrer. Ele não foi o único na bíblia que pediu para morrer: Elias (1 Rs 19: 4) pediu para morrer e Jeremias amaldiçoou o dia do seu nascimento (Jr 20: 14-18), pois não agüentaram o sofrimento em que estavam. Jó também amaldiçoou o dia do seu nascimento (Jó 3: 1-26) e chegou a perguntar a Deus por que não morreu estando ainda no ventre de sua mãe (Jó 3: 11). Mais absurda ainda foi a sugestão de sua mulher: "Amaldiçoa a Deus e morre" (Jó 2: 9). Moisés pediu para morrer por não agüentar mais a responsabilidade e o peso da murmuração do seu povo (Nm 11: 14-15).

Mas no caso de Jonas foi realmente intrigante o motivo por desejar a morte: pelo fato de que as coisas não ocorreram do jeito que ele esperava. Ou estaria pensando no tempo em que passou dentro do peixe, e isso o deixou revoltado? Na verdade, ele se sentiu frustrado por não ver o juízo de Deus. Como o Senhor é bom! Ele pergunta para Jonas com toda a paciência: 'É razoável essa tua ira? [NVI: Você tem alguma razão para essa fúria?]'

Então, Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da mesma, e construiu um abrigo para si, sentou-se à sua sombra e esperou para ver o que aconteceria com a cidade.

• Jn 4: 6-11 (A lição do Senhor): Deus induz Jonas a ter piedade de uma planta para ensinar-lhe a ter compaixão por todos os seres humanos.

• Jn 4: 6-8: "Então, fez o Senhor Deus nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu desconforto. Jonas, pois, se alegrou em extremo por causa da planta [NVI: livrá-lo do calor, o que deu grande alegria a Jonas]. Mas Deus, no dia seguinte, ao subir da alva, enviou um verme, o qual feriu a planta, e esta se secou [NVI: Mas na madrugada do dia seguinte, Deus mandou uma lagarta atacar a planta e ela secou-se]. Em nascendo o sol, Deus

mandou um vento calmoso oriental; o sol bateu na cabeça de Jonas, de maneira que desfalecia, pelo que pediu para si a morte, dizendo: Melhor me é morrer do que viver! [NVI: Ao nascer do sol, Deus trouxe um vento oriental muito quente, e o sol bateu na cabeça de Jonas, ao ponto de ele quase desmaiar. Com isso ele desejou morrer, e disse: Para mim seria melhor morrer do que viver]".

Primeiro, o Senhor fez nascer uma planta para trazer sombra sobre a cabeça de Jonas, a fim de livrá-lo do seu desconforto por causa do sol e do calor. E isso alegrou Jonas. Mas na madrugada do dia seguinte, Deus enviou uma lagarta para atacar a planta e ela se secou. E quando o sol nasceu veio um vento muito quente e o sol bateu na cabeça de Jonas levando quase ao ponto de desmaiar; novamente, ele pediu a morte.

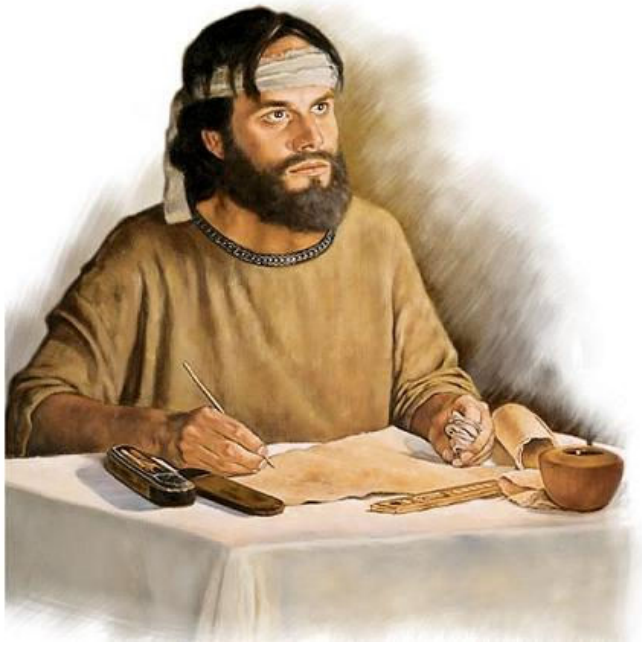
• Jn 4: 9-11: "Então, perguntou Deus a Jonas: É razoável essa tua ira por causa da planta? Ele respondeu: É razoável a minha ira até à morte [NVI: Mas Deus disse a Jonas: Você tem alguma razão para estar tão furioso por causa da planta? Respondeu ele: Sim, tenho! E estou furioso ao ponto de querer morrer]. Tornou o Senhor: Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer, que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda [NVI: o certo do errado], e também muitos animais?"

Deus volta a perguntar para Jonas se ele tinha razão de ficar furioso por causa da planta que tinha morrido, e Jonas disse que tinha muita razão para estar furioso. Então, o Senhor o confronta com uma nova pergunta: se Jonas se importava com uma planta que nascera e morrera e que ele nem tinha plantado, porventura, o Senhor não teria compaixão de uma cidade tão grande quanto aquela, com milhares de habitantes que não sabiam discernir o certo do errado? E também dos animais que nela havia?

A bíblia não diz o que aconteceu depois com Jonas, mas com certeza ficou pensando. Para nós também, muitas vezes é difícil atingir o grau de compaixão que Deus espera de nós; então, nos comportamos como Jonas. E nos sentimos limitados nos nossos afetos, como disse o apóstolo Paulo (2 Co 6: 12), não compreendendo os pensamentos e os propósitos do Senhor. Por isso, é necessário que, na nossa fraqueza e humanidade, nos deixemos ser um canal de bênçãos nas mãos do Espírito Santo, não perdendo as oportunidades de falar do evangelho para quem quer que seja, pois só Deus conhece o preparo de cada coração. Mesmo que a pessoa só vá reagir de maneira positiva muito tempo depois, de qualquer forma, é sempre uma semente que se lança naquela terra. E a bíblia diz que a terra por si mesma frutifica (Mc 4: 28). Portanto, preguemos a Palavra, exercitemos o amor e deixemos o julgamento para Deus.

Miquéias

Miquéias (Mikhâ, forma abreviada de Mikhãyehii, ‘quem é como Deus?’) profetizou por volta de 742 a 687 AC, durante os reinados de três reis de Judá: Jotão, Acaz e Ezequias. Nasceu em Moresete (Mq 1: 1), referindo-se a Moresete-Gate, nas terras baixas de Judá (Sefelá), perto de Gate, na terra dos filisteus. Foi contemporâneo de Isaías. Escreveu para os habitantes de Judá, a fim de adverti-los de que o juízo divino era iminente por haverem rejeitado a Deus e à Sua lei (condenação contra os príncipes e os profetas – Mq 3: 1-12). Haveria a punição de Israel e sua restauração, a glória e a paz vindoura sobre Jerusalém, o sofrimento e a restauração de Sião, a corrupção da sociedade (Mq 7: 1-6) e a afirmação final de confiança em Deus (Mq 7: 7). Seu estilo vigoroso e a consistente revelação de julgamento divino andam junto com a compaixão e a esperança de Deus. Profetizou contra Jerusalém (Mq 4: 10) e, assim como Amós e Isaías, se levantou contra a exploração dos pobres sitiantes e agricultores pelos proprietários de terras (Mq 2: 1-5). Salientava a retidão e a moralidade essenciais da natureza divina. Assim como Amós, Oséias e Isaías, Miquéias achava que Deus usaria uma nação pagã para castigar Seu próprio povo culpado. Predisse claramente as depredações efetuadas por Salmaneser V (727-722 AC) no reino do norte, bem como a destruição final de Samaria e Judá (posteriormente) por causa da idolatria e da corrupção social. Também esperava pelo Messias que nasceria em Belém e traria restauração à nação (Mq 2: 13; Mq 5: 2-5). Salientava que a graça salvadora de Deus não podia ser obtida por mérito (Mq 6: 6-8), na forma de ofertas pretensiosas de sacrifícios e formalidades, mas pela humildade, misericórdia e justiça como uma experiência diária na vida do indivíduo.



Capitulo 1

• Mq 1: 1-16 – Ameaças contra Israel e Judá

• Mq 1: 1-9: "Palavra do Senhor que em visão veio a Miquéias, morastita [NVI: de Moresete], nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, sobre Samaria e Jerusalém. Ouvi, todos os povos, prestai atenção, ó terra e tudo o que ela contém [NVI: todos os que nela habitam], e seja o Senhor Deus testemunha contra vós outros, o Senhor desde o seu santo templo. Porque eis que o Senhor sai do seu lugar, e desce, e anda sobre os altos da terra. Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo [NVI: como que rasgados pelas águas que descem velozes encosta abaixo]. Tudo isto por causa da transgressão de Jacó e dos pecados da casa de Israel. Qual é a transgressão de Jacó? Não é Samaria? E quais os altos de Judá? Não é Jerusalém? [NVI: Qual é o altar idólatra de Judá? Acaso não é Jerusalém?] Por isso, farei de Samaria um montão de pedras do campo [NVI: um monte de entulho em campo aberto], uma terra de plantar vinhas; farei rebolar as suas pedras para o vale e descobrirei os seus fundamentos [NVI: atirarei as suas pedras no vale e porei a descoberto os seus alicerces]. Todas as suas imagens de escultura serão despedaçadas, e todos os salários de sua impureza [NVI: seus ganhos imorais] serão queimados, e de todos os seus ídolos eu farei uma ruína, porque do preço da prostituição os ajuntou, e a este preço volverão [NVI: Visto que o que ela ajuntou foi como ganho da prostituição, como salário de prostituição tornará a ser usado]. Por isso, lamento e uivo; ando despojado [NVI: descalço] e nu; faço lamentações como de chacais e pranto como de avestruzes [NVI: gemerei como um filhote de coruja]. Porque as suas feridas são incuráveis; o mal chegou até Judá [NVI: a ferida de Samaria é incurável e chegou a Judá]; estendeu-se até à porta do meu povo, até Jerusalém".

O profeta começa falando que o Senhor está ciente da transgressão do Seu povo e decidiu agir para corrigir o erro. Da mesma forma que Naum (Na 1: 4-6) e outros profetas, ele descreve as manifestações da natureza como um espelho da ira de Deus: 'Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo [NVI: como que rasgados pelas águas que descem velozes encosta abaixo]', pois tudo se dobra diante do Seu poder e majestade. Sua ira neste momento é em relação à idolatria de Samaria e de Israel (do reino do norte) e que já havia contaminado também a Judá. Ele anuncia a destruição de Samaria por causa disso, principalmente das imagens de escultura; e o dinheiro que foi conquistado por causa dos ídolos será transferido para outro povo idólatra, os assírios ('Visto que o que ela ajuntou foi como ganho da prostituição, como salário de prostituição tornará a ser usado'). Ele pode estar falando aqui de Salmaneser V (727-722 AC) e Sargom II (722-705 AC), que destruíram Samaria (o pai iniciou o cerco e o filho a conquistou em 722 AC).

• 'Por isso, lamento e uivo; ando despojado [NVI: descalço] e nu; faço lamentações como de chacais e pranto como de avestruzes [NVI: gemerei como um filhote de coruja]' – aqui é provável que o profeta tenha se lamentado com pano de saco e cinzas (cf. Mq 1: 10) por causa do seu povo, mas é interessante que quando ele escreve: 'ando despojado [NVI: descalço] e nu', sua atitude se parece muito com a atitude de Isaías (Is 20: 1-4), no tempo de Sargom II, e que andou nu por três anos para mostrar que a Etiópia seria levada em cativeiro. Miquéias pode ter tido o mesmo comportamento por

algum tempo para mostrar às pessoas que Samaria, em breve, seria levada em cativeiro para a Assíria (cf. v. 10).

• 'Porque as suas feridas são incuráveis; o mal chegou até Judá [NVI: a ferida de Samaria é incurável e chegou a Judá]; estendeu-se até à porta do meu povo, até Jerusalém' – ele clama que a ferida do pecado de Samaria é incurável e já chegou a Judá, a Jerusalém.

• Mq 1: 10-15: "Não o anuncieis em Gate, nem choreis; revolvei-vos no pó, em Bete-Leafra [NVI: Bete-Ofra; 'casa de poeira']. Passa, ó moradora de Safir [Nota NVI: significa 'agradável'], em vergonhosa nudez; a moradora de Zaanã não pode sair [Nota NVI: Zaanã se assemelha à palavra que se traduz por 'sairão']; o pranto de Bete-Ezel tira de vós o vosso refúgio [NVI: Bete-Ezel está em prantos; foi-lhe tirada a proteção]. Pois a moradora de Marote [Nota NVI: Marote se assemelha à palavra 'Mara', que significa 'amarga'] suspira pelo bem [NVI: se contorcem de dor aguardando alívio], porque desceu do Senhor o mal até à porta de Jerusalém [NVI: porque a desgraça veio da parte do Senhor até as portas de Jerusalém]. Ata os corcéis ao carro, ó moradora de Laquis [Nota NIV: Laquis assemelha-se à palavra lareques (Hebr. Transliterado: lârekhesh), que se traduz por junta ou parelha]; foste o princípio do pecado para a filha de Sião, porque em ti se acharam as transgressões de Israel [NVI: Vocês foram o início do pecado da cidade de Sião, pois as transgressões de Israel foram aprendidas com vocês]. Portanto, darás presentes de despedida a Moresete-Gate; as casas de Aczibe [Nota NVI: Aczibe significa 'engano'] serão para engano dos reis de Israel [NVI: A cidade de Aczibe se revelará enganosa aos reis de Israel]. Enviar-te-ei ainda quem tomará posse de ti, ó moradora de Maressa [NVI: Maressa assemelha-se à palavra que se traduz por 'conquistador']; chegará até Adulão a glória de Israel [NVI: A glória de Israel irá a Adulão]".

Essas cidades se referem às cidades fortificadas da Judéia (2 Rs 18: 13; 2 Cr 32: 1; Is 36: 1) tomadas por Senaqueribe, além das que foram descritas em Is 10: 28-32: Migrom (na tribo de Benjamim), Micmás (na tribo de Benjamim), Geba (cidade de Benjamim – Js 21: 17; 1 Rs 15: 22), Ramá (na tribo de Benjamim – Js 18: 25), Gibeá (1 Sm 10: 26; 1 Sm 11: 4; 1 Sm 13: 2; tribo de Benjamim), Anatote (cidade de sacerdotes em Benjamim), Gebim, Aiate, Betel (Js 18: 13; 1 Cr 7: 28 – foi uma cidade de Benjamim, depois conquistada por Efraim), Galim (na tribo de Benjamim), Madmena (parte sul da tribo de Judá – Js 15: 31) e Nobe (cidade dos sacerdotes, perto de Jerusalém, 1 Sm 22: 19); ao todo quarenta e seis cidades.

Miquéias menciona mais algumas: Gate, Bete-Leafra, Safir, Zaanã, Bete-Ezel, Marote, Laquis, Moresete-Gate, Aczibe, Maressa e Adulão. A maioria estava situada na área agrícola mais fértil de Judá (Sefelá), entre as montanhas da Judéia e a planície costeira, na Filístia.

• **Gate** – uma das cinco principais cidades da Filístia (Js 13: 3), que exultaria com a calamidade dos judeus. Gate foi sitiada e conquistada por Sargom II. Sua localização precisa ainda não foi descoberta.

• **Bete-Leafra** [Bete-Ofra; 'casa de poeira' ou 'casa de pó' – Aphrah] – também conhecida como Afra, Efra, Ofra, em Benjamim – Js 18: 23. Talvez por isso, é que o profeta tenha escrito no v. 8: 'Por isso, lamento e uivo; ando despojado [NVI: descalço] e nu; faço lamentações como de chacais e pranto como de avestruzes [NVI: gemerei como um filhote de coruja]', significando que ele se lamentou com pano de saco e cinzas; como sinal de sua tristeza, rolou no pó.

• **Safir** [significa 'agradável'] – fica em Judá na planície da Filístia (Sefelá). O local exato é desconhecido, mas pode ter sido perto de Asdode. 'Passa, ó moradora de Safir, em vergonhosa nudez' – isso significava que seus habitantes deveriam rasgar suas roupas e prantear, o que os deixaria envergonhados.

• **Zaanã** – Talvez seja idêntica a Zenã na Sefelá de Judá, que aparece na lista de Js 15: 37. Por ser uma cidade fortificada e que foi sitiada, seus habitantes não puderam sair de lá, por isso, a nota da NVI: "Zaanã se assemelha à palavra que se traduz por 'sairão'". 'A moradora de Zaanã não pode sair' – Isso pode se referir à impossibilidade de sair por causa do cerco da cidade.

• **Bete-Ezel** – Não se sabe a localização correta.

• **Marote** (Maroth) – não se sabe onde ficava. Significa: amarga, amargura, fontes amargosas. 'Pois a moradora de Marote suspira pelo bem, porque desceu do Senhor o mal até à porta de Jerusalém' – os habitantes da cidade se contorceriam de dor aguardando alívio porque o Senhor trouxe o mal até a porta de Jerusalém, o que sugere a vinda de Senaqueribe até a porta da cidade, com o propósito de invadi-la.

• **Moresete-Gate** (Jr 26: 18; Mq 1: 14) – perto de Gate, na terra dos filisteus. Muito provavelmente a moderna Tell el-Gudeideh, cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Moresete-Gate significa 'a posse de Gate', e era a cidade natal de Miquéias. Os presentes aos quais o profeta se refere eram os que se davam na despedida; portanto, a cidade logo estaria perdida.

• **Aczibe** – em Judá (Js 15: 44; Gn 38: 5 – aqui é chamada Quezibe, atual Ain Kezbeh), embora haja outra cidade com o mesmo nome em Aser (Js 19: 29: Aczibe). Esta última cidade, a tribo de Aser nunca ocupou (Jz 1: 31 – 'Aczibe'. Ela é mencionada junto com 'Aco', na costa, a atual Acre ou Akko). Aczibe foi tomada por Senaqueribe em 701 AC. Uma aldeia árabe foi fundada no local no século XVIII, com o nome de Az-Zeebe, cerca de dezesseis quilômetros ao norte da atual Acre. A cidade de Aczibe da qual o profeta está falando está situada na planície costeira de Judá, a Sefelá, próxima a Maressa. Aczibe significa 'engano'.

• **Maressa** (significa: 'conquistador', 'frente', 'cabeça') – fica em Judá (Js 15: 44). Estava localizada na área da Sefelá, a sete quilômetros e meio de Laquis, perto de Queila e Aczibe (Js 14: 44). Foi fortificada por Roboão (2 Cr 11: 8). Depois se tornou uma cidade Sidônia e, mais tarde, foi tomada por Senaqueribe. Depois da queda da Assíria e no período pós-exílio, foi uma importante fortaleza da Iduméia. Foi destruída pelos Partos em 40 AC. No século III DC foi uma cidade romana (Eleutheropolis), depois passando para o domínio árabe e voltando para Israel séculos depois (Beit Guvrin, uma área agrícola). A maioria das áreas arqueologicamente importantes da antiga Maressa agora fazem parte do Parque Nacional Beit Guvrin-Maresha.

• **Adulão** – cidade Cananita (Gn 38: 1-2) no território de Judá (Js 12: 15); fortificada pelo rei Roboão (2 Cr 11: 7); habitada após o exílio (Ne 11: 30). A ruína da colina também é conhecida pelo nome Khurbet esh-Sheikh Madkour, o nome do filho de um sultão, para quem foi construído um santuário durante o período muçulmano, e está a meio caminho entre Jerusalém e Laquis. O local é usualmente associado com a caverna na qual Davi se ocultou, quando perseguido por Saul (1 Sm 22: 1). Adulão significa 'recinto fechado' ou 'lugar da antiguidade' – Gn 38: 1; 12. Atualmente é uma reserva natural que faz parte dos Parques Nacionais e da Natureza de Israel.

'Chegará até Adulão a glória de Israel [NVI: A glória de Israel irá a Adulão]' – significa que até naquele lugar, que serviu de refúgio para os fugitivos, como Davi e o patriarca Judá, por exemplo, quando fugiu do acampamento de Jacó após a venda de José para os mercadores midianitas, para não ter que encarar o remorso de ver a dor do pai pela 'morte' do seu filho querido; até naquele lugar a 'glória de Israel', se referindo

ao próprio Deus, chegará para impedir que o povo pecaminoso escape dos assírios. Há mais dois versículos na bíblia onde está escrita a expressão 'a Glória de Israel', se referindo a Deus:

• Também a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa (1 Sm 15: 29).

• E falou mais *[A mulher de Finéias, filho do sacerdote Eli]:* Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a arca de Deus (1 Sm 4: 22).

Colina de Adulão coberta com pinheiros

Ruínas no topo da colina de Adulão

• **Laquis** (Lãkhïsh, em hebraico; Lachis, na Septuaginta) – ficava em Judá (Js 10: 31-32), no local atual de Tell el-Duweir a vinte e quatro quilômetros a oeste de Hebrom. Roboão reedificou a Laquis como um dos seus quinze centros de defesa para proteger

Judá contra os ataques por parte dos filisteus ou dos egípcios (2 Cr 11: 5-12). Essa dependência do poder militar de Laquis foi um dos pecados condenados por Miquéias (Mq 1: 13), num jogo de palavras com rekhesh, 'corcéis' em nossa versão portuguesa. Por isso, Miquéias escreveu: 'foste o princípio do pecado para a filha de Sião, porque em ti se acharam as transgressões de Israel. Portanto, darás presentes de despedida a Moresete-Gate'. Isso quer dizer que, muito provavelmente, Laquis absorveu os pecados de idolatria do reino do norte e foi uma pedra de tropeço para Jerusalém, contaminando a Cidade Santa também. Laquis tinha uma muralha de defesa bem espessa e torres.

Laquis – portão principal do sítio arqueológico em Israel (Wikipédia)

Sefelá

Mesmo assim, foi conquistada e destruída por Senaqueribe (2 Rs 18: 13; 2 Cr 32: 1; Is 36: 1). Laquis estava situada na área agrícola mais fértil de Judá; por isso, era de vital importância para a economia do reino. Foi completamente destruída. O que restou da cidadela ficou nas mãos de um governador assírio para coletar os impostos vindos da Filístia. A História fala que a cidade judaica de Azeca, assim como Laquis, também foi tomada de assalto, pilhada e, em seguida, devastada. Além de Laquis, na valiosa terra agrícola de Sefelá (planície marítima de Filístia na terra de Judá), havia outras cidades, que foram entregues nas mãos dos Filisteus. No tempo de Jeoquim, Laquis e Azeca foram reconstruídas para resistir ao ataque babilônico. Quando os babilônios comandados por Nabucodonosor invadiram Judá, elas foram as últimas cidades que caíram antes que a terra de Judá fosse totalmente tomada (Jr 34: 7). Laquis caiu com uma pesada destruição por meio de incêndio; foi reocupada depois por Gedalias (em 581 AC), o governador da Judéia nomeado por Nabucodonosor (2 Rs 25: 22-25; Jr 39: 14). Foi recuperada por Neemias (Ne 11: 30), mas não voltou a ser um lugar importante.

• Mq 1: 16: "Faze-te calva e tosquia-te, por causa dos filhos que eram as tuas delícias; alarga a tua calva como a águia, porque de ti serão levados para o cativeiro [NVI: Rapem a cabeça em pranto por causa dos filhos nos quais vocês tanto se alegram; fiquem calvos como a águia, pois eles serão tirados de vocês e levados para o exílio]".

Aqui o profeta fala sobre **um luto público como era o costume** (cf. Jr 16: 6), quando se vestia de pano de saco e arrancavam-se os cabelos. Há outras referências em:

• Is 15: 2-3 ("... todas as cabeças se tornam calvas, e toda barba é rapada. Cingem-se de panos de saco nas suas ruas; nos seus terraços e nas suas praças, andam todos uivando e choram abundantemente").

• Is 22: 12-13 ("O Senhor, o Senhor dos Exércitos, vos convida naquele dia para chorar, prantear, rapar a cabeça e cingir o cilício [NVI: 'vestes de lamento']. Porém é só gozo e alegria que se vêem; matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho e se diz: Comamos e bebamos, que amanhã morreremos").

O ato de arrancar o cabelo e raspar a barba era habitual em grandes lutos; vestia-se de pano de saco e jogavam-se cinzas sobre a cabeça.

No AT, **os cabelos,** tanto para homens quanto para mulheres, costumava ser comprido até certo comprimento (Absalão tinha cabelos compridos: 2 Sm 14: 25-26; 2 Sm 18: 9). Geralmente os cabelos não eram cortados, apenas aparados, e deviam ser bem tratados, pois deixá-los sem cuidado era sinal de lamentação. O cabelo comprido era uma honra e um sinal de beleza para a mulher (Ct 4: 1b). No NT parece que o costume se inverte em relação aos homens (1 Co 11: 14), entretanto, continuou sendo uma honra para a mulher (1 Co 11: 15). Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9). Quando alguém fazia voto de Nazireado, o cabelo era rapado e queimado no final do voto (Nm 6: 5; 9; 19), exceto Sansão, que por ser Nazireu vitalício não poderia cortá-lo (Jz 13: 5). A lei proibia que se cortasse o cabelo nas têmporas (Lv 19: 27; Jr 25: 23; Jr 49: 31-32), pois esta parte da cabeça era considerada como a fonte da vida para os judeus, e só os pagãos rapavam as costeletas. Em Jr 49: 32, onde está escrito 'os que cortam os cabelos nas têmporas' pode-se ler, em hebraico, 'ter o cabelo barbeado (ou cortado) em ângulos', ou seja, ter a barba na bochecha estreitada ou cortada, que era um costume cananeu, proibido aos israelitas. Jr 25: 23-24 diz respeito aos árabes, pois está escrito: "a Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas; a todos os reis da Arábia e todos os reis do misto de gente que habita no deserto", bem como em Jr 49: 31-32, pois o título da passagem bíblica é: Profecia a respeito da Arábia (significando sua invasão por Nabucodonosor): "Levantai-vos, ó babilônios, subi contra uma nação

que habita em paz e confiada, diz o Senhor; que não tem portas, nem ferrolhos *(o que significa a vida nômade, ao ar livre, em tendas);* eles habitam a sós. Os seus camelos serão para presa, e a multidão dos seus gados, para despojo; espalharei a todo vento aqueles que cortam os cabelos nas têmporas e de todos os lados lhes trarei a ruína, diz o Senhor".

Também não se podia cortar o cabelo na testa, pois era característica de certos cultos idólatras (Lv 19: 27; Lv 21: 5; Dt 14: 1). Em relação aos sacerdotes, Deus fala com Ezequiel (Ez 44: 20): "Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; antes, como convém, tosquiarão a cabeça".

Era costume **ungir os cabelos** de um hóspede em sinal de hospitalidade (Lc 7: 46); ou eram ungidos em ocasião de festas (Sl 45: 7).

No oriente, de modo geral, e também entre os Judeus, **a barba** tinha uma grande importância, pois era um sinal de civilidade, varonilidade e respeitabilidade (Sl 133: 2). Não havia maior ofensa para o homem do que deixar alguém tratá-la com indignidade. Se a mão de alguém a tocava mostrando desprezo, isso era um grande insulto (1 Cr 19: 4; 2 Sm 10: 4-5; 2 Sm 20: 9). Por outro lado, beijar a barba de alguém era uma forma de saudação e simpatia pela outra pessoa. Raspá-la ou arrancá-la era manifestação de luto e dor (2 Sm 19: 24; Ed 9: 3; Is 15: 2; Jr 41: 5; Jr 48: 37). A lei mosaica proibia cortar a barba à maneira dos Egípcios (Lv 19: 27; Lv 21: 5). Diferentemente das nações circunvizinhas, os egípcios se barbeavam, exceto o queixo, onde se permitia haver um molho de cabelos, que se conservava bem cuidado. Algumas vezes, em lugar do seu próprio cabelo, usavam barba postiça, trançada, com formas diferentes, segundo a categoria do indivíduo; da mesma forma que usavam suas perucas.

O **pano de saco** era um tecido grosseiro [em hebraico: saq – Strong #8242: Uma malha (como permitindo que um líquido traspasse), isto é, um pano grosso (usado em luto e para ensacamento); portanto, um saco (para grãos, etc.): saco (roupa de cama, roupas); em grego, sakkos (Strong #g4526), de onde se deriva nosso vocábulo em português – Mt 11: 21; Lc 10: 13], usualmente feito de pêlo de cabras ou de pêlo do camelo e de cor negra (Ap 6: 12). A mesma palavra hebraica algumas vezes significa 'saco' (de se guardar dinheiro ou mantimento – Gn 42: 27), que evidentemente era feito do mesmo material.

O pano de saco era um sinal de lamentação pelos mortos (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8), ou de lamentação por desastre nacional ou pessoal (Jó 16: 15; Lm 2: 10 – palavra que, na nossa versão em Português, é traduzida como 'cilício', embora não seja exatamente a mesma coisa; Et 4: 1), ou de penitência pelos pecados (1 Rs 21: 27; Ne 9: 1; Jn 3: 5; Mt 11: 21), ou de oração especial pedindo livramento (2 Rs 19: 1; 2; Dn 9: 3). A forma do pano de saco, como símbolo da humilhação diante de Deus, era freqüentemente uma faixa ou saiote preso ao redor da cintura (1 Rs 20: 31; 32; Is 3: 24 – traduzido como cilício; Is 20: 2; Ez 27: 31). Era usualmente usado pegado à pele (2 Rs 6: 30; Jó 16: 15), e às vezes era usado durante uma noite inteira (1 Rs 21: 27; Jl 1: 13). Em certo caso substituía um manto presumivelmente por cima de outras roupas (Jn 3: 6).

Algumas vezes o pano de saco era estendido no chão para deitar-se em cima (2 Sm 21: 10; Is 58: 5). Os pastores da Palestina usavam pano de saco por ser barato e durável. Algumas vezes os profetas usavam-no como símbolo do arrependimento que pregavam (Is 20: 2; Ap 11: 3). Conforme Jn 3: 8, até mesmo os animais eram vestidos em pano de saco como sinal de súplica nacional. O uso de pano de saco como lamentação e penitência era praticado não somente em Israel, mas também em Damasco (1 Rs 20: 31), em Moabe (Is 15: 3), em Amom (Jr 49: 3 – traduzido como cilício), em Tiro (Ez

27: 31) e em Nínive (Jn 3: 5). A NVI costuma traduzir ‘pano de saco’ por ‘vestes de lamento’. O ‘cilício’ se trata de uma peça de penitência medieval.

Quanto à palavra **‘cinza’** ou **‘cinzas’** (esparramadas sobre a cabeça, como parte do pranto), em hebraico é: ’epher (Strong #665) = ‘produto da queima’; de uma raiz não utilizada que significa ‘espalhar’; cinzas, pó, poeira. A cinza é uma metáfora do que não tem valor (Is 44: 20) e nojento (Jó 30: 19); miséria (Sl 102: 9; Jr 6: 26); vergonha (2 Sm 13: 19); aviltamento perante Deus (Gn 18: 27; Jó 42: 6); contrição (Dn 9: 3; Mt 11: 21) e purificação (Nm 19: 9; 10; 17; Hb 9: 13). Quando a bíblia fala sobre esparramar ‘cinzas’ sobre a cabeça ou as vestes como sinal de luto ou arrependimento, ela não está falando necessariamente sobre as cinzas decorrentes da queima de animais (como era nos sacrifícios do templo), mas está se referindo a poeira, o pó da terra, que muitas vezes era esparramado sobre a cabeça dos arrependidos ou enlutados (cf. Ne 9: 1).

Há outra palavra hebraica usada para ‘cinza’, que é: deshen, e significa ‘gordura’ ou ‘cinza’ – resíduo de animais sacrificados.

Fonte: O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

Capitulo 2

• Mq 2: 1-5 (Ai dos opressores gananciosos): "Ai daqueles que, no seu leito, imaginam a iniqüidade e maquinam o mal! À luz da alva, o praticam, porque o poder está em suas mãos [NVI: Quando alvorece, eles o executam, porque isso eles podem fazer]. Se cobiçam campos, os arrebatam; se casas, as tomam; assim, fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança [NVI: a ele e aos seus herdeiros]. Portanto, assim diz o Senhor: Eis que projeto mal contra esta família [NVI: essa gente], do qual não tirareis a vossa cerviz [NVI: da qual vocês não poderão livrar-se]; e não andareis altivamente, porque o tempo será mau [NVI: pois será tempo de desgraça]. Naquele dia, se criará contra vós outros um provérbio, se levantará pranto lastimoso e se dirá: Estamos inteiramente desolados! A porção do meu povo, Deus a troca! Como me despoja! Reparte os nossos campos aos rebeldes! [NVI: Naquele dia vocês serão ridicularizados; zombarão de vocês com esta triste canção: Estamos totalmente arruinados; dividida foi a propriedade do meu povo. Ele tirou-a de mim! Entregou a invasores as nossas terras]. Portanto, não terás, na congregação do Senhor, quem, pela sorte, lançando o cordel, meça possessões [NVI: para a divisão da terra por sorteio]".

• 'Eis que projeto mal contra esta família' – esta família [NVI: essa gente] se referia ao povo do norte. Enquanto eles planejavam maldades, Deus estava colocando em ação o Seu plano, fazendo com que eles passassem a ser dominados por um povo estrangeiro ('do qual não tirareis a vossa cerviz' ou 'vocês não poderão livrar-se'). Não seria possível escapar do infortúnio planejado por Deus.

• 'Reparte os nossos campos aos rebeldes' ou 'Entregou a invasores as nossas terras' – as terras seriam dadas aos ímpios invasores.

• 'Quem, pela sorte, lançando o cordel, meça possessões' ou 'para a divisão da terra por sorteio' – isso diz respeito ao costume de lançar sortes para repartir a herança ou porções de terra, como aconteceu com Josué, repartindo a terra de Canaã entre as tribos de Israel: Nm 34: 17; 29; Nm 36: 2; Js 14: 1-2.

Assim como Amós e Isaías, Miquéias também se levantou contra a exploração dos pobres sitiantes e agricultores pelos proprietários de terras (Mq 2: 1-5). Havia injustiça contra os pequenos proprietários. Os ricos usavam de sua influência junto aos juízes, e por meios legais distorcidos para seu próprio benefício eles expulsavam os simples sitiantes de suas casas. Foi o que ocorreu, por exemplo, com Nabote, que se recusou a vender sua vinha para o rei Acabe, e acabou sendo apedrejado por causa de falsas acusações (1 Rs 21: 3; 10; 13). Os pobres sitiantes, então, teriam que mendigar para sobreviver, ou eram vendidos como escravos (às vezes, se vendiam a si mesmos). Da mesma forma que se fazia isso em Israel, o Senhor os entregaria nas mãos dos assírios, que viriam e tomariam suas terras.

• Mq 2: 6-11 (Contra os falsos profetas):

"Não babujeis, dizem eles [NVI: 'Não preguem', dizem os seus profetas]. Não babujeis tais coisas, porque a desgraça não cairá sobre nós *(babujar significa 'lisonjear servilmente, adular, bajular').* Tais coisas anunciadas não alcançarão a casa de Jacó. Está irritado o Espírito do Senhor? São estas as suas obras? Sim, as minhas palavras fazem o bem ao que anda retamente; mas, há pouco, se levantou o meu povo como inimigo; além da roupa, roubais a capa àqueles que passam seguros, sem pensar em guerra. Lançais fora as mulheres de meu povo do seu lar querido [NVI: de seus lares agradáveis]; dos filhinhos delas tirais a minha glória, para sempre [NVI: De seus filhos vocês removem a minha dignidade para sempre]. Levantai-vos e ide-vos embora,

porque não é lugar aqui de descanso; ide-vos por causa da imundícia que destrói, sim, que destrói dolorosamente [NVI: porque ele está contaminado, e arruinado, sem que haja remédio]. Se houver alguém que, seguindo o vento da falsidade, mentindo, diga: Eu te profetizarei do vinho e da bebida forte, será este tal o profeta deste povo [NVI: Eu pregarei para vocês fartura de vinho e de bebida fermentada, ele será o profeta deste povo]".

Havia muita injustiça e roubo, os pobres eram defraudados, mulheres e crianças sofriam com a ganância dos ricos, e Miquéias mostrava isso abertamente e avisava que Deus estava vindo com juízo sobre eles. Mas os ricos não estavam gostando do que ouviam e falavam a Miquéias para ele se calar. Se os falsos profetas enganassem o povo dizendo que o mal não viria contra eles, mas, pelo contrário, que haveria fartura de vinho e muita alegria, este profeta não vinha da parte do Senhor.

• Mq 2: 12-13 (O Senhor congrega o restante de Israel):

"Certamente, te ajuntarei todo, ó Jacó; certamente, congregarei o restante de Israel; pô-los-ei todos juntos, como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do seu pasto; farão grande ruído, por causa da multidão dos homens [NVI: haverá ruído de grande multidão]. Subirá diante deles o que abre caminho; eles romperão, entrarão pela porta e sairão por ela [NVI: passarão pela porta e sairão]; e o seu Rei irá adiante deles; sim, o Senhor, à sua frente".

O profeta dá uma mensagem de esperança e consolo para os arrependidos, pois haverá um remanescente deixado pelo Senhor, e este remanescente purificado Ele congregará como ovelhas num só rebanho. O Senhor promete que serão muitos, e aqui há uma profecia messiânica, pois é de Jesus que se trata quando o profeta diz: "Subirá diante deles o que abre caminho; eles romperão, entrarão pela porta e sairão por ela (cf. Jo 10: 9); e o seu Rei irá adiante deles; sim, o Senhor, à sua frente". O Messias traria restauração à nação.

Capitulo 3

• Mq 3: 1-12 – Ameaças contra os chefes, os sacerdotes e os falsos profetas

• Mq 3: 1-4: "Disse eu: Ouvi, agora, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel [NVI: chefes de Jacó, governantes da nação de Israel]: Não é a vós outros que pertence saber o juízo? [NVI: Vocês deveriam conhecer a justiça] Os que aborreceis o bem e amais o mal; e deles arrancais a pele e a carne de cima dos seus ossos [NVI: Mas odeiam o bem e amam o mal; arrancam a pele do meu povo e a carne dos seus ossos]; que comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmiuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão? Então, chamarão ao Senhor, mas não os ouvirá; antes, esconderá deles a sua face, naquele tempo, visto que eles fizeram mal nas suas obras".

Miquéias volta ao assunto das injustiças sociais, não mais falando sobre os proprietários de terras, mas tocando agora nos governantes da nação de Israel, que conhecem a justiça de Deus, entretanto, não a praticam. Trocam o bem pelo mal, extorquem o povo até o último centavo e o oprimem. Por esse tipo de atitude, o Senhor desviará o rosto deles, e não lhes responderá. Quando o dia do juízo chegar, eles gritarão, mas não terão resposta da parte de Deus.

• Mq 3: 5-7: "Assim diz o Senhor acerca dos profetas que fazem errar o meu povo e que clamam: Paz, quando têm o que mastigar, mas apregoam guerra santa contra aqueles que nada lhes metem na boca [NVI: contra quem não lhes enche a boca]. Portanto, se vos fará noite sem visão, e tereis treva sem adivinhação; pôr-se-á o sol sobre os profetas, e sobre eles se enegrecerá o dia. Os videntes se envergonharão, e os adivinhadores se confundirão; sim, todos eles cobrirão o seu bigode [NVI: todos cobrirão o rosto], porque não há resposta de Deus".

O Senhor também deixa uma advertência contra os profetas que enganam o povo com mentiras e lhes dizem 'paz', enquanto lhes dão ouvidos, mas se revoltam contra os que não se deixam ser enganados por eles. Por causa disso, a visão profética cessará ('vos fará noite sem visão, e tereis treva sem adivinhação; pôr-se-á o sol sobre os profetas, e sobre eles se enegrecerá o dia'). Deus trará sobre eles a vergonha e a confusão, pois não haverá resposta às suas súplicas.

• Mq 3: 8-10: "Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e de força [NVI: de força e de justiça], para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel, o seu pecado. Ouvi, agora, isto, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel, que abominais o juízo [NVI: justiça], e perverteis tudo o que é direito, e edificais a Sião com sangue e a Jerusalém, com perversidade".

Pelo contrário, Miquéias fala que ele profetiza em o nome do Senhor, e que o pecado da nação se tornou evidente demais para ser encoberto de alguma forma. Ao contrário dos falsos profetas que foram calados, Miquéias recebeu do Senhor o poder divino (1 Co 2: 13; 2 Pe 1: 21), mostrando o contraste entre Seu poder e o dos os líderes ineficientes de Israel (v. 1). Então, ele se dirige aos governantes e aos magistrados, que usam de violência e perversidade para manter a cidade da maneira 'estável' que eles querem, e constroem Sião com a riqueza ilícita e por sangue inocente, tanto o templo como o palácio real.

• Mq 3: 11-12: “Os seus cabeças [NVI: líderes] dão as sentenças por suborno, os seus sacerdotes ensinam por interesse [NVI: seus sacerdotes ensinam visando lucro], e os seus profetas adivinham por dinheiro [NVI: em troca de prata]; e ainda se encostam [NVI: E ainda se apóiam no Senhor] ao Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá. Portanto, por causa de vós, Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de ruínas, e o monte do templo, numa colina coberta de mato”.

Ele se dirige aos magistrados, que julgam por suborno; aos sacerdotes, que não exercem seu ofício como deviam e praticam uma falsa religião; aos profetas que profetizam por dinheiro, e não o que Deus manda, de maneira espontânea, e que ainda acham que o Senhor os apóia.

Por causa de todas essas irregularidades, da mesma forma que Samaria, Jerusalém também será destruída, inclusive o templo do Senhor. Ele usaria uma nação pagã para castigar Seu próprio povo culpado. O agente dessa destruição foram os babilônios.

Capitulo 4

• Mq 4: 1-13 – O anúncio do chamamento dos gentios

• Mq 4: 1-4: "Mas, nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes [NVI: será estabelecido como o principal entre os montes] e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão os povos. Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião procederá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém. Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e longínquas [NVI: resolverá contendas entre nações poderosas e distantes]; estes converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras [NVI: foices]; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante [NVI: ninguém o incomodará], porque a boca do Senhor dos Exércitos o disse".

Da mesma forma que este texto se encontra em Isaías (Is 2: 1-5) em referência à glória futura do Israel espiritual, aqui Miquéias repete o recado. Ele faz menção ao futuro reino do Messias e ao chamamento dos gentios para serem Seu povo, pois o templo do Senhor estaria sobre os montes, e para lá os povos iriam para aprender a Sua lei. Este texto se refere aos tempos do evangelho, quando Jesus estaria no templo em Jerusalém ensinando a todos os que quisessem conhecer a verdade de Deus. No templo do Senhor os povos seriam ensinados a jogar fora as armas de guerra e a aprender a paz. O futuro reino do Messias é chamado pelo profeta de 'Os últimos dias', dando a entender uma mudança importante no âmbito espiritual para a humanidade.

O monte da Casa do Senhor é chamado de Monte Sião. 'Sião' significa 'lugar seco', 'banhado de sol', ou 'cume'. O Monte Sião é o nome de uma das colinas de

Jerusalém e que pela definição bíblica é a Cidade de Davi, e mais tarde se tornou sinônimo da Terra de Israel. Sião (em hebraico ציון – Tzion ou Tsion; em árabe, Ṣuhyūn) era o nome dado especificamente à fortaleza Jebusita que ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada de Monte Sião, e que foi conquistada por Davi. Após sua morte, o termo 'Sião' passou a se referir ao monte onde se encontrava o Templo de Salomão, e depois, ao próprio templo e aos seus terrenos. Depois disso ainda, a palavra 'Sião' foi usada para simbolizar Jerusalém e a terra de Israel.

'Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante' – isso significa a bênção, a prosperidade e o favor divino sobre Seu povo, um tempo de paz.

• Mq 4: 5-8: "Porque todos os povos andam, cada um em nome do seu deus [NVI: dos seus deuses]; mas, quanto a nós, andaremos em o nome do Senhor, nosso Deus, para todo o sempre. Naquele dia, diz o Senhor, congregarei os que coxeiam e recolherei os que foram expulsos e os que eu afligira. Dos que coxeiam farei a parte restante e dos que foram arrojados para longe, uma poderosa nação [NVI: Farei dos que tropeçam um remanescente, e dos dispersos, uma nação forte]; e o Senhor reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre [NVI: daquele dia em diante e para sempre]. A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém [NVI: o antigo domínio lhe será restaurado; a realeza voltará para a cidade de Jerusalém]".

Miquéias diz que os povos têm seus deuses, mas lembra o povo do Senhor de que Ele é o seu Deus, e estimula sua fé, confirmando que eles continuarão a caminhar debaixo da proteção desse Deus que os havia tirado do Egito, que lhes ensinou Sua lei e que os livrou de tantas coisas até aqui. Nos dias do Messias, Ele congregará Seu povo de todas as nações para onde foram espalhados e os trará a Sião. Ali haverá cura, e os remanescentes se tornarão uma poderosa nação. Para os judeus que não receberam Jesus como o Messias, esta promessa ainda está para se cumprir, mas para os que o receberam e se entregaram em Suas mãos, estes se tornaram uma poderosa nação de crentes fiéis, que tudo suportaram por amor a Ele. A Igreja Primitiva que nasceu em Jerusalém foi fortalecida pelo Espírito Santo, que foi abundantemente derramado sobre eles, dando-lhes a força espiritual e física para espalhar a nova doutrina por todo o mundo antigo. Com a força do Espírito, aquele povo fiel a Cristo não mais coxeou entre doutrinas de homens, pois conheceu a verdade através da boca do Filho de Deus. Para os convertidos, que entenderam a missão de Jesus e a nova dispensação que Ele trouxe para o Seu povo, o templo de Sião passou a estar dentro deles mesmos; seus corpos e espíritos se transformaram no templo vivo do Senhor na terra.

Depois, Miquéias diz: "A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém [NVI: o antigo domínio lhe será restaurado; a realeza voltará para a cidade de Jerusalém]", e isso confirma que a realeza que Jerusalém conheceu no passado através de Davi estava sendo restaurada na pessoa de um descendente da casa de Davi: Jesus. A Ele pertencia agora o domínio da Cidade Santa, da Terra Santa, e de todos quantos quisessem servi-lo. Ele seria o seu Rei.

• Mq 4: 9-10: "Agora, por que tamanho grito? Não há rei em ti? Pereceu o teu conselheiro? Apoderou-se de ti a dor como da que está para dar à luz? Sofre dores e esforça-te, ó filha de Sião [NVI: Contorça-se em agonia, ó povo da cidade de Sião], como a que está para dar à luz, porque, agora, sairás da cidade, e habitarás no campo, e virás até à Babilônia; ali, porém, serás libertada; ali, te remirá o Senhor das mãos dos teus inimigos".

O profeta já está se referindo às dores de Jerusalém debaixo da ameaça da invasão babilônica, e diz que seu povo será levado ao cativeiro naquela terra estranha, mas é necessário que assim seja para que sejam libertos da idolatria e dos demais pecados que tanto provocaram a Deus. Depois do período de purificação, o Senhor atentará para eles novamente e os resgatará das mãos dos seus inimigos.

• Mq 4: 11-13: "Acham-se, agora, congregadas muitas nações contra ti, que dizem: Seja profanada, e vejam os nossos olhos o seu desejo sobre Sião. Mas não sabem os pensamentos do Senhor, nem lhe entendem o plano que as ajuntou como feixes na eira. Levanta-te e debulha, ó filha de Sião, porque farei de ferro o teu chifre e de bronze, as tuas unhas; e esmiuçarás a muitos povos [NVI: eu darei a você chifres de ferro e cascos de bronze para despedaçar muitas nações], e o seu ganho será dedicado ao Senhor, e os seus bens, ao Senhor de toda a terra [NVI: Você consagrará ao Senhor, ao Soberano de toda a terra, os ganhos ilícitos e a riqueza delas]".

Miquéias continua sua profecia revelando o pensamento dos ímpios sobre Jerusalém. Seu desejo era realmente de profanação da Cidade Santa, e eles se deleitavam com o fato de verem isso pessoalmente, com seus próprios olhos. Já estavam pensando na repartição do despojo. Entretanto, os pensamentos de Deus e Seus caminhos são mais altos do que os pensamentos e caminhos dos homens, e Ele os pegaria de emboscada. O que Ele estava permitindo se reverteria em um bem maior para Jerusalém. Como se fosse um fato que já estivesse ocorrendo, o profeta fala do futuro e diz à cidade para reagir, para se levantar e mostrar o seu poder (chifre) e sua força de governo (ferro), e mostrar a sua capacidade de conquista novamente (unhas) como um instrumento de juízo nas mãos de Deus (bronze), como aconteceu nos dias de Josué, quando o povo entrou na Terra Prometida e desapossou os povos idólatras e ímpios que ali estavam, porque o Senhor estava com eles. Essa profecia começa nos tempos pós-exílio, quando Jerusalém e o templo foram reconstruídos com o auxílio dos persas, em especial Ciro (Ed 1: 6-11; Ed 5: 13-15) e Dario I (Ed 6: 4), e se estende aos tempos do evangelho, quando a força de Jerusalém seria maior do que a força da carne; seria a força espiritual de Deus na doutrina pregada por Jesus (através do Espírito Santo), fazendo com que Seus apóstolos levassem o evangelho a terras distantes, e que ajudariam a igreja recém-nascida na sua missão de evangelização.

'O seu ganho será dedicado ao Senhor, e os seus bens, ao Senhor de toda a terra' – os povos idólatras que usavam seu dinheiro para enriquecer os templos dos ídolos se converteriam ao verdadeiro Deus e Lhe dariam o seu ganho e os seus bens, ou seja, ofertariam para o reino de Deus, personificado na igreja cristã do Senhor na terra.

Capitulo 5

• Mq 5: 1: "Agora, ajunta-te em tropas, ó filha de tropas [Nota NVI: fortifique seus muros, ó cidade murada]; pôr-se-á sítio contra nós; ferirão com a vara a face do juiz de Israel [NVI: O líder de Israel será ferido na face, com uma vara; NRSV: o governante de Israel]".

Este versículo parece estar relacionado aos últimos versículos do capítulo anterior, ao cerco de Jerusalém pela Babilônia. Jerusalém é convocada a fortificar suas muralhas e mobilizar suas tropas para se defender de um ataque inimigo, pois será posto sítio contra os seus habitantes.

'Ferirão com a vara a face do juiz de Israel' ou 'o líder de Israel será ferido na face, com uma vara' (NVI) ou 'o governante de Israel será ferido na face com uma vara' (NRSV) – Ele diz que os inimigos atacarão o governante de Israel na face com uma vara, o que significa um grande insulto a um governante oriental (em Am 2: 3, o termo 'juiz' é usado para o rei de Israel). O Senhor faria com que outras tropas estrangeiras a envergonhassem e seu governante fosse golpeado no rosto com mais desdém (a vara não é apenas um instrumento material de punição, mas uma metáfora para insultos atirados contra alguém). Zedequias sofreu isso; e muito mais, Jesus, o Messias, o verdadeiro governante de Israel, quando foi humilhado pelos gentios e pelos seus próprios compatriotas antes de ser crucificado (Is 50: 6; Mt 26: 67; Mt 27: 30; Mc 15: 19).

• Mq 5: 2-15: O nascimento do Messias e seu reinado

• Mq 5: 2-4: "E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá [NVI: 'pequena entre os clãs de Judá' ou 'entre os governantes de Judá'], de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. Portanto, o Senhor os entregará até ao tempo em que a que está em dores tiver dado à luz [NVI: Por isso os israelitas serão abandonados até que aquela que está em trabalho de parto dê à luz]; então, o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel [NVI: o restante dos irmãos do governante voltará para unir-se aos israelitas]. Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor, seu Deus; e eles habitarão seguros, porque, agora, será ele engrandecido até aos confins da terra [NVI: a grandeza dele alcançará os confins da terra]".

• Da mesma forma que Isaías, Miquéias também esperava pelo Messias, e diz que Ele nasceria em Belém e traria restauração à nação. Belém de Judá é uma cidade na parte montanhosa de Judá chamada Efrata (Gn 35: 19; Gn 48: 7). É diferente de Belém, outra cidade na tribo de Zebulom (Js 19: 15), por isso é escrita neste versículo de Miquéias como Belém-Efrata. Belém era mesmo uma cidade pequena e não muito importante, se comparada a outras cidades de Judá. A única coisa que a fazia lembrada dos judeus era o fato de ser a cidade natal de Davi. E é justamente aí que Miquéias afirma ser o local do nascimento do Messias, um descendente de Davi. Após Zedequias, não houve mais descendente da casa de Davi que se assentasse no trono da nação, pois depois do exílio, a Judéia foi governada por governadores nomeados pelo rei persa; em seguida, por sumo sacerdotes nomeados por reis Ptolomeus e Selêucidas, até Antípatro, um Idumeu ou Edomita, pai de Herodes o Grande, colocado pelo general romano Pompeu como procurador da Palestina em 67 AC.

Então, Miquéias prossegue dizendo: ‘de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade’. Isso vem a confirmar a natureza sobrenatural do Messias, do seu caráter divino, pois fala de Sua eternidade.

• ‘Portanto, o Senhor os entregará até ao tempo em que a que está em dores tiver dado à luz [NVI: Por isso os israelitas serão abandonados até que aquela que está em trabalho de parto dê à luz]’ – isso confirma que durante muito tempo, até que o Messias fosse dado a Israel, o povo seria entregue nas mãos de impérios e nações estrangeiras, pois não conheceria seu rei, não seria uma nação com governo independente.

• ‘Então, o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel [NVI: o restante dos irmãos do governante voltará para unir-se aos israelitas]’ – isso fala a favor da união entre Israel e Judá (‘o restante dos irmãos do governante’), que só seria possível nos tempos do Messias através da Sua igreja, pois isso não pôde ocorrer materialmente devido à separação dos cidadãos em partidos políticos e seitas religiosas que surgiram no Período Intertestamentário e no início da era cristã (os zelotes, por exemplo). Neste período o povo judeu sofreu com guerras civis que ficaram mais evidentes na época dos Macabeus e do período Hasmoneano, quando estes líderes também brigaram entre si. Na época dos romanos, a Judéia (ou Palestina) estava dividida por muitos partidos em constante desacordo, o que propiciou a destruição posterior de Jerusalém por Tito. Além de grupos extremistas (zelotes e sicários) havia outros partidos político-religiosos que também estavam em oposição constante: os fariseus, os saduceus e os essênios, que surgiram durante a fase do período Ptolomaico, em especial, durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (250-198 AC).

• ‘Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor, seu Deus; e eles habitarão seguros, porque, agora, será ele engrandecido até aos confins da terra [NVI: a grandeza dele alcançará os confins da terra]’ – Jesus como uma figura do bom pastor, Ele uniria judeus e gentios debaixo da graça, do favor imerecido de Deus, numa só família: Sua Igreja (Jo 10: 16). Seu nome passaria a ser conhecido em toda a terra. Seu governo espiritual sobre Israel libertaria Seus filhos da escravidão do pecado e da humilhação da servidão a homens ímpios, dando-lhes uma segurança maior em relação à vida, pois conheceriam a liberdade do Messias, e receberiam um reino que jamais lhes seria tomado.

• Mq 5: 5a: “Este será a nossa paz [NVI: Ele será a sua paz]”.

Miquéias continua falando do Messias: ‘Ele será a sua paz’, ou seja, Ele será a paz que o seu povo está esperando.

• Mq 5: 5b-6 (Livramento e destruição): “Quando a Assíria (KJV, em inglês, ‘Quando o assírio’) vier à nossa terra e quando passar sobre os nossos palácios [NVI: sobre as nossas fortalezas], levantaremos contra ela sete pastores e oito príncipes dentre os homens [NVI: levantaremos contra eles sete pastores, até oito líderes escolhidos]. Estes consumirão a terra da Assíria à espada e a terra de Ninrode, dentro de suas próprias portas. Assim, nos livrará da Assíria, quando esta vier à nossa terra e pisar os nossos limites [NVI: Eles nos livrarão quando os assírios invadirem a nossa terra, e entrarem por nossas fronteiras]”.

Quando lemos este texto de Miquéias e o comparamos com Isaías (Is 9: 1-7; Is 11: 1-10 e outros textos onde ele fala do Messias), dá a impressão de que os dois profetas, por causa da situação caótica em que viviam, estavam esperando a vinda do Messias para um tempo bem próximo a eles, ou talvez, projetando as características do Messias em algum governante que livrasse a nação daquelas trevas espirituais e da opressão de

estrangeiros. Estou dizendo isso porque logo em seguida à primeira frase ('Este será a nossa paz' ou 'Ele será a sua paz'), o profeta volta a falar de uma situação bem mais próxima e real, que é a invasão da Assíria. Então, ele escreve:

'Quando a Assíria' (NVI, em inglês, 'Quando o assírio') – provavelmente se referia a Senaqueribe, que invadiu Judá e ameaçou invadir Jerusalém.

È difícil a identificação dos pastores e príncipes citados pelo profeta com algum personagem que tenha vivido nesta época, ainda mais com alguém que fosse capaz de livrá-los da Assíria quando esta viesse à sua terra e pisasse seus limites (entrassem por suas fronteiras) e pudesse consumir a terra da Assíria à espada e a terra de Ninrode (a Babilônia), dentro de suas próprias portas. Isso seria uma coisa para Deus fazer, para o Messias que o profeta estava esperando; mas Ele viria muito tempo depois, e com outro objetivo determinado pelo Pai.

• Mq 5: 7-9: "O restante [NVI: remanescente] de Jacó estará no meio de muitos povos, como orvalho do Senhor, como chuvisco sobre a erva, que não espera pelo homem, nem depende dos filhos de homens [NVI: não porá sua esperança no homem nem dependerá dos seres humanos]. O restante de Jacó estará entre as nações, no meio de muitos povos, como um leão entre os animais das selvas, como um leãozinho [NVI: como um leão forte] entre os rebanhos de ovelhas, o qual, se passar, as pisará e despedaçará, sem que haja quem as livre [NVI: leão que, quando ataca, destroça e mutila a presa, sem que ninguém a possa livrar]. A tua mão se exaltará sobre os teus adversários; e todos os teus inimigos serão eliminados".

Quando o povo for livre da Assíria e da Babilônia, como o profeta dá a entender, ele diz que o remanescente santo que o Senhor deixar será disperso entre as nações e será como uma bênção para muitos povos ('como orvalho do Senhor, como chuvisco sobre a erva'), e reinará entre eles como uma força poderosa ('como um leão entre os animais das selvas, como um leãozinho entre os rebanhos de ovelhas'). Em outras palavras, a dispersão judaica.

Entretanto, essa parece mais uma profecia sobre o Israel espiritual, a igreja do NT, portanto, essa profecia já foi cumprida na pessoa de Jesus, derrotando o diabo na cruz e nos constituindo embaixadores do Seu reino na terra, fazendo Sua doutrina verdadeira prevalecer sobre os sofismas de Satanás, não importa onde sejamos colocados. Isso começou com Seus apóstolos e discípulos no início da era cristã, que foram a muitos lugares (incluindo as comunidades judaicas em outras nações, estabelecidas no período do exílio) e levaram a semente do evangelho. Hoje, a igreja de Cristo, constituída por todos os que aceitaram Seu sacrifício, Sua ressurreição e Sua divindade e autoridade sobre todas as coisas, e que assume seu chamado ('A grande Comissão' – Mt 28: 18-20), esse é o remanescente que faz a diferença onde estiver.

'A tua mão se exaltará sobre os teus adversários; e todos os teus inimigos serão eliminados' – Miquéias ainda mantém a esperança da vitória do Senhor sobre Seus inimigos.

• Mq 5: 10-15: "E sucederá, naquele dia, diz o Senhor, que eu eliminarei do meio de ti os teus cavalos e destruirei os teus carros de guerra; destruirei as cidades da tua terra e deitarei abaixo todas as tuas fortalezas; eliminarei as feitiçarias das tuas mãos, e não terás adivinhadores [NVI: não farão mais adivinhações]; do meio de ti eliminarei as tuas imagens de escultura e as tuas colunas, e tu já não te inclinarás diante da obra das tuas mãos; eliminarei do meio de ti os teus postes-ídolos e destruirei as tuas cidades. Com ira e furor, tomarei vingança sobre as nações que não me obedeceram".

O Senhor confirmava através de Miquéias a Sua intenção de purificar Seu povo da violência e da idolatria, que pareciam os dois pontos mais nevrálgicos naquela nação. Por isso, isso está escrito em seqüência ao nascimento do Messias e como sendo uma característica do Seu reinado. Quando lemos os escritos proféticos podemos notar que nem depois do retorno da Babilônia os judeus foram completamente libertos de sua tendência idólatra. Assim, com o nascimento de Jesus, uma nova dispensação começou para Israel e se tornou clara para aqueles que se converteram e abandonaram os antigos costumes por causa da revelação particular que receberam dEle, como aconteceu com Saulo de Tarso (Gl 1: 11-12) e com os demais apóstolos do Senhor.

• 'Naquele dia' se refere à primeira vinda de Jesus e aos tempos do evangelho.

• 'Eliminarei do meio de ti os teus cavalos e destruirei os teus carros de guerra' – diz respeito à sua índole bélica que também já havia provocado muitas contendas, não apenas dentro da própria sociedade israelita, como também entre Israel e os países vizinhos, quase que fazendo os judeus 'competirem' com as nações bárbaras e ímpias ao seu redor em matéria de crueldade. Não era esse o plano de Deus para Seu povo. Jesus veio trazendo outra doutrina, ensinando a paz e a santidade.

• 'Com ira e furor, tomarei vingança sobre as nações que não me obedeceram' – essa frase parece ter uma revelação bastante espiritual, se pensarmos que está ligada ao pensamento anterior sobre a profecia ter sido cumprida com a vinda de Jesus. Devemos nos lembrar que a cruz foi o momento onde o ministério de Jesus teve seu ápice, cumprindo a missão para a qual Ele veio e pondo um fim à inimizade entre Deus e os homens, principalmente por causa da idolatria, e deixando claro que só Ele seria capaz de fazer essa religação. Ao dizer: 'Está consumado', o véu do santuário se rasgou e algo muito forte foi feito pelo próprio Deus no âmbito espiritual, consumando Sua ira contra todo tipo de deformação carnal e pecado provocado por Satanás durante tantos milênios, em especial a 'praga' da idolatria. Quem estava ali naquele momento, com certeza, foi impactado pela verdade, pois a loucura da idolatria se tornou patente, e o caráter e o propósito do Pai se tornaram claros para os que tiveram olhos para ver. Assim, Jesus fez o trabalho completo e deixou o caminho aberto para o ser humano exercer seu livre-arbítrio. Essa ira foi sofrida pelo Filho por causa do pecado de todos nós, mas será sentida e vivida na própria pele por aqueles que insistem em desobedecer e, por orgulho, não aceitaram a propiciação que foi feita pelo Filho de Deus. Portanto, para uns, essa profecia já foi cumprida. Para outros, ela ainda se cumprirá.

Capitulo 6

• Mq 6: 1-8 – Deus e Seu povo em juízo

• Mq 6: 1-2: "Ouvi, agora, o que diz o Senhor: Levanta-te, defende a tua causa perante os montes, e ouçam os outeiros a tua voz. Ouvi, montes, a controvérsia do Senhor [NVI: a acusação do Senhor], e vós, duráveis fundamentos da terra [NVI: alicerces eternos da terra], porque o Senhor tem controvérsia com o seu povo [NVI: Pois o Senhor tem uma acusação contra o seu povo] e com Israel entrará em juízo".

O profeta chama as pessoas para que ouçam o que o Senhor tem a dizer. Deus diz para que Seu povo se defenda, e toma os montes e outeiros como 'testemunhas' dessa controvérsia.

• Mq 6: 3-5: "Povo meu, que te tenho feito? E com que te enfadei? [NVI: Fui muito exigente?] Responde-me! Pois te fiz sair da terra do Egito e da casa da servidão te remi; e enviei adiante de ti Moisés, Arão e Miriã. Povo meu, lembra-te, agora, do que maquinou Balaque, rei de Moabe, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor, e do que aconteceu desde Sitim até Gilgal, para que conheças os atos de justiça do Senhor [NVI: Recorde a viagem que você fez desde Sitim até Gilgal, e reconheça que os atos do Senhor são justos]".

Deus fala o que já realizou em prol de Israel, e pergunta no que Ele tem errado ou cansado o Seu povo. Ele os faz recordar da sua libertação do Egito e do livramento que lhes deu quando estavam para entrar na Terra Prometida, e Ele obrigou Balaão a abençoá-los (Nm 23 – 24) ao invés de amaldiçoá-los, como Balaque, o rei Moabita, filho de Zipor, pretendia (Nm 22: 4-6).

'Do que aconteceu desde Sitim até Gilgal, para que conheças os atos de justiça do Senhor [NVI: reconheça que os atos do Senhor são justos]' – o Senhor se refere ao episódio ocorrido em relação à adoração de Baal-Peor (Nm 25: 1-18; Dt 4: 3; Sl 106: 28-31 cf. Os 9: 10).

• Mq 6: 6-8: "Com que me apresentarei ao Senhor e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano? [NVI: Deveria oferecer holocaustos de bezerros de um ano? Cf. Lv 9: 3]. Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma? [NVI: por causa do pecado que eu cometi?] Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia [NVI: fidelidade], e andes humildemente com o teu Deus".

Miquéias pergunta ao povo como seria a forma correta e agradável de eles se apresentarem diante do Senhor, ou seja, como se aproximar dEle em verdadeira adoração? Ele perguntava isso porque Deus já estava cansado de rituais vazios, até mesmo de abominações que eles pudessem cometer como o fizeram alguns reis de Israel e Judá ('Darei o meu primogênito pela minha transgressão?' – cf. Jr 7: 31; Jr 19: 5; Lv 18: 21; Lv 20: 2; Acaz – 2 Rs 16: 3; 2 Cr 28: 3; Manassés – 2 Rs 21: 6; 2 Cr 33: 6). Ele só pedia três coisas deles: praticar a justiça, amar a misericórdia e andar em humildade com Ele. Portanto, o profeta salientava que a graça salvadora de Deus não podia ser obtida por mérito, na forma de ofertas pretensiosas de sacrifícios e formalidades, mas pela humildade, misericórdia e justiça como uma experiência diária na vida do indivíduo.

• Mq 6: 9-16 (A injustiça terá seu castigo):

• Mq 6: 9-12: "A voz do Senhor clama à cidade (e é verdadeira sabedoria temer-lhe o nome): Ouvi, ó tribos, aquele que a cita [NVI: 'Ouçam, tribo de Judá e assembléia da cidade!' ou 'suas assembléias']. Ainda há, na casa do ímpio, os tesouros da impiedade e o detestável efa minguado? [NVI: e a medida falsificada, que é maldita?] Poderei eu inocentar balanças falsas e bolsas de pesos enganosos? Porque os ricos da cidade estão cheios de violência, e os seus habitantes falam mentiras, e a língua deles é enganosa na sua boca".

O profeta se dirigia à tribo de Judá e pedia que ouvissem o que ele tinha a dizer da parte do Senhor. Ele, mais uma vez, condenava os ganhos injustos e denunciava as balanças injustas, os pesos injustos e as medidas injustas (efa). Na lei estava escrito que essas coisas não poderiam permanecer em suas casas (Lv 19: 35-36; Dt 25: 13-16; Ez 45: 11-12). Com o efa, uma unidade de medida, eles compravam e vendiam os cereais. E com as balanças eles pesavam os produtos que compravam, até o ouro e a prata. Mas usavam pesos e medidas diferentes quando compravam e quando vendiam, a fim de ter lucro. Quando estavam vendendo um produto, o peso era mais leve; assim eles vendiam uma quantidade menor por um determinado preço. Se estivessem comprando um produto, o peso era mais pesado do lado de cá da balança, assim levavam maior quantidade do produto para casa.

Um efa era uma unidade de medida para secos e equivalia a 17,62 litros (o bato era a unidade de medida para líquidos, e equivalia a 20,82 litros), mas se eles diminuíssem o tamanho, ainda que um pouquinho, ninguém perceberia; e assim, pagaria por uma coisa que não iria consumir porque tinha levado menos quantidade para casa. E esse tipo de atitude era muito comum no meio dos comerciantes.

As balanças antigas tinham uma margem de erro de 6% e ainda não foram encontrados dois pesos hebreus da mesma denominação inscrita que fossem exatamente de peso idêntico. Era um pouco difícil estabelecer um peso exatamente igual ao outro porque eles eram feitos de pedra, que eram esculpidas para tomarem certos formatos, geralmente com a base chata, que os tornavam de fácil manuseio ou reconhecimento, e o valor deles era esculpido na pedra. Os pesos eram transportados em uma sacola ou bolsa (Mq 6: 11) e, o comprador poderia fazer a comparação com a moeda corrente entre os mercadores de um determinado lugar (Gn 23: 16). 'Diminuindo o efa, e aumentando o siclo' – os comerciantes usavam medidas menores que as justas e pesos mais pesados para enganar, recebendo mais que o devido nos negócios. Eles alteravam suas balanças para que seus clientes saíssem no prejuízo quando compravam a peso. Deus não poderia compactuar com este tipo de fraude.

Depois o profeta diz: 'Porque os ricos da cidade estão cheios de violência, e os seus habitantes falam mentiras, e a língua deles é enganosa na sua boca' – os ricos roubavam e ainda eram capazes de fazê-lo com violência para conseguirem o que queriam. A mentira estava em todas as bocas para desviar as pessoas do caminho certo e ainda conseguir vantagens para si mesmo, como acontecia com os profetas que profetizavam por dinheiro e diziam o que era mais conveniente.

• Mq 6: 13: "Assim, também passarei eu a ferir-te e te deixarei desolada por causa dos teus pecados".

Aqui o Senhor diz que por causa de tudo isso a cidade será punida.

• Mq 6: 14: "Comerás e não te fartarás; a fome estará nas tuas entranhas; removerás os teus bens, mas não os livrarás; e aquilo que livrares, eu o entregarei à espada [NVI:

Vocês ajuntarão, mas nada preservarão, porquanto o que guardarem, à espada entregarei]".

Eles experimentariam a fome e a privação, mesmo que vendessem ou penhorassem seus bens em troca de comida. Se fizessem estoque de alguma coisa, ainda assim seriam saqueados.

• Mq 6: 15-16: "Semearás; contudo, não segarás; pisarás a azeitona, porém não te ungirás com azeite; pisarás a vindima; no entanto, não lhe beberás o vinho, porque observaste os estatutos de Onri e todas as obras da casa de Acabe e andaste nos conselhos deles [NVI: e têm seguido as tradições deles]. Por isso, eu farei de ti uma desolação e dos habitantes da tua cidade, um alvo de vaias [NVI: Por isso os entregarei à ruína, e o seu povo ao desprezo]; assim, trareis sobre vós o opróbrio dos povos [NVI: vocês sofrerão a zombaria das nações]".

Todo o trabalho das mãos deles seria infrutífero; nada seria abençoado porque andaram no caminho dos reis de Israel, como Onri e seu filho, Acabe, cheios violência e idolatria, promovendo a adoração pública de Baal e sua consorte Aserá (1 Rs 16: 21-34; 1 Rs 18: 17-19; 1 Rs 19: 2; 1 Rs 21: 2-3; 9-13), adoração esta que estava associada a ritos sexuais. Por causa disso, o Senhor entregaria Seu povo à vergonha.

Capitulo 7

• Mq 7: 1-6 – A corrupção moral de Israel

• Mq 7: 1-4: "Ai de mim! Porque estou como quando são colhidas as frutas do verão, como os rabiscos da vindima [NVI: na respiga da vinha]: não há cacho de uvas para chupar, nem figos temporãos que a minha alma deseja. Pereceu da terra o piedoso, e não há entre os homens um que seja reto; todos espreitam para derramarem sangue; cada um caça a seu irmão com rede [NVI: com uma armadilha]. As suas mãos estão sobre o mal e o fazem diligentemente; o príncipe exige condenação [NVI: o governante exige presentes; no original não existe a palavra 'condenação', apenas 'o príncipe exige'], o juiz aceita suborno, o grande fala dos maus desejos de sua alma, e, assim, todos eles juntamente urdem a trama. O melhor deles é como um espinheiro; o mais reto é pior do que uma sebe de espinhos. É chegado o dia anunciado por tuas sentinelas, o dia do teu castigo [NVI: o dia do castigo de Deus]; aí está a confusão deles [NVI: Agora reinará a confusão entre eles]".

Até aqui, o profeta diz que está bastante decepcionado com o seu povo, está desanimado com o que vê e nada o alegra, pois só vê corrupção. Ele se acha tão exausto, murcho e sem vida como quando são colhidas as frutas de verão, que logo desaparecem dentro dos cestos dos colhedores e não sobra nada para o pobre, ou como o que restou da colheita de uvas: uma ou outra uva fora dos bagos, e tão seca que não se pode chupar; ou como figos secos, fora do tempo, pois os figos bons já não estão mais na árvore. Ele já não vê homem piedoso e que seja reto; vê apenas violência, intriga e maldade, que não cessam. O governante ordena e exige coisas do povo, o juiz trabalha por suborno, os ricos e nobres deixam transparecer seus maus intentos e todos juntos tramam contra os inocentes. Parecem-se com espinheiros, perigosos de serem tocados e nem um pouco atraentes. Mas está chegando o dia do castigo de Deus, e a confusão reinará sobre eles.

• Mq 7: 5-6: "Não creiais no amigo, nem confieis no companheiro. Guarda a porta de tua boca àquela que reclina sobre o teu peito [NVI: aquela que o abraça]. Porque o filho despreza o pai, a filha se levanta contra a mãe, a nora, contra a sogra; os inimigos do homem são os da sua própria casa (cf. Mt 10: 36; Lc 12: 53)".

A traição e a desconfiança estão dentro dos lares, assim como o desrespeito e a indiferença. Dentro de sua própria família um homem não se sente seguro.

• Mq 7: 8-13 – O Senhor se compadece de Israel

• Mq 7: 7: "Eu, porém, olharei para o Senhor e esperarei no Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá".

Apesar de todo o mal que ele presencia, ele afirma sua confiança em Deus, pois sabe que será ouvido, e que só Ele pode salvá-lo de tudo isso. O Senhor se compadece de Israel (Mq 7: 8-13).

• Mq 7: 8-9: "Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito [NVI: Não se alegre a minha inimiga com a minha desgraça]; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz. Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra ele, até que julgue a minha causa e execute o meu direito; ele me tirará para a luz, e eu verei a sua justiça".

Miquéias fala em nome da nação agora, depois que veio o arrependimento, e o reconhecimento de que havia pecado. A inimiga a que se refere é a Babilônia. Deus os libertará dela, depois que Ele terminar Seu julgamento, e eles conhecerão a sua justiça.

• Mq 7: 10-12: "A minha inimiga verá isso, e a ela cobrirá a vergonha, a ela que me diz: Onde está o Senhor, teu Deus? Os meus olhos a contemplarão; agora, será pisada aos pés como a lama das ruas. **11** No dia da reedificação dos teus muros, **nesse dia**, serão os teus limites removidos [NVI: se ampliarão as suas fronteiras] para mais longe. **12** **Nesse dia**, virão a ti, desde a Assíria até às cidades do Egito, e do Egito até ao rio Eufrates, e do mar até ao mar, e da montanha até à montanha".

Os que zombam do infortúnio de Judá se envergonharão, como a Babilônia, por exemplo, pois sofrerão a destruição também.

'Nesse dia' (v. 11; 12) – no dia da reedificação dos muros.

No dia em que os muros de Jerusalém forem reedificados, eles estarão mais longe do que estavam anteriormente, ampliando a cidade (cf. Ne 3: 1-32). Essa profecia de Miquéias se mostrou verdadeira nos achados arqueológicos feitos nas escavações da cidade de Jerusalém em relação aos muros de Neemias: as partes norte e oeste do muro precisavam apenas de reparos. O muro leste, porém, deve ter sido completamente refeito. Mas se olharmos o mapa da cidade de Jerusalém do tempo de Neemias e o compararmos com o tempo da monarquia, nós poderemos notar que o muro oeste foi expandido (cf. Is 49: 20). Os muros, com uma base de cerca de dois metros e meio de espessura, foram rudimentarmente construídos com pedras inteiras e com cascalho, explicando porque era alvo de zombarias. Talvez tivesse uma altura de seis a nove metros, com quase três quilômetros e meio de comprimento, numa circunferência de trezentos e sessenta e quatro quilômetros quadrados. Simbolicamente 'serão os teus limites removidos para mais longe' pode significar a remoção das regras tirânicas da Babilônia sobre eles como foi com seus pais no Egito (Ez 20: 25), uma vez que na KJV (já traduzido para o português) está escrito: "No dia que as tuas muralhas forem construídas, nesse dia o decreto será removido para longe". A profecia pode ser referir também à restauração dos judeus na 1ª vinda do Messias (cf. Am 9: 11 – o tabernáculo caído de Davi)

'A ti' – está falando para Jerusalém, que judeus virão para edificá-la, de todas as partes da terra para onde foram espalhados, de norte a sul, de leste a oeste.

• Mq 7: 13: "Todavia, a terra será posta em desolação, por causa dos seus moradores, por causa do fruto das suas obras".

A terra de que fala aqui é a Babilônia, que Deus também irá punir por causa de suas ações contra o povo do Senhor.

• Mq 7: 14-20 – Súplica por misericórdia

• Mq 7: 14-15: "Apascenta o teu povo com o teu bordão, o rebanho da tua herança, que mora a sós no bosque, no meio da terra fértil [NVI: 'que vive à parte numa floresta, em férteis pastagens' ou 'no meio do Carmelo']; apascentem-se em Basã e Gileade, como nos dias de outrora [NVI: Deixa-o pastar em Basã e em Gileade, como antigamente]. Eu lhe mostrarei maravilhas, como nos dias da tua saída da terra do Egito".

Miquéias orou para que Deus, o Pastor, cuidasse de Seu rebanho. Deus lhe disse que Ele mostrará ao povo de Israel ('Eu lhe mostrarei') maravilhas, como nos dias em que eles saíram da terra do Egito.

• Mq 7: 16-17: "As nações verão isso e se envergonharão de todo o seu poder; porão a mão sobre a boca, e os seus ouvidos ficarão surdos [NVI: e taparão os ouvidos]. Lamberão o pó como serpentes; como répteis da terra, tremendo, sairão dos seus esconderijos e, tremendo, virão ao Senhor, nosso Deus; e terão medo de ti".

O profeta está falando para o povo que as nações que os humilharam veriam as maravilhas do Senhor a favor deles, e se envergonhariam; não falariam mais nada contra o Deus de Israel ('porão a mão sobre a boca') nem contra os judeus. Fechariam seus ouvidos às blasfêmias dos incrédulos e às maledicências contra o povo do Senhor ('seus ouvidos ficarão surdos' ou 'e taparão os ouvidos') para não mais provocarem a Sua ira. Pelo contrário, se achegariam a Ele para conhecê-lO melhor. O nome de Israel seria temido entre os povos. Isso seria decorrente do seu arrependimento e da sua obediência a Ele também, como Moisés escreveu em Dt 28 sobre as bênçãos decorrentes da obediência: "O Senhor te constituirá para si em povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do Senhor, teu Deus, e andares nos teus caminhos. E todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do Senhor e terão medo de ti" (Dt 28: 9-10).

• Mq 7: 18-20: "Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade e te esqueces da transgressão do restante da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniqüidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar. Mostrarás a Jacó a fidelidade e a Abraão, a misericórdia, as quais juraste a nossos pais, desde os dias antigos [NVI: conforme prometeste sob juramento aos nossos antepassados, na antigüidade]".

Miquéias termina com uma exaltação ao Senhor, louvando-o pela Sua misericórdia e pela Sua capacidade de perdoar. Ele sabe que o Senhor neste momento os está punindo, mas tem certeza da Sua compaixão, que voltará a ser derramada sobre eles e apagará suas transgressões. Mostrará Sua fidelidade a Jacó, ou seja, aos verdadeiramente israelitas; e aos gentios, os israelitas pela fé (os que são da descendência de Abraão – cf. Rm 4: 9; 11-13; Gl 3: 14), que herdaram suas promessas através de Jesus, o Messias.

'Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade e te esqueces da transgressão do restante da tua herança?' – praticamente repetindo o que o próprio Deus disse de si mesmo quando revelou Sua glória a Moisés (Êx 34: 6-9).

Conclusão:

Ao falar de Miquéias, nós estamos falando do zelo do Senhor pelo Seu povo, apesar do seu pecado, punindo também aqueles que zombam do seu sofrimento e do Seu zelo pela Sua própria santidade, pois quando Seus escolhidos cometem iniqüidades e atrocidades, Seu nome santo é envergonhado. O que Ele pede de nós é a humildade e a verdadeira adoração. Dessa forma, o profeta deve ser um instrumento de zelo do Senhor onde há pecado, irreverência, abominação, falta de temor e desconhecimento do Deus verdadeiro. Não deve permitir que o mundo o influencie ou que as coisas do maligno e da carne o seduzam e o desviem da verdade, pois tudo isso deixa uma mácula no nosso espírito e fere o Espírito Santo que está em nós. Devemos saber que o amor e a misericórdia do Senhor estarão sempre disponíveis para todos aqueles que se arrependem sinceramente do seu erro e que a Sua restauração é completa, removendo de nós toda a acusação do inimigo. É Ele que nos justifica perante os que nos humilharam

e nos eleva perante os que desejaram nos ver cair. Quando estamos no centro da Sua vontade, Sua proteção e a Sua justiça estão sobre nós. Devemos interceder como Habacuque por aqueles que estão no erro, mas não carregar o fardo pelos seus pecados e pela sua rebeldia e idolatria. Quando o pecador rejeita a correção através da boca do intercessor e do profeta, é hora de parar de orar e deixar a vontade soberana de Deus entrar em ação para disciplinar, convencer do erro, do pecado, da justiça, do juízo e, assim, vindicar Sua própria santidade.

Naum

Naum significa ‘consolação, consolo, compassivo’. Período profético: 663-612 AC. Naum faz lembrar que Deus detém o controle da História e que não permitirá que o mal prevaleça para sempre (Na 1: 1-3). Ele nasceu em Elcos (Judá). A captura de Tebas (Nô-Amom – Na 3: 8-10) já havia ocorrido em 661 AC, sob Assurbanipal (669-627 AC), rei da Assíria, após três anos de cerco. Nínive, a capital da Assíria, caiu em 612 AC, quando foi conquistada pela Babilônia e pela Média, mais ou menos cem a cento e cinqüenta anos depois de Jonas entregar a mensagem de Deus a ela. Naum descreve o julgamento vindouro pelo zelo de Deus, que consiste em levar avante os Seus propósitos tanto para fazer prevalecer o Seu próprio reino como para castigar os Seus adversários. Naum descreve também o inimigo que porá cerco a Nínive (Na 3: 1-19), os Medos, que vieram da planície da Pérsia e voltavam sua atenção contra os Assírios da planície da Mesopotâmia. Nínive, uma grande cidade comercial (Na 3: 16) da Assíria e sua última capital, seria saqueada. Sua impiedade seria castigada. Era sanguinária e cruel, cheia de mentira e roubo (Na 3: 1), uma cidade guerreira e tinha matado muitas nações por meio de suas prostituições e feitiçarias (Na 3: 4). O termo hebraico para Nínive (nïn^{e}weh ou Nīnewē – נינוה), em grego: nineue (Νινευη), em latim: Nineve, em árabe: Naīnuwa, uma ‘cidade excessivamente grande’, é uma tradução do assírio ninua, em babilônico antigo ninuwa, que por sua vez é transliteração do nome sumério mais antigo ainda, Nina, nome da deusa Istar, deusa da fertilidade, do amor e da guerra, a deidade protetora daquela cidade e cujo nome era escrito com um sinal representando um peixe dentro de um ventre. Nina era o nome assírio antigo da ‘Rainha dos Céus’ (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 18; 19; 25), portanto, local de muita abominação e idolatria, feitiçaria e prostituição.

Capitulo 1

• Na 1: 1-15 – A ira e a misericórdia de Deus

• Na 1: 1-2: "Sentença contra Nínive. Livro da visão de Naum, o elcosita [NVI: de Elcos]. O Senhor é Deus zeloso e vingador, o Senhor é vingador e cheio de ira; o Senhor toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos [NVI: e manifesta o seu furor contra os seus inimigos]".

Elcos parece ter sido uma aldeia pobre na tribo de Judá. Em primeiro lugar, o profeta descreve o zelo de Deus, que consiste em levar avante os Seus propósitos tanto para elevar o Seu próprio reino como para castigar os Seus adversários. E isso é descrito em primeiro lugar para confirmar a palavra de repreensão vinda do Senhor e confirmar que Seu decreto não vai ser mudado.

• Na 1: 3-6: "O Senhor é tardio em irar-se [NVI: é muito paciente], mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés. Ele repreende o mar, e o faz secar, e míngua todos os rios; desfalecem Basã e o Carmelo, e a flor do Líbano se murcha. Os montes tremem perante ele, e os outeiros [NVI: colinas] se derretem; e a terra se levanta diante dele [NVI: A terra se agita na sua presença], sim, o mundo e todos os que nele habitam. Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da sua ira? A sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas [NVI: as rochas se despedaçam diante dele]".

Como todos os outros profetas e salmistas, Naum mostra o poder, a majestade e a reta justiça de Deus, e descreve poeticamente as manifestações da natureza como um sinal de reverência a Ele, confirmando Seu senhorio sobre toda a criação. Da mesma forma que Isaías, Naum faz menção do Carmelo, do Líbano e de Basã para expressar o prazer ou o desprazer de Deus diante das situações vividas pela humanidade.

'Desfalecem Basã e o Carmelo' – Basã é a terra a leste do rio Jordão, que antes da entrada do povo em Canaã pertencia aos amorreus. Quando Moisés venceu seus reis (Seom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã – Js 12: 1-6; Nm 21: 21-35; Dt 2: 26-37; Dt 3: 1-13), a terra foi dada às tribos de Rúben, Gade e meia tribo de Manassés, pois era terra rica em pastagem e bastante favorável ao gado. Quando Naum fala que Basã desfalece, significa que diante da ira de Deus uma terra esverdeada e própria para pastagem perde o viço e se transforma numa terra estéril, até desértica.

O Monte Carmelo (karmel, 'terra ajardinada', 'terra frutífera') é uma cadeia de colinas com quarenta e oito quilômetros de extensão, na direção Noroeste para Sudeste do Mediterrâneo (praia sul da baía de Acre) para a planície de Dotã, hoje o sítio arqueológico de Tel Dothan, também conhecido como Tel al-Hafireh. Tel Dothan está a 12 milhas (19.312 km) de distância ao norte da cidade de Sebastia (em latim, Sebaste), antigamente chamada de Samaria. O Monte Carmelo é a serra principal (altura máxima de quinhentos e vinte e três metros), no extremo Noroeste. Apesar de ser uma região densamente coberta de vegetação, era escassamente habitada. A vegetação luxuriante do Carmelo é refletida em Am 1: 2; Am 9: 3; Mq 7: 14; Na 1: 4; Ct 7: 5. A palavra 'karmel' em hebraico pode ser usada como substantivo comum com este sentido [2 Rs 19: 23: 'fértil pomar'; Strong #3759: um campo plantado (jardim, horta, pomar, vinhedo ou parque); por implicação, produtos de horta]. Pode ser usada para indicar grãos frescos de cereais (Lv 23: 14: 'espigas verdes'). O Carmelo é formado de pedra calcária dura, abundante em cavernas, e atinge a altitude de quinhentos e vinte e três

metros. Na base da montanha corre o tortuoso Ribeiro de Quisom. Era uma região muito pouco habitada. Ali a glória do Senhor resplandeceu para o Seu povo, pois foi ali, que na pessoa de Elias, Deus manifestou o Seu poder contra os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, consumindo com fogo o sacrifício que o profeta tinha colocado sobre o altar. Naum fala que o Monte Carmelo também desfalece, isto é, diante da ira de Deus a grande e luxuriante floresta desaparecerá, perderá sua vegetação.

'A flor do Líbano se murcha' – o Líbano é conhecido também por sua densa floresta. Ele experimenta muita chuva de novembro a março; por isso, suas cadeias de pedra calcária dão origem a muitas fontes e riachos. Ao sul das montanhas há cultivo de jardins, bosques de oliveiras, vinhedos e pomares de frutas (amoras, figos, maçãs, damascos, nozes) e pequenos campos de trigo. A vegetação florestal é de murtas, coníferas e enormes cedros, portanto, é símbolo de fertilidade e de tirar gozo e proveito da vida e de uma plantação, tirar proveito dos frutos. Naum também diz que a flor do Líbano murcha por causa da indignação do Senhor.

Monte Carmelo

‘As rochas são por ele demolidas’ ou as ‘rochas se despedaçam diante dele’ – isso nos lembra de Elias em Horebe, quando se escondeu na caverna e Deus passou diante dele. Primeiro, houve um grande e forte vento que fendia os montes e despedaçava as rochas. Depois do vento, um terremoto; e depois do terremoto, um fogo, mas o Senhor não estava no vento, nem no terremoto, nem no fogo, e sim num cicio tranqüilo e suave que veio após tudo isso; e nessa voz mansa, Ele falou com Seu filho (1 Rs 19: 11-12). As grandes manifestações da natureza mostravam o poder de Deus e Seu domínio sobre todas as coisas que foram criadas por Ele, porém, quando chegou o momento de falar e consolar Elias, Ele falou de maneira suave para acalmá-lo dos seus temores.

Neste trecho de Naum, Deus não falaria de maneira doce com os ímpios, mas mostraria a eles a Sua indignação com tanto pecado.

• Na 1: 7: “O Senhor é bom, é fortaleza [NVI: refúgio] no dia da angústia e conhece os que nele se refugiam [NVI: Ele protege os que nele confiam]”.

Neste versículo, Naum mostra a contraparte de tudo o que escreveu acima, ou seja, para os humildes e tementes a Deus, Ele mostra a Sua misericórdia e o Seu braço forte, onde os que são dEle podem se refugiar nos momentos de angústia.

• Na 1: 8-10: “Mas, com inundação transbordante, acabará de uma vez com o lugar desta cidade [NVI: uma enchente devastadora dará fim a Nínive]; com trevas, perseguirá o Senhor os seus inimigos [NVI: expulsará os seus inimigos para a escuridão]. Que pensais vós contra o Senhor? Ele mesmo vos consumirá de todo; não se levantará por duas vezes a angústia [NVI: O Senhor acabará com tudo o que vocês planejarem contra ele; a tribulação não precisará vir uma segunda vez]. Porque, ainda que eles se entrelaçam como os espinhos e se saturam de vinho como bêbados, serão inteiramente consumidos como palha seca”.

Aqui ele já profetiza a maneira como a cidade será destruída: com uma inundação, pois foi por causa de inundação da sua represa que o muro apresentou brechas, facilitando a entrada do inimigo.

‘Com trevas, perseguirá o Senhor os seus inimigos’ ou ‘expulsará os seus inimigos para a escuridão’ – muito provavelmente se trata do incêndio do palácio, dos edifícios principais da cidade e de outras casas pelos Medos e Babilônios, levantando uma fumaça escura; entretanto, pode também significar as ‘trevas da morte’ para os cidadãos de Nínive.

Depois, Deus usa o profeta Naum para confrontar Seus adversários, pois mostra que os pensamentos deles não estão ocultos aos Seus ouvidos: “Que pensais vós contra o Senhor? Ele mesmo vos consumirá de todo; não se levantará por duas vezes a angústia [NVI: a tribulação não precisará vir uma segunda vez]”. Isso significa que tudo o que os assírios planejaram contra o povo de Deus (portanto, contra Ele) seria desfeito, e a destruição seria tamanha que o Senhor não precisaria repetir o trabalho trazendo outro exército invasor. Por mais unidos que se sentissem em seus planos malignos (‘se entrelaçam como espinhos’) e por mais embriagados que estivessem com sua violência e sede de sangue e conquista (‘se saturam de vinho como bêbados’), ainda assim o Senhor era mais forte para acabar com todo esse mal.

• Na 1: 11: “De ti, Nínive, saiu um que maquina o mal contra o Senhor, um conselheiro vil [NVI: Foi de você, ó Nínive, que saiu aquele que trama perversidades, que planeja o mal contra o Senhor]”.

Muitos comentaristas falam que ‘um que maquina o mal’ ou ‘um conselheiro vil’ se trata de Senaqueribe ou de seu general Rabsaqué, baseados na premissa que Naum é

contemporâneo de Isaías. Mas, se levarmos em consideração o que está escrito em Na 3: 8 sobre a queda de Tebas ou Nô-Amom, em 661 AC no reinado de Assurbanipal (669-627 AC), como um evento real já ocorrido, então, nós podemos dizer que Naum estava falando, provavelmente, de outro rei assírio, senão o próprio Assurbanipal, pensando em atacar Judá e Jerusalém na sua volta do Egito, após conquistar Tebas. Sabemos da grande sede de conquista dos assírios. No reinado de Assurbanipal a Assíria adquiriu a maior extensão territorial, embora em 663 AC tenha começado a mostrar sinais de fraqueza, e tenha sido atacada pelos Medos nesta época. Por volta de 652 AC Samas-sum-ukin (irmão de Assurbanipal, e que reinava na Babilônia) se revoltou com o apoio de Elão, mas morreu no seu próprio palácio, ao qual ele havia posto fogo. Por isso Assurbanipal marchou para saquear Susã em 639 AC, e daí por diante, se tornou uma província Assíria. Com o desvio da atenção de Assurbanipal para o leste as cidades-estados do ocidente gradualmente foram se libertando da Assíria. O Egito, agora livre, voltou novamente sua atenção para a Palestina, mas não invadiu Judá até a época de Josias (640-609 AC). O que sabemos pelos dados históricos nas inscrições assírias é que durante o reinado de Assurbanipal (669-627 AC) houve muitos conflitos com os árabes, inclusive os de Quedar.

Assim, 'um que maquina o mal contra o Senhor' ou 'um conselheiro vil' poderia ser o próprio Assurbanipal ou um de seus conselheiros ou generais (ou eventualmente um simples cidadão mal-intencionado de Nínive) que, inclusive, seriam capazes de sugerir ao rei uma invasão de Judá após a conquista do Egito, mas provavelmente se viram frustrados com o acontecimento na Babilônia, debaixo do controle total de Deus para realizar Seus planos e não os dos homens.

• Na 1: 12-13: "Assim diz o Senhor: Por mais seguros que estejam e por mais numerosos que sejam, ainda assim serão exterminados e passarão; eu te afligi, mas não te afligirei mais [NVI: Apesar de serem fortes e numerosos, serão ceifados e destruídos; mas, você, Judá, embora eu a tenha afligido, não a afligirei mais]. Mas de sobre ti, Judá, quebrarei o jugo deles e romperei os teus laços [NVI: arrancar as suas algemas]".

Aqui o Senhor traz uma palavra de consolo e esperança para o Seu povo, pois confirma a derrota da Assíria e o livramento de Judá das suas mãos. Ele diz que, embora o exército inimigo fosse numeroso, ainda assim seria exterminado. Em Is 10: 18-19 o profeta diz que o exército assírio era tão numeroso como uma floresta, mas seria consumido pelo Senhor.

Houve um período curto de descanso para Israel entre a queda da Assíria (a tomada de Nínive foi em 612 AC) e o domínio Babilônico através de Nabucodonosor (605 AC), pois seu pai, Nabopolassar (626-605 AC), estava envolvido na conquista de outras nações naquele momento e preocupado em estabelecer e firmar o império para ser deixado para seu herdeiro.

• Na 1: 14-15: "Porém contra ti, Assíria [NVI: ó rei de Nínive], o Senhor deu ordem que não haja posteridade [NVI: descendentes] que leve o teu nome; da casa dos teus deuses exterminarei as imagens de escultura e de fundição; farei o teu sepulcro, porque és vil [NVI: desprezível]. Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz! Celebra as tuas festas, ó Judá, cumpre os teus votos, porque o homem vil já não passará por ti; ele é inteiramente exterminado".

O decreto de Deus está firme contra a Assíria, inclusive com a destruição total dos seus ídolos, uma vez que essa nação corrompia muitas outras, 'trocando' deuses entre elas e, dessa forma, corrompendo muitas vidas, inclusive em Israel. O Egito foi uma nação que incentivou muito esse tipo de divulgação da idolatria assíria; a deusa Nina ou

Istar foi uma das deusas envolvidas nesse intercâmbio idólatra. A Assíria e Nínive, em especial, se enriqueceram muito através das suas guerras e conquistas, pois todos os despojos eram levados para a grande cidade, e dados, em primeiro lugar, aos sacerdotes. Antes de saírem à guerra, os governantes invocavam esses deuses para que tivessem sucesso em seu propósito de destruição e extermínio das outras nações, e seus gananciosos sacerdotes estimulavam as campanhas de conquista, aguardando rica retribuição dos despojos. Era uma nação cuja principal ocupação era a guerra, e os sacerdotes eram fomentadores incessantes dela. Seus reis também tinham uma maneira bem cruel de tratar os prisioneiros e isso ficou registrado em muitos relevos nas paredes e em tabletes encontrados no palácio de Senaqueribe, Esar-Hadom e Assurbanipal. Os assírios eram conhecidos por decapitar os povos vencidos, fazendo pirâmides com seus crânios; também crucificavam ou empalavam os prisioneiros, arrancavam seus olhos e os esfolavam vivos.

'Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz! Celebra as tuas festas, ó Judá, cumpre os teus votos, porque o homem vil já não passará por ti; ele é inteiramente exterminado' – isso expressa a paz que os judeus desfrutariam com a queda do opressor e a alegria que teriam ao receber as boas notícias de que Nínive foi destruída e eles não mais seriam oprimidos pelos assírios. Naum fez uso de uma parte da frase da profecia de Isaías (Is 52: 7) que fala sobre a alegria da terra da Judéia quando se der a notícia do retorno dos exilados da Babilônia, pois isso significa uma reconciliação entre Deus e Seu povo. Ele voltará a estar com eles no templo que será reconstruído, e muito mais ainda com a vinda do Messias. Bem-aventurado aquele que anunciar estas boas novas, pois ele trará a paz aos corações ao saberem da libertação dos exilados.

Capitulo 2

• Na 2: 1-13 – O cerco e a tomada de Nínive

Nínive, capital da Assíria, é citada pelos profetas como sendo uma cidade arrogante e muito confiante em si mesma, mas que também seria destruída pelos babilônios (cf. Is 10: 5-34; Sf 2: 13-15; Na 1: 1 – 3: 19).

A primeira capital da Assíria foi Assur (séculos XIV-IX AC), uma cidade existente desde o terceiro milênio AC. Assur (Aššur, em Acadiano; Siríaco: 'Āšūr; Persa: Āšūr; Hebraico: אַשּׁוּר Aššûr, Árabe: Āšūr, Curdo: Asûr) é também conhecida como Ashur e Qal'at Sherqat. Assurnasirpal II (884-859 AC) mudou a capital de Assur para Kalhu (Calah / Nimrud). Com o reinado de Sargom II (722-705 AC) a capital passou para Dur-Sharrukin ('Fortaleza de Sargom'). No entanto, ele morreu na batalha e seu filho e sucessor Senaqueribe (705-682 AC) abandonou a cidade, escolhendo engrandecer Nínive como sua capital real. No entanto, a cidade de Assur permaneceu o centro religioso do império, devido ao seu templo do deus nacional Assur (Ashur).

O termo hebraico para Nínive (nïnᵉweh ou Nīnewē – נינוה), em grego: nineue (Νινευη), em latim: Nineve, em árabe: Naīnuwa, uma 'cidade excessivamente grande', é uma tradução do assírio ninua, em babilônico antigo ninuwa, que por sua vez é transliteração do nome sumério mais antigo ainda, Nina, nome da deusa Istar, deusa da fertilidade, do amor e da guerra, a deidade protetora daquela cidade e cujo nome era escrito com um sinal representando um peixe dentro de um ventre. Nina era o nome assírio antigo da 'Rainha dos Céus' (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 18; 19; 25), portanto, local de muita abominação e idolatria, feitiçaria e prostituição.

Nínive, na margem oriental do rio Tigre, era um grande amontoado de vários vilarejos ao longo deste rio. Atualmente é uma grande área de ruínas pelos novos subúrbios da cidade de Mossul, no estado de Ninawa, no norte do Iraque. Os montículos antigos Tell Kuyunjik ou Kouyunjik, Nimrud (nome da antiga Calá), Karamles (Karemlash ou Karemlish) e Khorsabad (nome atual da antiga Dur-Sharrukin) formam os quatro cantos de um paralelogramo. Eles estão localizados na planície perto da confluência do rio Tigre e Khosr. Tell Kuyunjik ou Kouynjik era o montículo da cidadela antiga de Nínive cujo nome significa 'montículo de muitas ovelhas', vinte metros de altura acima da planície, e tem outro montículo ao seu lado (Um quilômetro ao sul, o montículo secundário das ruínas de Nínive) que recebeu o nome de Nabī Yūnus ('Profeta Jonas', em árabe), e que não foi devidamente explorado porque havia um santuário árabe muçulmano dedicado a esse profeta no local.

Ninrude é o nome moderno do sítio arqueológico localizado em torno da cidade assíria de Kalhu, localizada a sul do rio Tigre, no norte da Mesopotâmia. Os arqueólogos deram o nome de Nimrud (Ninrude) à cidade por causa de Ninrode (Gn 10: 8-11). A cidade foi chamada de Calá (Kalakh) na bíblia. Estes eram os quatro bairros da antiga Nínive, por isso, Jonas deve ter levado três dias mesmo para percorrê-la toda. Dur-Sharrukin (atual Khorsabad) significa 'Fortaleza de Sargom' e foi a capital da Assíria na época de Sargom II, pai de Senaqueribe. Khorsabad é uma aldeia no norte do Iraque, a quinze quilômetros a nordeste de Mossul. A grande cidade foi inteiramente construída na década anterior a 706 AC. Após a morte inesperada de Sargom na batalha, a capital foi deslocada vinte quilômetros ao sul para Nínive.

Localização de Nínive (sítios arqueológicos) – Wikipédia

• Na 2: 1-2: "O destruidor sobe contra ti, ó Nínive! Guarda a fortaleza, vigia o caminho, fortalece os lombos [NVI: Prepare a resistência], reúne todas as tuas forças! (Porque o Senhor restaura a glória de Jacó, como a glória de Israel; porque saqueadores os saquearam e destruíram os seus sarmentos [NVI: as suas videiras])".

'O destruidor' se refere em especial ao rei Medo, Ciáxares (Uvaxštra, em Persa antigo, transliterado como 'Uvarkhshattra'; 625-584 AC, pai de Astíages, o avô de Ciro II), auxiliado por Nabopolassar (626-605 AC, pai de Nabucodonosor II), rei da Babilônia, e pelos citas (um grupo de tribos nômades provenientes do norte da Sibéria, perto do Mar Negro e Cáspio), que agiam com bastante destruição nas áreas invadidas, e que já estavam assolando as regiões da Assíria, da Ásia Ocidental e o Egito. No fim do século VIII AC locomoveram-se para o norte da Pérsia e para a região ao norte da Assíria (região de Urartu). Seu avanço inicial para o sudoeste foi enfrentado por Sargom II (727-705 AC) e Assurbanipal (669-627 AC).

Nínive foi embelezada em 700 AC por Senaqueribe (705-681 AC), que fez dela uma cidade magnificente. Nessa época a área total de Nínive compreendia sete quilômetros quadrados, um muro interior com cerca de doze e meio quilômetros de comprimento (circunferência) e tinha quinze grandes portões nas suas muralhas. O sistema de muralhas consistia de uma muralha de pedra de cerca de 6 metros de altura, e por cima uma parede de barro com 10 metros de altura e 15 metros de espessura. A parede de retenção de pedra tinha torres de pedra projetadas, a cada 18 metros de

distância uma da outra e com grande altura. Da mesma forma que a cidade de Babilônia, as muralhas de Nínive eram espessas e permitiam que carruagens passassem sobre elas.

Cinco dos portões foram explorados pelos arqueólogos:

• Portão de Mashki ('portão dos lugares de irrigação' ou 'de rega') era talvez usado para levar o gado para a água do Tigre, que atualmente flui a um quilômetro e meio para o oeste. Foi reconstruído com tijolos até o topo da passagem abobadada. O original assírio pode ter sido rebocado e ornamentado.

• Portão de Nergal

Recebeu este nome por causa do deus Nergal ('senhor da grande cidade' – deus da praga, da guerra, do dilúvio e da confusão), e era talvez usado para algum propósito cerimonial, pois é o único portal conhecido com esculturas de pedra de touros alados (lamassu) em ambos os lados das paredes. A reconstrução feita no século XX é uma suposição do que poderia haver anteriormente, como foi escavado por Layard em meados do século XIX.

• Portão de Adad (ou Hadade)

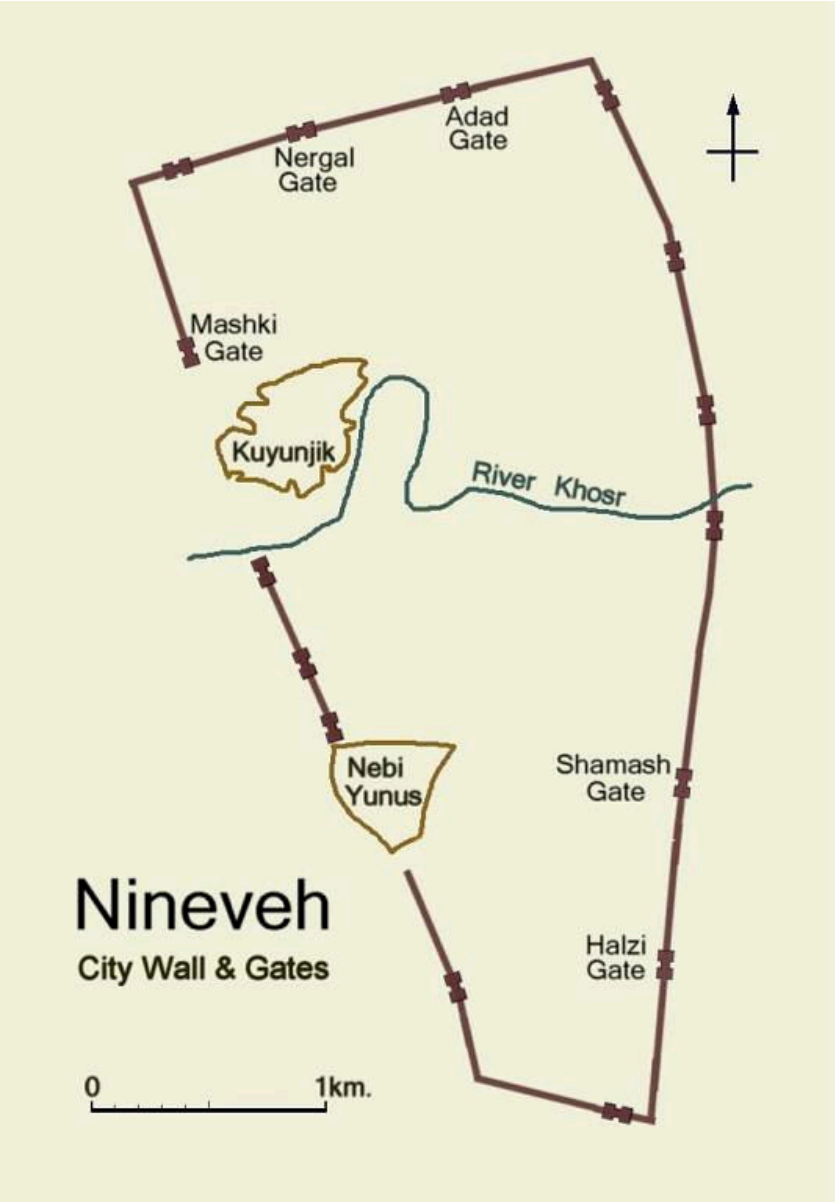
Recebeu este nome por causa do deus Adad ('o Trovejador' – o equivalente amorreu de Baal, o deus das tempestades). Uma reconstrução foi iniciada na década de 1960 pelos iraquianos, mas não foi completada, restando apenas uma mistura de concreto e erosão do barro, que, no entanto, dá alguma idéia da estrutura original da construção assíria.

Entrada exterior do portão Adad (após restauração) – Wikipédia

• Portão de Shamash

Recebeu este nome por causa do deus-Sol. Foi escavado por Layard no século XIX. Parte da estrutura de barro e o muro de retenção de pedra foram reconstruídos na década de 1960. O muro de tijolos de barro reconstruído se deteriorou. A parede de pedra projeta-se cerca de vinte metros para fora da linha da parede principal e tem uma largura de cerca de setenta metros. É o único portão com uma projeção tão significativa. Seu tamanho e projeto (desenho) sugerem que foi o portão mais importante na época do império Neo-Assírio.

• Portão de Halzi – não se sabe o que significa este nome. Estava localizado perto da extremidade sul da muralha leste da cidade. As escavações arqueológicas foram realizadas pela Universidade da Califórnia (1989-1990). Há uma projeção externa do muro da cidade, embora não tão pronunciada como no portão de Shamash. A passagem de entrada tinha sido estreitada com ladrilhos de barro em quase dois metros como no Portão Adad. Restos humanos da batalha final de Nínive foram encontrados na passagem.



Plano simplificado da Antiga Nínive, mostrando a muralha da cidade e a localização dos portões (Wikipédia)

A população da cidade na época era de 175.000 pessoas (A área fechada tinha mais de 100.000 habitantes). No relato de Jonas (Jn 1: 2; Jn 3: 2; Jn 4: 11) sobre a existência de 120.000 pessoas está de acordo com a cidade de Ninrude, que tinha menos da metade das dimensões de Nínive, e abrigava 69.574 pessoas em 879 AC, quase 1 século antes da pregação de Jonas (785-750 AC). A 'viagem de três dias', exigida para atravessar a

cidade de Nínive (Jn 3: 3), provavelmente se refere ao distrito administrativo inteiro com todos os seus bairros. Um dia de viagem (Jn 3: 4), talvez se referisse à distância desde os subúrbios do sul até o norte da cidade.

• Na 2: 3-5: "Os escudos dos seus heróis são vermelhos, os homens valentes vestem escarlata, cintila o aço dos carros no dia do seu aparelhamento, e vibram as lanças [NVI: Os seus carros de guerra reluzem quando se alinham para a batalha; agitam-se as lanças de pinho; ou 'os cavaleiros correm de um lado para outro' (Septuaginta e versão Siríaca)]. Os carros passam furiosamente pelas ruas e se cruzam velozes pelas praças; parecem tochas, correm como relâmpago. Os nobres [NVI: suas tropas de elite] são chamados, mas tropeçam em seu caminho; apressam-se para chegar ao muro e já encontram o testudo inimigo armado [NVI: correm para a muralha da cidade para formar a linha de proteção]".

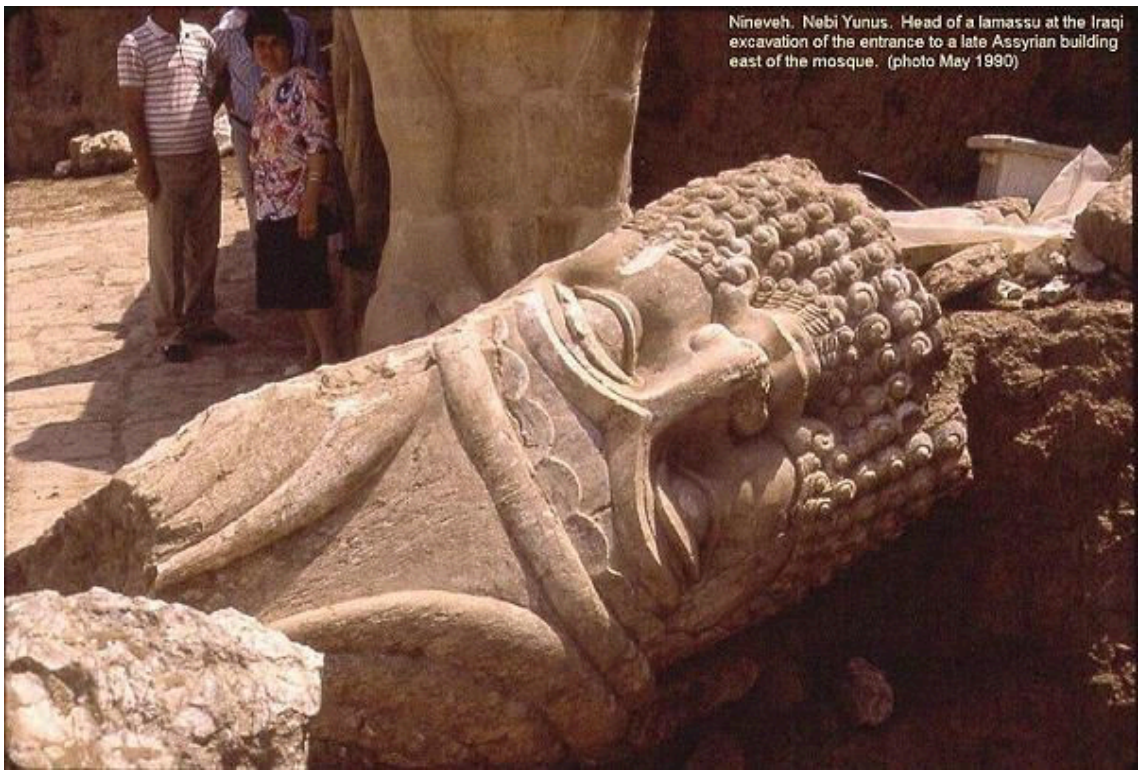
Naum descreve a cidade de Nínive (Na 2: 1) como uma cidade fortificada, sempre vigiada por soldados com farda vermelha, em carros de aço e armados com lanças. Os carros passavam velozmente, com furor pelas ruas e cruzando as praças, e eram tão rápidos como o relâmpago, principalmente no dia da sua invasão. A descrição acima nos faz perceber a agitação dos seus soldados ao verem o exército inimigo se aproximar das muralhas.

• Na 2: 6-9: "As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído [NVI: As comportas dos canais são abertas, e o palácio desaba]. Está decretado: a cidade-rainha está despida e levada em cativeiro, as suas servas gemem como pombas e batem no peito [NVI: As jovens tomadas como escravas batem no peito; seu gemer é como o arrulhar das pombas]. Nínive, desde que existe, tem sido como um açude de águas [NVI: Nínive é como um açude antigo cujas águas estão vazando]; mas, agora, fogem. Parai! Parai! Clama-se; mas ninguém se volta [NVI: mas ninguém sequer olha para trás]. Saqueai a prata, saqueai o ouro, porque não se acabam os tesouros; há abastança de todo objeto desejável [NVI: de objetos de valor]".

Da mesma forma que a Babilônia, a cidade de Nínive tinha um grande suprimento de água e uma riqueza muito grande (Na 2: 7-9). Senaqueribe construiu um magnífico canal (aqueduto) que trazia água de uma represa no rio Gomel (quarenta e oito quilômetros ao norte), e controlou a entrada de água do rio Khosr (Khasr), que atravessava a cidade, construindo outra represa em Ajeila, mais a leste (Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova). A wikipedia.org diz: "Um elaborado sistema de dezoito canais trazia água das colinas para Nínive, e várias seções de um aqueduto magnificamente construído por Senaqueribe foram descobertas em Jerwan, a 65 quilômetros de distância".

Seu palácio tinha uma dimensão total de 503 metros, e tinha, pelo menos, oitenta salas, muitas das quais eram preenchidas por esculturas. Inúmeros tabletes com escrita cuneiforme foram encontrados ali. As principais entradas tinham de cada lado das portas figuras gigantescas de pedras com cerca de 30 toneladas de peso, entre elas, os leões alados ou touros alados com cabeça de homem ('lamassu'), que não só serviam como adorno nas paredes e portas dos templos, mas eram achados aos pares (de leões ou touros alados), servindo também como guardas postos na entrada dos templos mesopotâmicos. Em alguns escritos, é ele retratado para representar uma deidade feminina. Um nome menos usado é shedu (Sumério: dalad; Acadiano, šēdu) que se refere à contraparte masculina de um lamassu. Grandes figuras de lamassu de até quase seis metros de altura podem ser vistas na escultura assíria. Artisticamente, lamassus foram retratados como híbridos, com corpos de touros alados ou leões e cabeças de

machos humanos, como símbolo do poder. Eram inicialmente espíritos protetores domésticos do povo comum da Assíria e Babilônia, tornando-se mais tarde como protetores dos reis; por isso foram colocados como sentinelas nas entradas dos palácios.



Cabeça de um Lamassu encontrado por arqueólogos iranianos no montículo Nabī Yūnus (‘Profeta Jonas’) nas ruínas de Nínive – Wikipédia

Esses leões, esculpidos nas pedreiras, eram transportados para os palácios reais de Nínive e elevados a uma altura de vinte metros, através de uma rampa. As paredes e muros do novo palácio de Senaqueribe eram decorados com relevos que descreviam suas vitórias, incluindo o cerco de Laquis (2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 13; Is 10: 28-32 – descreve a marcha de Senaqueribe até Jerusalém). Laquis estava situada na área agrícola mais fértil de Judá (Sefelá); por isso, era de vital importância para a economia do reino. Foi completamente destruída. O cerco contra Ezequias, em Jerusalém, está registrado num prisma de argila (Prisma de Taylor), encontrado em 1830. O tributo recebido de Ezequias foi enviado a Nínive: 300 talentos de prata e 30 de ouro, mais a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei, e o ouro que foi removido das portas e das ombreiras do templo (2 Rs 18: 14-16).

O Prisma de Taylor que está no Museu Britânico foi descoberto pelo coronel Robert Taylor (1790-1852), um arqueólogo, em 1830 em Nínive, mas há mais dois prismas com inscrições cuneiformes em Acadiano dos anais de Senaqueribe: um no Instituto Oriental de Chicago e outro no Museu de Israel em Jerusalém. São prismas de argila inscritos com o mesmo texto, de formato hexagonal e feitos de argila vermelha cozida, medindo 38 cm de altura e 14 cm de largura. Foram criados no reinado de Senaqueribe em 689 (o de Chicago) e 691 AC (os de Londres e Jerusalém). São os relatos de Senaqueribe sobre sua campanha contra o Reino de Israel e o Reino de Judá, e algumas passagens estão em concordância com o texto bíblico de 2 Rs 18–19: o ataque a Samaria e a deportação dos habitantes, o ataque a Laquis (dentre as 46 cidades fortificadas de Judá) e o tributo pago por Ezequias. Também relata o cerco de Jerusalém, onde o rei assírio descreve Ezequias como um 'pássaro engaiolado', mas não fala sobre nenhuma captura de Jerusalém. O cilindro fala algo que não está na bíblia: que Ezequias ainda deu para Senaqueribe como um presente: antimônio, jóias, móveis incrustados de marfim, suas próprias filhas, harém e músicos e que se tornou seu tributário. O rei assírio menciona 200.150 pessoas cativas. As cidades que capturou, ele deu aos reis de Asdode, Ecrom e Gaza.

Laquis – portão principal do sítio arqueológico em Israel (Wikipédia)

Fragmento de uma tábua de argila da biblioteca de Assurbanipal
em Nínive com um relato assírio do Dilúvio (crystalinks.com)

Assurbanipal (669-627 AC), o neto de Senaqueribe, fez de Nínive sua residência principal. Nas escavações feitas por Layard e Rassem (1845-1854), foram encontradas as bibliotecas de Assurbanipal e do templo de Nabu, com 25.000 tabletes inscritos, um deles com o relato babilônico sobre o Dilúvio, em 1872. No reinado de Assurbanipal, a

Assíria adquiriu a maior extensão territorial, embora em 663 AC tenha começado a mostrar sinais de fraqueza, e tenha sido atacada pelos Medos nesta época. Nínive foi atacada novamente em 625 AC pelos Medos, que se aliaram aos Caldeus.

Voltando a Naum (Na 2: 6-9): "As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído [NVI: As comportas dos canais são abertas, e o palácio desaba]. Está decretado: a cidade-rainha está despida e levada em cativeiro, as suas servas gemem como pombas e batem no peito [NVI: As jovens tomadas como escravas batem no peito; seu gemer é como o arrulhar das pombas]. Nínive, desde que existe, tem sido como um açude de águas [NVI: Nínive é como um açude antigo cujas águas estão vazando]; mas, agora, fogem. Parai! Parai! Clama-se; mas ninguém se volta [NVI: mas ninguém sequer olha para trás]. Saqueai a prata, saqueai o ouro, porque não se acabam os tesouros; há abastança de todo objeto desejável [NVI: de objetos de valor]".

Como eu falei anteriormente, a cidade de Nínive (da mesma forma que a Babilônia) tinha um grande suprimento de água e uma riqueza muito grande. Senaqueribe construiu um magnífico aqueduto que trazia água de uma represa a quarenta e oito quilômetros ao norte da cidade, e controlou a entrada de água do rio Khosr (Khasr), que atravessava a cidade, construindo outra represa em Ajeila, mais a leste.

'As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído [NVI: As comportas dos canais são abertas, e o palácio desaba]' – ao atacarem a cidade, os Medos, os Babilônios e os Citas romperam as comportas a fim de que as águas do rio transbordassem, e a seguir entraram na cidade para destruir o palácio. Assim, a cidade caiu como resultado de brechas de quatro quilômetros e meio feitas nos muros pelas águas do rio que inundou (Na 2: 6-8). Houve guerra séria, incêndios em quase todas as cidades do império assírio, e os habitantes de Nínive que não puderam escapar para as últimas fortalezas assírias no oeste foram massacrados ou deportados. Muitos esqueletos não enterrados foram encontrados por arqueólogos naquele sítio durante as escavações feitas no século dezenove. Nínive foi arrasada até o chão. Naum dá uma descrição do momento da guerra e de sua destruição (Na 2: 10; 13; Na 3: 2-3; 7; 12-13; 18-19).

'Parai! Parai! Clama-se; mas ninguém se volta' – isso estava sendo falado para os que tentavam fugir da destruição.

'Saqueai a prata, saqueai o ouro, porque não se acabam os tesouros; há abastança de todo objeto desejável' – essa era a ordem dada pelos comandantes aos seus soldados.

• Na 2: 10: "Ah! Vacuidade, desolação, ruína! [NVI: Devastação! Destruição! Desolação!] O coração se derrete, os joelhos tremem, em todos os lombos há angústia [NVI: os joelhos vacilam, todos os corpos tremem], e o rosto de todos eles empalidece".

Naum dá um resumo da guerra. Tudo o que sobrou de Nínive foi devastação e destruição. Todos os sobreviventes estão desolados, angustiados e com medo.

• Na 2: 11-12: "Onde está, agora, o covil dos leões e o lugar do pasto dos leõezinhos, onde passeavam o leão, a leoa e o filhote do leão, sem que ninguém os espantasse? O leão arrebatava [NVI: caçava] o bastante para os seus filhotes, estrangulava a presa para as suas leoas, e enchia de vítimas as suas cavernas, e os seus covis, de rapina [NVI: enchia as suas covas de presa se as suas tocas de vítimas]".

Como foi dito em Na 1: 14-15 a Assíria e Nínive, em especial, se enriqueceram muito através das suas guerras, pois todos os despojos eram levados para a grande cidade, e dados, em primeiro lugar, aos seus gananciosos sacerdotes, que estimulavam as campanhas de conquista. Era uma nação cuja principal ocupação era a guerra. Seus reis também tinham uma maneira bem cruel de tratarem os prisioneiros e isso ficou registrado em muitos relevos nas paredes e em tabletes encontrados no palácio de

Senaqueribe, Esar-Hadom e Assurbanipal. Os assírios eram conhecidos por decapitar os povos vencidos, fazendo pirâmides com seus crânios; também crucificavam ou empalavam os prisioneiros, arrancavam seus olhos e os esfolavam vivos.

Por isso, Naum diz: "O leão arrebatava [caçava] o bastante para os seus filhotes, estrangulava a presa para as suas leoas, e enchia de vítimas as suas cavernas, e os seus covis, de rapina". A avidez de conquista dos reis os levava à guerra, e esta trazia os despojos para eles ('os leões'), para as rainhas, concubinas e senhoras da corte assíria ('as leoas'), para o príncipe herdeiro (o filhote do leão) e para os demais príncipes ('leõezinhos'). Eles realizavam suas atrocidades e ninguém os repreendia; todos saíam impunes ('sem que ninguém os espantasse'). A corrupção do clero e da corte, com seus nobres, era um verdadeiro covil de leões, onde os pobres e indefesos eram despedaçados. Os habitantes cruéis de Nínive não ficavam atrás; seguiam o exemplo dos líderes.

O profeta pergunta agora, depois da destruição: "Onde está, agora, o covil dos leões e o lugar do pasto dos leõezinhos, onde passeavam o leão, a leoa e o filhote do leão, sem que ninguém os espantasse?" Onde está a confiança deles agora que o Senhor destruiu tudo?

• Na 2: 13: "Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos; queimarei na fumaça os teus carros, a espada devorará os teus leõezinhos, arrancarei da terra a tua presa, e já não se ouvirá a voz dos teus embaixadores [NVI: seus mensageiros]".

O profeta termina com uma palavra de afirmação de Deus de que tudo o que foi dito vai se cumprir à risca: incêndio, morte de príncipes, embaixadores e nobres da corte, e libertação de prisioneiros que ali estavam ('arrancarei da terra a tua presa'), uma vez que Isaías fala sobre retorno dos exilados judeus que haviam ficado na Assíria; ou nenhuma outra nação seria invadida por eles para servir como seus escravos. 'Já não se ouvirá a voz dos teus embaixadores [NVI: seus mensageiros]' significa que não mais seriam ouvidas as vozes dos embaixadores assírios nas províncias, transmitindo as ordens do seu rei e exigindo impostos dos seus súditos.

O descendente de Assurbanipal foi Sinsariscum (ou Sin-shar-ishkun; Sîn-šarru-iškun – 628-612 AC), um dos seus filhos, e nesta época se deu a queda da cidade. O Império Assírio então acabou; e os Medos e os Babilônios dividiram suas províncias entre si. Sinsariscum morreu no incêndio, durante a invasão pelos medos. Mas sua família escapou. O último rei da Assíria (Assurubalite II, 612-608 ou 605 AC, que não se sabe se ele é filho ou irmão de Sinsariscum) foi praticamente um fantoche nas mãos dos Babilônios. Em 401 AC, Nínive já era uma ruína.

Sofonias também faz uma referência a isso (Sf 2: 13-15), quando escreve: "No meio desta cidade, repousarão os rebanhos e todos os animais em bandos [NVI: todo tipo de animais selvagens]... Como se tornou em desolação, em pousada de animais!" Esta profecia foi literalmente cumprida, pois atualmente só se encontram ovelhas no local.

Capitulo 3

• Na 3: 1-19 – A ruína completa de Nínive

• Na 3: 1-3: "Ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras [NVI: fraudes] e de roubo e que não solta a sua presa! [NVI: sempre fazendo as suas vítimas]. Eis o estalo de açoites e o estrondo das rodas; o galope de cavalos e carros que vão saltando [NVI: o sacudir dos carros de guerra]; os cavaleiros que esporeiam, a espada flamejante, o relampejar da lança [NVI: Cavaleiros atacando, espadas reluzentes e lanças cintilantes] e multidão de traspassados, massa de cadáveres, mortos sem fim; tropeça gente sobre os mortos".

Como comentei no início do estudo, Nínive era uma cidade sanguinária (pois vivia da guerra e de seus despojos), cheia de mentiras e de roubo (Na 3: 1) e de prostituição espiritual pela infinidade de deuses com os quais ela corrompia as outras nações; 'mestra de feitiçarias', que desencaminhava muitos povos (Na 3: 4); que corrompia muitas nações e, conseqüentemente, muitas vidas, 'trocando deuses' entre elas, incluindo Israel; uma cidade mercantilista (Na 3: 16), gananciosa e insaciável, que devorava o que via pela frente (Na 3: 17). O Egito foi uma nação que incentivou muito esse tipo de divulgação da idolatria assíria; a deusa Nina ou Istar foi uma das deusas envolvidas nesse intercâmbio idólatra.

Talvez, por isso, Naum diz 'que não solta a sua presa' ou 'sempre fazendo as suas vítimas' (NVI); vítimas da sua violência física e da sua idolatria. Os deuses assírios eram praticamente os mesmos do panteão babilônico: Istar (deusa da fertilidade, do amor e da guerra), Nebo (Nabu; deus da ciência e da erudição ou escrita), Anu (deus do céu), Adade (ou Hadade, 'o Trovejador' – o equivalente amorreu de Baal, o deus das tempestades), Sin (Sîn – o deus lua), Shamash (nome posterior de Utu, o deus sol, o deus da justiça, moralidade e verdade), Enki ('Senhor das águas profundas', o deus da sabedoria), Nergal (deus do submundo, portanto, senhor das pragas, das febres e das enfermidades; deus da guerra, do dilúvio e da confusão); Assur era o deus nacional (o equivalente assírio de Enlil, o deus babilônico do vento, do ar, da terra e das tempestades). Havia outros: Ninurta (deus da guerra e da caça; da lei, dos escribas; da lavoura); Gula (ou Nintinugga, deusa babilônica da cura); Damkina ['verdadeira esposa', também chamada de Dam-gal ou Damgalnuna, 'a grande esposa do príncipe'; ou Ninmah, 'a grande esposa da terra e do céu' ou 'Grande rainha'. Ela era esposa de Enki]; Tamuz (ou Dumuzid, equivalente do deus grego Adônis; ele era o deus mesopotâmico dos pastores, e estava associado com o crescimento das plantas); Nisroque (possivelmente, o deus da agricultura).

Os demais versículos contam os detalhes da batalha: 'o estalo de açoites, o estrondo das rodas, o galope de cavalos e carros, os cavaleiros que esporeiam, a espada flamejante, o relampejar da lança [NVI: Cavaleiros atacando, espadas reluzentes e lanças cintilantes] e multidão de traspassados, massa de cadáveres, mortos sem fim; tropeça gente sobre os mortos'.

• Na 3: 4-7: "Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias, que vendia [NVI: que escravizou] os povos com a sua prostituição e as gentes, com as suas feitiçarias. Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos; levantarei as abas de tua saia sobre o teu rosto, e mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas. Lançarei sobre ti imundícias, tratar-te-ei com desprezo e te porei por espetáculo [NVI: farei de você um exemplo]. Há de ser que

todos os que te virem fugirão de ti e dirão: Nínive está destruída; quem terá compaixão dela? De onde buscarei os que te consolem?"

O Senhor explica o porquê da Sua ira e da severidade do Seu julgamento: a idolatria que corrompia as mentes das pessoas e matava aos poucos os prisioneiros do engano.

• 'levantarei as abas de tua saia sobre o teu rosto, e mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas' – tudo viria à luz para que todo mundo visse o que se praticava ali e como Deus poderia punir todo aquele que os imitasse em suas obras malignas.

• 'Lançarei sobre ti imundícias, tratar-te-ei com desprezo e te porei por espetáculo [NVI: farei de você um exemplo]' – seus ídolos seriam quebrados e suas corrupções e imoralidades cessariam, e essa destruição seria um exemplo para outras nações.

• 'Há de ser que todos os que te virem fugirão de ti e dirão: Nínive está destruída; quem terá compaixão dela? De onde buscarei os que te consolem?' – mostra a extensão da destruição. A ruína de Nínive foi tão completa que até mesmo a sua localização ficou esquecida por muitos séculos.

• Na 3: 8: "És tu *[Ele falava de Nínive]* melhor do que Nô-Amom [NVI: Tebas], que estava situada entre o Nilo e seus canais, cercada de águas, tendo por baluarte o mar e ainda o mar, por muralha? [NVI: O rio era a sua defesa; as águas, o seu muro]".

Tebas ou Nô-Amom (a cidade do deus Amom – em egípcio, n'iw(t)-'Imn) era uma cidade do Alto Egito, ao oriente do Nilo, mencionada junto com outras cidades importantes do Egito, como nos escritos de Ezequiel (Ez 30: 14: Zoã, Tebas e Patros – como era conhecido o Alto Egito e Cuxe ou Etiópia). Nô corresponde ao termo egípcio n'iw(t), 'a cidade'. Amom (em egípcio, Amun) significa 'o oculto', muitas vezes associado ao vento, mas na maioria das vezes, sua natureza é desconhecida. Muitas vezes é chamado de Amom-Re' por sua união com o deus cósmico Rá (Re' ou Atom, o deus-sol). Durante as dinastias XVIII-XX (1570-1085 AC), Amom foi o deus oficial, o 'rei dos deuses'. Neste período os tesouros da Ásia e da África se derramaram nos cofres de Tebas. Ela caiu em poder dos assírios em 661 AC, sob Assurbanipal, após três anos de cerco, em meio ao incêndio e à matança; portanto, ao predizer a queda de Nínive, a comparação com a queda de Tebas não poderia ser melhor. No século VII DC, Tebas foi reconstruída pelos árabes e recebeu o nome de Luxor (também conhecida como Carnaque).

Tebas, Tânis, Avários, Mênfis, Om e Bubástis eram cidades de muita idolatria.

Naum continua dizendo: "És tu [Ele falava de Nínive] melhor do que Nô-Amom [NVI: Tebas], que estava situada entre o Nilo e seus canais, cercada de águas, tendo por baluarte o mar e ainda o mar, por muralha? [NVI: O rio era a sua defesa; as águas, o seu muro]".

Os faraós das dinastias XXI-XXV (1070-657 AC) construíram fortalezas à beira mar, isto é, a 1ª linha de defesa do Egito, usando os canais de irrigação e drenagem do leste do delta nos estuários do Nilo, além de defesas através da estrada vinda da Palestina, por isso, Naum escreveu que a cidade tinha o mar por muralha: o mar (se referindo ao próprio Nilo) e o Mar Mediterrâneo, onde na região a leste do delta havia as fortalezas na costa. Na época, o Nilo desembocava no mar por sete canais. Essa proteção estava adicionada à grande distância de Tebas rio acima, que os invasores tinham que percorrer até chegarem a ela.

'Entre o Nilo e seus canais' se refere à distância entre o delta e o Nilo rio acima até chegar a Tebas, no Alto Egito.

Outros profetas proferiram julgamento contra Tebas e outras cidades egípcias (Jr 46: 25; Ez 30: 14-16).

• Na 3: 9-10: "Etiópia e Egito eram a sua força, e esta, sem limite; Pute e Líbia, o seu socorro [NVI: estavam entre os seus aliados]. Todavia, ela foi levada ao exílio, foi para o cativeiro; também os seus filhos foram despedaçados nas esquinas de todas as ruas; sobre os seus nobres lançaram sortes [NVI: 'Lançaram sortes para decidir o destino dos seus nobres'; no original: 'homens honrados'], e todos os seus grandes foram presos com grilhões".

A destruição de Tebas (Na 3: 8-10) causou um reflexo na Etiópia, que também veio a cair, cumprindo a profecia de Isaías 20: 2-6. Mais tarde, foi absorvida pelo império persa: Et 1: 1; Et 8: 9.

Os habitantes de Tebas também foram levados ao exílio pelos assírios, e depois foi feita prisioneira por Nabucodonosor (Jr 43: 8-13; Jr 46: 25).

'Seus nobres lançaram sortes' (cf. Jl 3: 3) – diz respeito ao costume de lançar sortes para dividir os prisioneiros de guerra entre os conquistadores.

'Também os seus filhos foram despedaçados nas esquinas de todas as ruas' – o profeta diz a Nínive o que os assírios haviam feito com os habitantes de Tebas.

Etiópia, Pute e Líbia – Jr 46: 9; Ez 30: 4-5 (Essas nações cairiam diante de Nabucodonosor).

• Na 3: 11-13: "Também tu, Nínive, serás embriagada e te esconderás; também procurarás refúgio contra o inimigo. Todas as tuas fortalezas são como figueiras com figos temporãos [NVI: figos maduros]; se os sacodem, caem na boca do que os há de comer [NVI: caem em bocas vorazes]. Eis que as tuas tropas, no meio de ti, são como mulheres; as portas do teu país estão abertas de par em par aos teus inimigos; o fogo consome os teus ferrolhos".

Nínive também ficará embriagada pelo cálice da ira de Deus. Tentará fugir do inimigo, mas não conseguirá. As suas fortalezas estão frágeis como figos maduros, as suas tropas estão se sentindo impotentes e fracas, e os limites do império ('as portas do teu país') estão á mercê dos Medos, Babilônios e Citas. O profeta diz que tudo está queimado.

• Na 3: 14: "Tira água para o tempo do cerco, fortifica as tuas fortalezas, entra no barro e pisa a massa, toma a forma para os ladrilhos [NVI: a argamassa, prepare a forma para os tijolos]" – ou seja, um aviso para se preparar para o combate, para a invasão, fortificando as muralhas. Entretanto, nada do que eles fizeram vai poder livrá-los.

• Na 3: 15-16: "No entanto, o fogo ali te consumirá, a espada te exterminará, consumir-te-á como o gafanhoto [NVI: como gafanhotos devastadores]. Ainda que te multiplicas como o gafanhoto e te multiplicas como a locusta [NVI: gafanhotos peregrinos]; ainda que fizeste os teus negociantes mais numerosos do que as estrelas do céu, o gafanhoto devorador invade e sai voando [NVI: Você multiplicou os seus comerciantes, tornando-os mais numerosos que as estrelas do céu; mas como gafanhotos devastadores, eles devoram o país e depois voam para longe]".

O fogo trará destruição e a espada, a morte. Mesmo que os comerciantes se multiplicassem para continuar dando lucro a ela, os inimigos ficarão com suas riquezas e 'voarão' para longe, levando tudo.

• Na 3: 17-18: "Os teus príncipes são como os gafanhotos [NVI: são como gafanhotos peregrinos], e os teus chefes [NVI: oficiais], como os gafanhotos grandes [NVI: enxames de gafanhotos], que se acampam nas sebes nos dias de frio; em subindo o sol, voam embora, e não se conhece o lugar onde estão [NVI: ninguém sabe para onde]. Os teus pastores [ou 'seus governantes'] dormem, ó rei da Assíria; os teus nobres dormitam; o teu povo se derrama pelos montes, e não há quem o ajunte".

Seus generais e oficiais do exército (chefes de tropas) fugiram, os príncipes e conselheiros, ministros de estado e magistrados (pastores) estão desorientados, alheios à suas obrigações, e o povo está disperso, sem ninguém para ajuntá-los.

• Na 3: 19: "Não há remédio para a tua ferida; a tua chaga é incurável [NVI: é mortal]; todos os que ouvirem a tua fama baterão palmas sobre ti [NVI: pela sua queda]; porque sobre quem não passou continuamente a tua maldade? [NVI: pois, quem não sofreu por sua crueldade sem limites?]".

O profeta termina dizendo que a destruição é tão completa e definitiva que não tem mais jeito, nem cura, nem solução. Quem souber da sua queda se alegrará, pois todos os povos sofreram com sua maldade (cf. Sf 2: 13-15).

Conclusão:

Ao falar de Naum, nós estamos falando do zelo do Senhor pelo Seu povo, apesar do seu pecado, punindo também aqueles que zombam do seu sofrimento e do Seu zelo pela Sua própria santidade, pois quando Seus escolhidos cometem iniqüidades e atrocidades, Seu nome santo é envergonhado. O que Ele pede de nós é a humildade e a verdadeira adoração. Dessa forma, o profeta deve ser um instrumento de zelo do Senhor onde há pecado, irreverência, abominação, falta de temor e desconhecimento do Deus verdadeiro. Não deve permitir que o mundo o influencie ou que as coisas do maligno e da carne o seduzam e o desviem da verdade, pois tudo isso deixa uma mácula no nosso espírito e fere o Espírito Santo que está em nós. Devemos saber que o amor e a misericórdia do Senhor estarão sempre disponíveis para todos aqueles que se arrependem sinceramente do seu erro e que a Sua restauração é completa, removendo de nós toda a acusação do inimigo. É Ele que nos justifica perante os que nos humilharam e nos eleva perante os que desejaram nos ver cair. Quando estamos no centro da Sua vontade, Sua proteção e a Sua justiça estão sobre nós. Devemos interceder como Habacuque por aqueles que estão no erro, mas não carregar o fardo pelos seus pecados e pela sua rebeldia e idolatria. Quando o pecador rejeita a correção através da boca do intercessor e do profeta, é hora de parar de orar e deixar a vontade soberana de Deus entrar em ação para disciplinar, convencer do erro, do pecado, da justiça, do juízo e, assim, vindicar Sua própria santidade.

Habacuque

Habacuque (Em hebraico: חֲבַקּוּק; transl. Havaqquq), profeta de Judá, profetizou mais ou menos entre 610 e 597 AC, durante o reinado do rei Jeoaquim (609-598 AC). Fala a Deus como um intercessor do povo pedindo que acabasse com a corrupção de Judá (Hc 1: 1-4). Clama a Deus por causa da iniqüidade que vê ao seu redor e pergunta por quanto tempo ela continuaria sem ser castigada. Deus lhe responde que está preparando os caldeus e descreve a ferocidade dos seus exércitos e seu desprezo por todos os que se atrevessem a barrar seu caminho (Hc 1: 5-11). O profeta espera que Deus resolva seu conflito interno em relação às suas cogitações: como um Deus Santo permitiria também tanta atrocidade por parte dos caldeus? (Hc 1: 12-17). Então ele fica atento ('torre de vigia') e a resposta vem confirmando que o orgulho dos caldeus os destruirá e a fidelidade do justo será sua salvação (Hc 2: 1-5). Seu nome está ligado à raiz hebraica (h-b-q – חבק – havak) que quer dizer 'abraço', ou com o nome da planta assíria, hambakuku. A forma grega é Hambakoum. Pouca informação, na verdade, se encontra sobre o profeta. No último capítulo, sua oração é em forma de cântico, não só descrevendo o juízo de Deus sobre Seu povo e sobre Seus inimigos, como afirmando sua fé nEle até que toda a Sua vontade se cumpra.

Capitulo 1

• Hc 1: 1-4 (A iniqüidade de Judá): "Sentença revelada ao profeta Habacuque. Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás? Por que me mostras a iniqüidade e me fazes ver a opressão? [NVI: Por que me fazes ver a injustiça, e contemplar a maldade?] Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita [NVI: há luta e conflito por todo lado]. Por esta causa, a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta, porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida [NVI: pervertida]".

Nesta primeira parte, o profeta pergunta a Deus até quando ele vai continuar a ver os pecados da nação de Judá. Ele expõe o que está vendo e que entristece profundamente seu coração: violência, injustiça, maldade, opressão, discussões, brigas e conflitos ao seu redor, tanto no meio do povo como na liderança política da nação. Ele reclama que a justiça não é praticada, e a lei não é aplicada corretamente. Todos distorcem a justiça para seu próprio benefício; há ganância e extorsão. Até sacerdotes e profetas estão desviados dos mandamentos do Senhor e fazem o povo caminhar errante. Muito provavelmente era o espelho daquela sociedade durante os últimos anos do reino de Judá, no reinado de Jeoaquim, que a bíblia diz ter praticado o mal aos olhos do Senhor (2 Cr 36: 5). Esse quadro descrito pelo profeta é compatível com a atitude dessa sociedade e deste governante, descrito por Jeremias (Jr 2: 8; 11; Jr 4: 22; Jr 5: 1; 7-9; 26-31; Jr 13: 9-10; Jr 22: 13; 17; Jr 36: 1-2; 22-23 – o rei lança o rolo no fogo).

'Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás?' – Habacuque pedia a Deus que acabasse com a corrupção de Judá e perguntava por quanto tempo ela continuaria sem ser castigada.

• Hc 1: 5-11 – Judá será castigado pelos caldeus

Deus lhe responde que está preparando os caldeus e descreve a ferocidade dos seus exércitos e seu desprezo por todos os que se atrevessem em seu caminho.

• Hc 1: 5: "Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos e desvanecei, porque realizo, em vossos dias, obra tal, que vós não crereis, quando vos for contada [NVI: Olhem as nações e contemplem-nas, fiquem atônitos e pasmem; pois nos dias de vocês farei algo em que não creriam se lhes fosse contado]".

O Senhor diz ao Seu profeta que vai fazer algo bastante espantoso no meio deles, que nenhuma nação vai acreditar quando souber o que está acontecendo.

• Hc 1: 6-11: "Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga [NVI: cruel] e impetuosa, que marcham pela largura da terra [NVI: por toda a extensão da terra], para apoderar-se de moradas que não são suas. Eles são pavorosos e terríveis, e criam eles mesmos o seu direito e a sua dignidade [NVI: cria a sua própria justiça e promove a sua própria honra]. Os seus cavalos são mais ligeiros do que os leopardos, mais ferozes do que os lobos ao anoitecer são os seus cavaleiros que se espalham por toda parte; sim, os seus cavaleiros chegam de longe [NVI: Seus cavalos vêm a galope], voam como águia que se precipita a devorar. Eles todos vêm para fazer violência; o seu rosto suspira por seguir avante; eles reúnem os cativos como areia [NVI: Suas hordas avançam como o vento do deserto, e fazendo tantos prisioneiros como a areia da praia]. Eles escarnecem dos reis; os príncipes são objeto do seu riso [NVI: Menosprezam os reis e zombam dos governantes]; riem-se de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomam [NVI:

riem de todas as cidades fortificadas, pois constroem rampas de terra e por elas as conquistam]. Então, passam como passa o vento e seguem; fazem-se culpados estes cujo poder [NVI: força] é o seu deus".

Aqui o profeta dá uma descrição dos caldeus: uma nação cruel, impetuosa, com um exército tão numeroso que ocupa a amplitude da terra e avança como o vento do deserto; à força, eles tomam posse de casas que não são suas; os caldeus inspiram pavor e eles criam a sua própria justiça. Seus cavalos são velozes como leopardos e seus cavaleiros são ferozes como os lobos, se espalhando por toda parte. Voam como águias e trazem a violência junto com eles, fazendo um número tão grande de prisioneiros como a areia da praia. Zombam dos governantes e das cidades fortificadas das outras nações, pois eles constroem obras de cerco como nenhum outro povo, e dessa maneira, conquistam o que querem. O deus deles é o poder, a força, e por isso eles acumulam culpa sobre si mesmos, pois não crêem em Deus.

A descrição do exército caldeu dada por Jeremias é parecida; são fortes, poderosos, ferozes e furiosos, e cavalgando em cavalos ligeiros como águias:

"Eis aí que sobe o destruidor *[o rei da Babilônia]* como nuvens; os seus carros, como tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias" (Jr 4: 13a).

"... nação robusta... A sua aljava é como uma sepultura aberta; todos os seus homens são valentes" (Jr 5: 15b-16).

"Assim diz o Senhor: Eis que um povo vem da terra do Norte, e uma grande nação se levanta dos confins da terra. Trazem arco e dardo; eles são cruéis e não usam de misericórdia; a sua voz ruge como o mar, e em cavalos vêm montados, como guerreiros em ordem de batalha contra ti, ó filha de Sião" (Jr 6: 22-23).

"... ao ruído estrepitoso das unhas dos seus fortes cavalos, ao barulho de seus carros, ao estrondo das suas rodas" (Jr 47: 3a).

• Hc 1: 12-17 (A intercessão do profeta): "Não és tu desde a eternidade, ó Senhor, meu Deus, ó meu Santo? **Não morreremos** *[no texto massorético]*. Ó Senhor, para executar juízo, puseste aquele povo; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina [NVI: Senhor, tu não és desde a eternidade? Meu Deus, meu Santo, **tu não morrerás**. SENHOR, tu designaste essa nação para executar juízo; ó Rocha, determinaste que ela aplicasse castigo]. Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar [NVI: Teus olhos são tão puros que não suportam ver o mal; não podes tolerar a maldade]; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente [NVI: os perversos] e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele? Por que fazes os homens como os peixes do mar, como os répteis, que não têm quem os governe? A todos levanta o inimigo com o anzol, pesca-os de arrastão e os ajunta na sua rede varredoura; por isso, ele se alegra e se regozija [NVI: O inimigo puxa todos com anzóis, apanha-os em sua rede e nela os arrasta; então alegra-se e exulta]. Por isso, oferece sacrifício à sua rede e queima incenso à sua varredoura [NVI: em sua honra]; porque por elas enriqueceu a sua porção, e tem gordura a sua comida [NVI: pois, graças à sua rede, vive em grande conforto e desfruta iguarias]. Acaso, continuará, por isso, esvaziando a sua rede e matando sem piedade os povos?"

O profeta está num dilema, e pergunta: se Deus é santo, por que permitir tamanha atrocidade, não só com Seu povo, mas com outros povos que os caldeus matam sem piedade? Ele os compara a um pescador que pesca outras nações de arrastão com uma rede, tão grande é o número de pessoas que eles levam para sua terra como cativos. Esses povos prisioneiros são, aos olhos do profeta, como peixes do mar ou répteis, sem um líder, sem um defensor, sem alguém que fale por eles.

E o inimigo depois oferece sacrifício aos seus deuses em honra da sua rede de pesca, porque graças ela, enriquece e vive em grande conforto, desfrutando do que caiu nela.

Ele diz: 'Não morreremos *[no texto massorético]*. Ó Senhor, para executar juízo, puseste aquele povo; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina' – ele reconhece que o Senhor escolheu os caldeus para exercerem a disciplina sobre Seu povo, mas este ainda é o Seu povo. Ele diz 'não morreremos', como uma maneira de afirmar sua fé de que mesmo debaixo de tanto sofrimento, o Senhor ainda é capaz de livrá-los. Ele não os destruirá por completo.

Capitulo 2

• Hc 2: 1-5 – A resposta do Senhor

O profeta espera que Deus resolva seu conflito interno. Então ele fica atento ('torre de vigia') e a resposta vem confirmando que o orgulho dos caldeus os destruirá, e a fidelidade do justo será sua salvação.

• Hc 2: 1: "Pôr-me-ei na minha torre de vigia [NVI: posto de sentinela], colocar-me-ei sobre a fortaleza [NVI: sobre a muralha] e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa".

Talvez o profeta ficasse sobre a muralha ('fortaleza') observando o horizonte para ver se o inimigo já estava vindo, ou talvez fosse um lugar onde podia falar mais livremente com Deus sem que outros ouvissem. O que podemos dizer é que 'torre de vigia' ou 'posto de sentinela' significa que ele estava atento à voz do Senhor e esperaria pela Sua resposta, pois tinha certeza de que sua oração foi ouvida.

• Hc 2: 2-5: "O Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo [NVI: 'para que se leia facilmente', ou 'para que todo o que a ler corra']. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim [NVI: ela fala do fim] e não falhará; se tardar, espera-o *[o fim],* porque, certamente, virá, não tardará. Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé. Assim como o vinho é enganoso, tampouco permanece o arrogante, cuja gananciosa boca se escancara como o sepulcro e é como a morte, que não se farta; ele ajunta para si todas as nações e congrega todos os povos [NVI: e ajunta para si todos os povos]".

O Senhor responde ao profeta que ele deveria guardar a visão e escrever, para que todos pudessem ler facilmente; a NVI coloca como uma nota que a frase pode ser lida como: 'para que todo o que a ler corra', o que nos faz pensar que a visão era realmente forte, e Ele queria que Seu povo entendesse a gravidade da situação.

Deus confirma que a visão está para se cumprir em breve, num tempo que já está determinado por Ele, mas fala que a situação atual terá um fim e a palavra profética será cumprida. Mesmo que pareça demorar o fim virá, e não tardará. Os soberbos caldeus encontrarão sua ruína, pois a soberba será a causa da sua queda.

• 'Sua alma não é reta nele' ou 'Seus desejos não são bons' (NVI) – Deus sabia que, mesmo sendo Seu instrumento de castigo contra Judá, os caldeus eram arrogantes, e seu coração não era inclinado à misericórdia ou piedade. Eles tinham desejos maus no seu coração. Mas os justos, pela sua fidelidade e pela sua fé, encontrariam a salvação, a saída para sua dor, pois o Senhor lutaria por eles e os protegeria. Se o mal estava vindo sobre uma nação pecaminosa para correção, Deus tinha olhos para distinguir os retos de coração que haviam restado no meio dela. Eles seriam protegidos; Ele conhece os que Lhe pertencem.

O arrogante, movido pela avidez e pela ganância, que é insaciável nos seus desejos, não permanecerá, como o vinho engana os inconseqüentes com uma falsa e temporária alegria, mas que depois passa, e a realidade se mostra como é.

• 'Ele ajunta para si todas as nações e congrega todos os povos' – ele, o arrogante, é uma alusão a Nabucodonosor, o rei da Babilônia, que teve poder sobre muitos povos e nações e viveu no luxo e na riqueza do palácio, mas teve o seu fim. Deus o humilhou na sua doença (nos sete anos de loucura) até fazê-lo reconhecer que Deus era Senhor sobre

os homens e Seu reino era dado a quem Ele queria. A belíssima cidade que corrompia nações com seu poder, feitiçarias e fascinação foi destruída até o pó, e dela só restaram ruínas.

• Hc 2: 6-20 – Cinco ais sobre os caldeus

Este é um cântico de zombaria dirigido aos caldeus, como conseqüência da sua desumanidade.

• Hc 2: 6-8: "Não levantarão, pois, todos estes contra ele um provérbio, um dito zombador? Dirão: Ai daquele que acumula o que não é seu (até quando?), e daquele que a si mesmo se carrega de penhores! [NVI: Ai daquele que amontoa bens roubados e enriquece mediante extorsão! Até quando isto continuará assim?] Não se levantarão de repente os teus credores? E não despertarão os que te hão de abalar? Tu lhes servirás de despojo [NVI: Agora você se tornará vítima deles]. Visto como despojaste a muitas nações, todos os mais povos te despojarão a ti, por causa do sangue dos homens e da violência contra a terra, contra a cidade e contra todos os seus moradores [NVI: Pois você derramou muito sangue, e cometeu violência contra terras, cidades e seus habitantes]".

'Não levantarão,... contra ele um provérbio, um dito zombador?' – contra 'ele', os soberbos, os perversos, personificados aqui em Nabucodonosor, a figura de Satanás, que instiga os que são dele a cometerem as mesmas maldades. Deus é que está, na verdade, proferindo um ditado zombador, não o profeta, pois se segue ao v. 5 da parte anterior do capítulo, onde foi falado sobre a sorte do soberbo, do arrogante, que não o teme.

O primeiro 'ai' – contra aquele que amontoa bens roubados e enriquece mediante extorsão. Apesar do medo que ele infunde nos pequenos, um dia os maiores se levantarão para meter medo nele e virão cobrá-lo, e ele se tornará o despojo deles [NVI: vítima deles]. Da mesma forma que ele despojou nações, os povos o despojarão por causa da sua violência que veio e derramou o sangue dos habitantes de muitas terras e cidades. Espiritualmente falando, os credores são os demônios que acham uma legalidade para atormentar os que cometem perversidade e não se voltam para Deus. Eles se acham ricos e poderosos, mas serão cobrados por causa de suas más ações.

• Hc 2: 9-11: "Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal adquiridos, para pôr em lugar alto o seu ninho, a fim de livrar-se das garras do mal! Vergonha maquinaste para a tua casa; destruindo tu a muitos povos, pecaste contra a tua alma [NVI: Você tramou a ruína de muitos povos, envergonhando a sua própria casa e pecando contra a sua própria vida]. Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento [NVI: responderão contra você]".

O segundo 'ai' – contra aquele que obtém lucros injustos para sua casa, para guardar esse dinheiro em lugar seguro, como uma proteção contra o mal, pois pode usá-lo até para subornar seus acusadores. O homem que assim faz, tramando a ruína de muitos povos, acaba enlaçando sua própria alma e envergonha toda a sua casa, pois sempre haverá quem o denuncie, nem que sejam as pedras da parede. Isso quer dizer que ninguém passa escondido de nenhuma má ação que cometa, nenhum roubo, e que a própria consciência da pessoa o acusará, mais cedo ou mais tarde.

• Hc 2: 12-14: "Ai daquele que edifica a cidade com sangue e a fundamenta com iniqüidade! [NVI: a estabelece com crime]. Não vem do Senhor dos Exércitos que as nações labutem para o fogo e os povos se fatiguem em vão? [NVI: Acaso não vem do

Senhor dos Exércitos que o trabalho dos povos seja só para satisfazer o fogo, e que as nações se afadiguem em vão?]. Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar".

O terceiro 'ai' – contra aquele que edifica uma cidade com sangue e a estabelece com crime, ou seja, o que governa uma cidade e a estabelece sobre um espírito de violência e fomenta o crime. É do Senhor que vem a determinação de que os ímpios ('os povos') trabalhem em vão, pois seu trabalho inútil e mal intencionado só serve para o fogo, não terá frutos e, portanto, será destruído. A ganância e a futilidade do mundo não levam a nada, e tudo será destruído pelo fogo do juízo de Deus. Mas o trecho termina dizendo que a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar, ou seja, todos conhecerão a diferença entre o que serve a Deus e o que não O serve, entre o trabalho santo dos filhos de Deus e o trabalho dos filhos do maligno. A terra, a nação de Israel e Judá e as nações gentias, os remanescentes santos, conhecerão plena e abundantemente a glória da presença de Deus. Isaías disse a mesma coisa em relação ao reino Messiânico (Is 11: 9). Assim, mesmo que o perverso permanecesse, o Messias viria trazendo a Sua presença de justiça e paz; e a violência, o crime e a iniqüidade dos povos seriam banidos da Sua presença.

• Hc 2: 15-17: "Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro, misturando à bebida o seu furor [nota NVI: ou 'veneno'], e que o embebeda para lhe contemplar as vergonhas! [NVI: a nudez]. Serás farto de opróbrio em vez de honra; bebe tu também e exibe a tua incircuncisão [NVI: e exponha-se]; chegará a tua vez de tomares o cálice da mão direita do Senhor, e ignomínia cairá sobre a tua glória. Porque a violência contra o Líbano te cobrirá [NVI: A violência que você cometeu contra o Líbano o alcançará], e a destruição que fizeste dos animais ferozes te assombrará [NVI: e você ficará apavorado com a matança, que você fez, de animais], por causa do sangue dos homens e da violência contra a terra, contra a cidade e contra todos os seus moradores".

O quarto 'ai' – contra aquele que se embriaga com o vinho e com o sangue resultante da loucura da sua violência. Ai daquele que embebeda o seu companheiro para envergonhá-lo, para expor a sua nudez física e a sua nudez de alma. O cálice de que o v.15 fala não é só o cálice do vinho da videira, que embriaga, mas também o cálice do sangue inocente que foi derramado (v. 17), como os caldeus fizeram na devastação do Líbano, com homens e animais selvagens, mortos pela sua fúria. A vergonha virá sobre quem fez isso, e chegará a sua vez de tomar de um cálice mais amargo, o cálice da ira de Deus ('o cálice da mão direita do Senhor'). Sua honra se transformará em desprezo e vexame.

• Hc 2: 18-20: "Que aproveita o ídolo, visto que o seu artífice o esculpiu? E a imagem de fundição, mestra de mentiras, para que o artífice confie na obra, fazendo ídolos mudos? Ai daquele que diz à madeira: Acorda! E à pedra muda: Desperta! Pode o ídolo ensinar? Eis que está coberto de ouro e de prata, mas, no seu interior, não há fôlego nenhum. O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra".

O quinto 'ai' – contra a idolatria. O ídolo engana até aquele que o fez, para que confie em sua própria obra, achando que aquilo pode salvá-lo. O ídolo é um pedaço de metal sem vida, mas o Senhor é Deus, e diante dele toda a terra se cala.

Capitulo 3

A oração de Habacuque

Sua oração é em forma de cântico, não só descrevendo a revelação de Deus vindo em Sua majestade, trazendo o Seu juízo sobre Seu povo e sobre Seus inimigos, como afirmando sua fé nEle até que toda a Sua vontade se cumpra.

O versículo 2 da oração de Habacuque (Hc 3: 1-19) tem sido muito usado por muitos servos de Deus como uma inspiração para suplicar a Ele pelo avivamento, mas podemos ver também que essa oração nos mostra a majestade e o poder do Senhor julgando as nossas causas e respondendo ao inimigo com a mesma violência que ele usou contra nós. Deus salvará sempre os Seus ungidos, mesmo que tenha sido levado a discipliná-los pelas suas transgressões. Da mesma forma que o profeta Habacuque sentindo-se alarmado e impotente diante daquilo que não poderia mudar (Hc 3: 2), vendo e prevendo a destruição e a desolação, nós também podemos manter firme a nossa fé no Senhor, tendo a certeza de que toda provação será superada, e no final de tudo Ele fará justiça e nos trará a honra, pois Ele mesmo nos ajudou a permanecer firmes na Sua promessa e na Sua palavra (Hc 3: 17-19) e nos fez superar os obstáculos, colocando-nos num patamar de entendimento maior ('e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente').

• Hc 3: 1-2 "Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto. Tenho ouvido, ó Senhor, as tuas declarações, e me sinto alarmado [NVI: tremo diante dos teus atos]; aviva a tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida [NVI: Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras, faze-as conhecidas em nosso tempo]; na tua ira, lembra-te da misericórdia".

O profeta fala que a declaração de Deus o deixou pasmo, alarmado, com temor por ver do que Ele é capaz. Então, ele pede que o Senhor realize em sua época o mesmo que fez no passado e que faça Suas obras conhecidas para todos os que vivem naquele tempo, antes dos setenta anos de cativeiro que virão. Mas pede também que na Sua ira Ele se lembre da Sua misericórdia. Que a Sua punição não dizime totalmente Seu povo.

• Hc 3: 3-4: "Deus vem de Temã, e do monte Parã vem o Santo. A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor. O seu resplendor é como a luz, raios brilham da sua mão; e ali está velado o seu poder [NVI: onde se escondia o seu poder]".

Aqui, o profeta faz menção da majestade de Deus nos tempos antigos, onde Ele apareceu sobre o Sinai e onde Seu povo peregrinou após a saída do Egito. Habacuque viu o Senhor vindo de Temã (Hc 3: 3). Temã (têmãn) era neto de Esaú (Gn 36: 11; 1 Cr 1: 36), e talvez tenha dado seu nome ao distrito ao norte de Edom (Jr 49: 20; Ez 25: 13; Am 1: 12; Ob 9). Seus habitantes eram famosos por causa de sua sabedoria (Jr 49: 7; Ob 8 e seg.). Elifaz, o temanita, foi um dos consoladores de Jó (Jó 2: 11). Um príncipe de Temã é nomeado entre os chefes de Edom (Gn 36: 15; 42; 1 Cr 1; 53), e Husã (Husão) foi um de seus primeiros governantes (Gn 36: 34). Embora a localização exata de Temã permaneça desconhecida, há fortes evidências a favor da cidade Jordaniana de Ma'ãn. Havia muitas nascentes de água na região, e isso a tornava atraente para as caravanas entre a Península Arábica e o Levante.

Habacuque também diz que vê o Santo vindo de Parã. Parã é um deserto situado na região centro-oriental da península do Sinai, a nordeste do Sinai tradicional e a sudoeste de Cades, com a Arabá e o Golfo de Aqaba em sua fronteira oriental. Para lá Abraão

enviou Ismael e Agar (Gn 21: 21). Fez parte dos locais de parada dos Israelitas em sua peregrinação pelo deserto (Nm 10: 12; Nm 12: 16), e de lá Moisés enviou os espias para investigar as condições da terra de Canaã (Nm 13: 3; 26). Foi atravessado por Hadade, o edomita, em sua fuga para o Egito (1 Rs 11: 18). O Monte Parã do cântico de Moisés (Dt 33: 2) e aqui em Habacuque (Hc 3: 3), provavelmente era um pico proeminente na serra montanhosa na margem ocidental do Golfo de Aqaba.

De qualquer forma, o profeta estava dizendo que o Senhor ali mostrou Sua glória, e ele gostaria de ver isso outra vez. Ele exalta a majestade de Deus e diz que Ele é digno de louvor. Na sua visão, ele fala do resplendor da glória de Deus naquele lugar, e que raios brilhavam da mão do Senhor, da Sua mão de poder, que estava escondido dos homens.

• Hc 3: 5-6: "Adiante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos [NVI: Pragas iam adiante dele; doenças terríveis seguiam os seus passos]. Ele pára e faz tremer a terra; olha e sacode as nações. Esmigalham-se os montes primitivos [NVI: Montes antigos se desmancharam]; os outeiros eternos se abatem [NVI: colinas antiqüíssimas se desfizeram]. Os caminhos de Deus são eternos".

Habacuque descreve as maravilhas realizadas por Deus ao guiar Seu povo, livrando-o dos seus inimigos. Os poderes da natureza foram abalados e o curso da natureza mudou.

'Os caminhos de Deus são eternos' – isso significa que Seus caminhos são imutáveis e desconhecidos para os homens. Ele traça a rota de cada filho Seu em cima da terra.

• Hc 3: 7: "Vejo as tendas de Cusã em aflição; os acampamentos da terra de Midiã tremem [NVI: tremiam as cortinas das tendas de Midiã]".

Cusã era um termo arcaico que designava os midianitas, os quais, como nômades, chegaram depois até a Síria (em Cananeu, 'Aram', 'terras altas', o antigo nome da Síria). Talvez, por isso, a bíblia diga que Cusã-Risataim (rei da Mesopotâmia – 'Aram' ou 'Aram Naharayim') dominou os Israelitas por oito anos, após a morte do último juiz, Otniel (Jz 3: 7-10). Pode haver uma relação entre os dois nomes. Midiã era o nome da terra localizada ao Noroeste da península Arábica, próxima ao Golfo de Aqaba, nas fronteiras da Transjordânia com Moabe e Edom, e cujo fundador foi Midiã, um filho de Abraão e Quetura (Gn 25: 1-4; 1 Cr 1: 32). Midiã significa 'contenda'. Moisés se refugiou em Midiã, quando fugiu de Faraó (Êx 2: 15). No tempo dos juízes, os midianitas oprimiram Israel por sete anos (Jz 6: 1; Jz 6: 11), e Deus levantou Gideão para libertá-los. Os midianitas montavam os camelos dos amalequitas, que eram nômades encontrados no Neguebe e no Sinai. Amaleque ('belicoso') era descendente de Esaú (Gn 36: 12) e pelejou contra Israel quando este se achava em Refidim (chamado por Moisés de 'Massá e Meribá' por causa da contenda do povo. 'Massá' significa 'provação' ou 'provocação'; e 'Meribá', 'rebelião'), cansado e sedento, após ter fugido do Egito. Israel o venceu e o Senhor prometeu riscar sua memória da terra (Êx 17: 8-16; Dt 25: 17-19).

Quando Habacuque fala 'Vejo as tendas de Cusã em aflição; os acampamentos da terra de Midiã tremem [NVI: tremiam as cortinas das tendas de Midiã]' ele está falando, provavelmente, sobre a vitória que Deus deu a Gideão, fazendo com que os midianitas matassem a si mesmos.

• Hc 3: 8-10: "Acaso, é contra os rios, Senhor, que estás irado? [NVI: que estavas irado] É contra os ribeiros a tua ira ou contra o mar, o teu furor, já que andas montado

nos teus cavalos, nos teus carros de vitória? [NVI: quando cavalgaste com os teus cavalos e com os teus carros vitoriosos?] Tiras a descoberto o teu arco, e farta está a tua aljava de flechas [NVI: Preparaste o teu arco; pediste muitas flechas]. Tu fendes a terra com rios [NVI: Fendeste a terra com rios]. Os montes te vêem e se contorcem; passam torrentes de água; as profundezas do mar fazem ouvir a sua voz e levantam bem alto as suas mãos [NVI: os montes te viram e se contorceram. Torrentes de água desceram com violência; o abismo estrondou, erguendo as suas ondas]".

Nestes versículos parece que Habacuque está se referindo poeticamente a todos os momentos que Deus se levantou para salvar Seu povo, como um guerreiro que remove o arco de sua aljava para atirar as flechas. Davi escreveu isso de outra maneira no Salmo 18 (Sl 18: 14): "Despediu suas setas e espalhou os meus inimigos, multiplicou os seus raios e os desbaratou".

Também mostra como a natureza reage à presença, à vontade ou à ira de Deus:

'As profundezas do mar fazem ouvir a sua voz e levantam bem alto as suas mãos' ou 'o abismo estrondou, erguendo as suas ondas' pode ser uma referência à passagem pelo Rio Jordão ou pelo Mar Vermelho, quando as águas que foram afastadas pelo vento do Senhor apresentavam ondas revoltas dos dois lados do caminho dos israelitas (Js 3: 16; Êx 14: 22), ou se referir de uma maneira geral ao comportamento do mar quando se torna mais agitado, e que na bíblia foi uma maneira de mostrar às pessoas o desprazer de Deus com certas coisas (Jonas, por exemplo: Jn 1: 4; 11-12; 15)

'Tu fendes a terra com rios' ou 'Fendeste a terra com rios'...

... 'Os montes te vêem e se contorcem; passam torrentes de água [NVI: Torrentes de água desceram com violência]' – o Senhor também fez estremecer a terra e abriu as torrentes do céu trazendo copiosa chuva para fazer cessar a ira do inimigo, como aconteceu no Ribeiro de Quisom (Jz 5: 4-5; 20-22) no tempo de Débora.

Também podemos ver esse tipo de descrição no livro de Salmos:

• Sl 18: 7-9: "Então, a terra se abalou e tremeu, vacilaram também os fundamentos dos montes e se estremeceram, porque ele se indignou... Baixou ele os céus, e desceu, e teve sob os pés densa escuridão".

• Sl 68: 9: "Copiosa chuva derramaste, ó Deus, para a tua herança; quando já ela estava exausta, tu a restabeleceste".

• Sl 77: 16-20: "Viram-te as águas, ó Deus; as águas te viram e temeram, até os abismos se abalaram. Grossas nuvens se desfizeram em água; houve trovões nos espaços; também as suas setas cruzaram de uma parte para outra. O ribombar do teu trovão ecoou na redondeza; os relâmpagos alumiaram o mundo; a terra se abalou e tremeu. Pelo mar foi o teu caminho; as tuas veredas, pelas grandes águas; e não se descobrem os teus vestígios. O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão".

• Sl 114: 3-8: "O mar viu isso e fugiu; o Jordão tornou atrás. Os montes saltaram como carneiros, e as colinas, como cordeiros do rebanho. Que tens, ó mar, que assim foges? E tu, Jordão, para tornares atrás? Montes, por que saltais como carneiros? E vós, colinas, como cordeiros do rebanho? Estremece, ó terra, na presença do Senhor, na presença do Deus de Jacó, o qual converteu a rocha em lençol de água e o seixo, em manancial".

• Hc 3: 11-14: "O sol e a lua param nas suas moradas, ao resplandecer a luz das tuas flechas sibilantes, ao fulgor do relâmpago da tua lança. Na tua indignação, marchas pela terra, na tua ira, calcas aos pés as nações [NVI: Com ira andaste a passos largos por toda a terra e com indignação pisoteaste as nações]. Tu sais para salvamento do teu povo, para salvar o teu ungido; feres o telhado da casa do perverso e lhe descobres de todo o

fundamento [NVI: Saíste para salvar o teu povo, para libertar o teu ungido. Esmagaste o líder da nação ímpia, tu o desnudaste da cabeça aos pés]. Traspassas a cabeça dos guerreiros do inimigo com as suas próprias lanças, os quais, como tempestade, avançam para me destruir; regozijam-se, como se estivessem para devorar o pobre às ocultas [NVI: como se estivessem prestes a devorar o necessitado em seu esconderijo]".

'O sol e a lua param nas suas moradas, ao resplandecer a luz das tuas flechas sibilantes, ao fulgor do relâmpago da tua lança' – diz respeito a Josué (Js 10: 12-15), quando o Senhor lhe deu vitória sobre os cinco reis amorreus. Josué disse ao Senhor na presença dos israelitas: "Sol, detém-te em Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom" (Js 10: 12b). E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos (Js 10: 13a), e não houve nenhum dia igual a esse porque o Senhor lutou por eles (Js 10: 14). Os versículos 12-14 de Habacuque capítulo 3 descrevem a ação sobrenatural de Deus na batalha, como também foi escrito em Js 10: 10-11: "O Senhor os conturbou diante de Israel, e os feriu com grande matança em Gibeão, e os foi perseguindo pelo caminho que sobe a Bete-Horom, e os derrotou até Azeca e Maquedá. Sucedeu que, fugindo eles de diante de Israel, à descida de Bete-Horom, fez o Senhor cair do céu sobre eles grandes pedras, até Azeca, e morreram. Mais foram os que morreram pela chuva de pedra do que os mortos à espada pelos filhos de Israel".

O interessante é que no v.14 Habacuque escreve: "Traspassas a cabeça dos guerreiros do inimigo com as suas próprias lanças, os quais, como tempestade, avançam para **me** destruir; regozijam-se, como se estivessem para devorar o pobre às ocultas". Ele usa o pronome pessoal 'me' como se estivesse participando daquela batalha e se identificasse com os israelitas; ou como se a mesma coisa estivesse acontecendo com ele no momento daquele cântico, se sentindo assim por causa da invasão futura dos caldeus.

• Hc 3: 15: "Marchas com os teus cavalos pelo mar, pela massa de grandes águas [NVI: Pisaste o mar com teus cavalos, agitando as grandes águas]".

Ele recorda aqui a vitória que Deus deu ao Seu povo no Mar Vermelho.

• Hc 3: 16: "Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu [NVI: estremeceu], à sua voz, tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos [NVI: os meus ossos desfaleceram], e os joelhos me vacilaram, pois, em silêncio, devo esperar o dia da angústia, que virá contra o povo que nos acomete [NVI: Tranqüilo esperarei o dia da desgraça, que virá sobre o povo que nos ataca]."

A força da visão e da revelação que Deus deu a ele causaram medo, seus ossos desfaleceram, ele ficou sem forças ('entrou a podridão nos meus ossos') e os joelhos começaram a tremer. E ele diz que em silêncio ele vai esperar 'o dia da angústia, que virá contra o povo que nos acomete', se referindo não mais à punição de Deus contra Judá, mas ao juízo de Deus contra os babilônios, o povo que os acomete.

• Hc 3: 17-19: "Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente [NVI: faz-me andar em lugares altos]. Ao mestre de canto. Para instrumentos de cordas".

Habacuque termina o cântico afirmando sua confiança na misericórdia divina, mesmo que a terra esteja desolada e sem frutos e não haja animais nos pastos. Isso

significa que quando tudo se foi, o nosso Deus não se foi; ainda há uma esperança. O Senhor é a salvação e a fortaleza onde podemos nos abrigar.

'Faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente [NVI: em lugares altos]' – quer dizer que Deus o faz superar as montanhas de dificuldades de cabeça erguida. A corça é um animal que tem os pés preparados para galgar as montanhas ('lugares altos') sem escorregar, pois ela salta sobre as rochas.

Conclusão:

Ao falar de Habacuque, nós estamos falando do zelo do Senhor pelo Seu povo, apesar do seu pecado, punindo também aqueles que zombam do seu sofrimento e do Seu zelo pela Sua própria santidade, pois quando Seus escolhidos cometem iniqüidades e atrocidades, Seu nome santo é envergonhado. O que Ele pede de nós é a humildade e a verdadeira adoração. Dessa forma, o profeta deve ser um instrumento de zelo do Senhor onde há pecado, irreverência, abominação, falta de temor e desconhecimento do Deus verdadeiro. Não deve permitir que o mundo o influencie ou que as coisas do maligno e da carne o seduzam e o desviem da verdade, pois tudo isso deixa uma mácula no nosso espírito e fere o Espírito Santo que está em nós. Devemos saber que o amor e a misericórdia do Senhor estarão sempre disponíveis para todos aqueles que se arrependem sinceramente do seu erro e que a Sua restauração é completa, removendo de nós toda a acusação do inimigo. É Ele que nos justifica perante os que nos humilharam e nos eleva perante os que desejaram nos ver cair. Quando estamos no centro da Sua vontade, Sua proteção e a Sua justiça estão sobre nós. Devemos interceder como Habacuque por aqueles que estão no erro, mas não carregar o fardo pelos seus pecados e pela sua rebeldia e idolatria. Quando o pecador rejeita a correção através da boca do intercessor e do profeta, é hora de parar de orar e deixar a vontade soberana de Deus entrar em ação para disciplinar, convencer do erro, do pecado, da justiça, do juízo e, assim, vindicar Sua própria santidade.

Daremos seqüência ao nosso estudo com o volume 3:
https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores1.pdf
https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores3.pdf